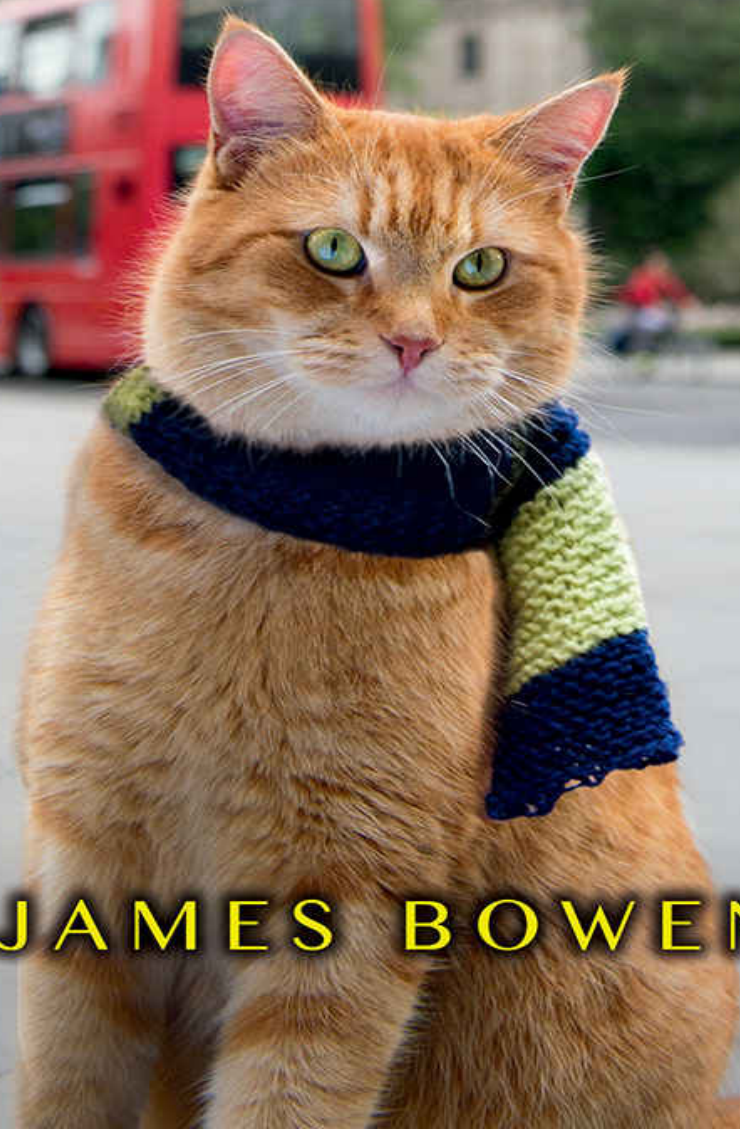


A continuação do best-seller *Um gato de rua chamado Bob*

O Mundo pelos Olhos de BOB

AS NOVAS AVENTURAS DE
JAMES E SEU GATO



JAMES BOWEN







Sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Notas](#)

O Mundo pelos Olhos de
BOB

As aventuras de James e seu gato continuam



James Bowen

Tradução
Robson Falchetti Peixoto



Copyright © James and Bob Ltd & Connected Content Ltd, 2013

Título original: The world according to Bob

Copyright © 2014 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico de fotocópia, sem permissão por escrito da Editora.

Versão digital – 2014

Produção Editorial:

Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bowen, James

O mundo pelos olhos de Bob James Bowen ; tradução Robson Falchetti Peixoto. -

- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: The world according to Bob.

ISBN 978-85-8163-422-7

1. Autoajuda 2. Bowen, James, 1979 - 3. Gatos

4. Memórias autobiográficas 5. Relacionamentos humanos-animais I. Título.

13-12502 | CDD-636.800929

Índices para catálogo sistemático:

1. Gatos : Relacionamentos humanos-animais :
Biografia 636.800929



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.editoranovoconceito.com.br

Para todos aqueles que dedicam
sua vida a ajudar os necessitados
e os animais abandonados

*Existe algo na presença de um gato...
que parece arrancar um pedacinho da solidão.*

LOUIS CAMUTI



*Se pudesse haver o cruzamento entre a espécie humana e o gato,
por certo melhoraria o homem, mas pioraria o gato.*

MARK TWAIN





Capítulo 1

O vigia noturno

Havia sido um dia daqueles. Tudo o que poderia dar errado deu errado.

Começou quando meu despertador não tocou e eu dormi mais do que devia. Assim, eu e meu gato, Bob, nos atrasamos para pegar o ônibus perto do meu apartamento em Tottenham, ao norte de Londres. Estávamos a caminho de Islington, onde eu vendia a revista *The Big Issue*, uma publicação sobre os sem-teto. A viagem não durara nem cinco minutos quando as coisas passaram de mal a pior.

Meu gato Bob estava sentado em sua posição habitual, meio adormecido no banco ao meu lado, quando subitamente levantou a cabeça, olhando em volta com desconfiança. Nos dois anos em que nos conhecíamos, a capacidade de Bob para farejar confusão sempre foi praticamente infalível. Em instantes o ônibus foi tomado por um cheiro forte de queimado e o motorista, em pânico, declarou nossa viagem encerrada. Todos tínhamos de descer — imediatamente.

Não foi exatamente a evacuação do Titanic, mas o ônibus estava com três quartos de lotação, por isso houve muito empurra-empurra e gente se acotovelando, o maior caos. Bob não parecia estar com pressa, então deixamos os outros irem na frente e ficamos entre os últimos a sair, o que, como vimos depois, foi uma sábia decisão. Realmente havia um cheiro horrível no ônibus, mas pelo menos estava quente lá dentro.

Descemos e paramos em frente a um novo canteiro de obras. O vento veloz e gelado nos açoitava.

Fiquei contente por ter enrolado às pressas, ao acordar, um cachecol de lã particularmente grosso no pescoço de Bob.

O problema revelou-se nada mais sério do que um motor superaquecido, porém o motorista tinha de esperar um mecânico da empresa para consertá-lo. Assim, em meio a muito resmungo e reclamação, cerca de duas dúzias de nós fomos deixados na calçada gelada por quase meia hora, enquanto aguardávamos um outro ônibus.

O trânsito do fim da manhã estava terrível, por isso, Bob e eu saltamos em Islington Green após mais de uma hora e meia de viagem. Estávamos muitíssimo atrasados. Eu perderia o corre-corre da hora do almoço, um dos momentos mais lucrativos para vender minha revista.

Como sempre, os cinco minutos de caminhada até o nosso ponto de venda, a estação de metrô Angel, eram repletos de interrupções. Era sempre assim quando Bob estava comigo. Eventualmente eu caminhava com ele preso a uma falsa corrente comprida, feita de cadarço, mas na maioria das vezes ele seguia empoleirado em meus ombros, observando curiosamente o mundo, como se fosse o vigia na proa de um navio. Não era algo que as pessoas estivessem acostumadas a ver todos os dias, então nunca conseguíamos andar mais de dez metros sem alguém nos parar para acariciá-lo ou tirar uma foto. Isso não me incomodava, de jeito nenhum. Bob é um companheiro carismático, de aparência formidável, e eu sei que ele gosta de atenção, desde que o sujeito seja amigável — mas, infelizmente, isso não se pode garantir.

A primeira pessoa a nos parar neste dia foi uma senhorinha russa, que pelo jeito sabia tanto lidar com gatos quanto eu sabia recitar poesia russa.

— Oh, *koschka*, tão bonito! — disse ela, pegando na minha gola em Camden Passage, a viela de restaurantes, bares e lojas de antiguidades que corre ao longo da parte sul de Islington Green. Parei para que ela o cumprimentasse, mas ela imediatamente

ergueu a mão até Bob e tentou tocá-lo no nariz. Um movimento nada inteligente.

A reação instantânea do meu gato foi atacar, repelindo-a com um movimento furioso da pata e um *miaaaaaau!* bem alto e enfático. Felizmente ele não chegou a arranhá-la, no entanto a deixou um pouco abalada, por isso tive de gastar alguns minutos para ver se ela estava bem.

— Tudo bem, tudo bem. Eu só quero ser amiga — disse a senhora. Ela estava branca feito uma folha de papel. Era bastante idosa, e fiquei preocupado que pudesse enfartar e capotar ali mesmo.

— Nunca faça isso com um animal, senhora — eu disse, o mais educado e sorridente possível. — Como a senhora reagiria se alguém tentasse colocar a mão em seu rosto? Sorte sua ele não tê-la arranhado.

— Eu não queria perturbá-lo — ela declarou.

Senti um pouco de pena.

— Venham cá vocês dois, vamos ser amigos — disse eu, tentando atuar como pacificador.

Bob foi relutante, pois já tinha formado sua opinião, mas no fim das contas cedeu, permitindo que ela passasse a mão, bem delicadamente, ao longo da parte de trás de seu pescoço. A senhorinha ficou se desculpando muito, e foi bem difícil nos livrarmos dela.

— Eu sinto muito, sinto muito — ela repetia sem parar.

— Não tem problema — eu lhe dizia, já desesperado para ir embora.

Quando finalmente nos desvencilhamos e chegamos à estação, coloquei a mochila na calçada para que Bob pudesse se esticar sobre ela — nossa rotina habitual —, e então comecei a preparar a pilha de revistas que, na véspera, eu tinha comprado do

coordenador local do projeto. Estabeleci uma meta de vendas de pelo menos duas dúzias, pois, como sempre, eu estava precisando do dinheiro.

Lá estava eu, mais uma vez frustrado.

Nuvens cinzentas sinistras pairavam sobre Londres desde o meio da manhã. Antes que eu vendesse uma única revista, começou a chover forte, obrigando Bob e eu a nos abrigarmos a poucos metros do nosso ponto, em uma passagem subterrânea perto de um banco e de alguns edifícios empresariais.

Bob é uma criatura alegre, mas detesta chuva, especialmente quando é do tipo congelante como a que estava caindo, então se encolheu todo. Seu pelo cor de marmelada sempre parecia ficar um pouco mais acinzentado e menos notável. Como seria de esperar, menos pessoas pararam para mimá-lo, de modo que vendi menos revistas do que o habitual.

Como a chuva não dava sinal de trégua, Bob foi logo deixando claro que não queria se demorar ali. Lançando-me olhares fulminantes, torceu-se até virar uma bola, como uma espécie de ouriço cor de laranja. Entendi a mensagem, porém conhecia a realidade. O fim de semana estava se aproximando, e eu precisava ganhar algum dinheiro para nos manter. Minha pilha de revistas ainda estava tão grande quanto no momento em que chegamos.

Como se o dia não estivesse indo mal o suficiente, no meio da tarde um jovem policial começou a implicar comigo. Não era a primeira vez, e eu sabia que não seria a última, mas eu realmente não precisava dessa perturbação naquele instante. Eu conhecia a lei; estava perfeitamente no direito de vender revistas ali. Eu tinha minha credencial de vendedor ambulante e, a menos que estivesse incomodando o público, poderia vender revistas ali entre o amanhecer e o pôr do sol. Infelizmente, ele parecia não ter nada melhor para fazer e insistiu em me aporrinhar. Não sei por que ele me revistou, presumivelmente em busca de drogas ou de uma arma perigosa, mas não encontrou nenhuma das duas coisas. Não

satisfeito, ele passou a fazer perguntas sobre Bob. Expliquei que ele estava legalmente registrado em meu nome e que tinha um microchip implantado na pele. Isso pareceu deixar o policial ainda mais mal-humorado, e ele se retirou com um olhar quase tão severo quanto o mau tempo.



Insisti no meu ponto de venda por mais algumas horas, mas lá pelo início da noite, quando o pessoal dos escritórios já havia ido para casa e as ruas começavam a ser tomadas por bebedores e adolescentes procurando confusão, decidi dar o expediente por encerrado.

Eu estava desalentado; mal tinha vendido dez revistas, uma fração do que eu esperava vender. Porém já havia vivido à base de latas de feijão barato com nacos de pão ainda mais barato, então sabia que não morreria de fome. Tinha dinheiro suficiente para comprar gás, pagar a conta de luz e ainda comprar uma ou duas refeições para Bob. Mas eu precisaria trabalhar de novo no fim de semana, algo que realmente não queria fazer, sobretudo porque havia previsão de mais chuva e eu andava me sentindo um pouco indisposto, com tendência a piorar.

Quando me sentei no ônibus de volta para casa, senti os primeiros sinais da gripe em meus ossos doloridos e ondas de calor. “Excelente. Era tudo de que eu precisava”, pensei, suspirando profundamente em meu assento e me ajeitando para um cochilo.

A essa altura, o céu assumiu um tom muito escuro, e os postes de luz resplandeciam. Havia algo na Londres noturna que fascinava Bob. Enquanto eu tentava cochilar, ele ficou olhando fixamente pela janela, perdido em seu próprio mundo.

O trânsito de volta a Tottenham estava tão ruim como estivera de manhã, e o ônibus avançava lentamente, a passo de lesma. Em algum lugar após Newington Green, devo ter adormecido completamente.

Fui despertado com algo me batendo de leve na perna e bigodes me roçando a bochecha. Abri os olhos. Bob estava com a cara perto da minha, dando-me patadinhas no joelho.

— Que que é? — eu disse, um pouco irritado.

Ele apenas inclinou a cabeça, como se apontasse para a frente do ônibus. Então começou a se movimentar, saindo do assento em direção ao corredor, lançando-me olhares ligeiramente preocupados enquanto seguia adiante. Eu estava prestes a perguntar “Aonde você está indo?”, mas então olhei para a rua e percebi onde estávamos.

— Ah, droga! — lamentei, pulando imediatamente do assento.

Peguei a mochila e dei sinal para o motorista parar bem em cima da hora; mais trinta segundos e teria sido tarde demais. Se não fosse pelo meu pequeno vigia noturno, teríamos perdido o nosso ponto.

A caminho de casa, entrei rapidamente na loja de conveniência na esquina de nossa rua e comprei alguns comprimidos baratos para a gripe. Comprei também alguns petiscos para Bob e um saquinho de seu jantar de frango favorito. Era o mínimo que eu podia fazer depois de tudo. Fora um dia infeliz, e eu até podia sentir pena de mim mesmo. Mas, de volta ao calor da minha quitinete, observando Bob devorar sua ração, percebi que, na verdade, eu não tinha motivos para reclamar. Se eu tivesse ficado cochilando dentro daquele ônibus teria acabado a quilômetros de distância! Olhei pela janela e vi que o tempo estava piorando. E se eu tivesse ficado mais tempo na chuva? Poderia facilmente desenvolver algo bem pior do que uma leve gripe. Tive sorte de escapar...

Eu sabia que era sortudo. Há um velho ditado que diz que o homem sábio não chora pelas coisas que não tem, mas agradece pelas que possui.

Depois do jantar, sentei-me no sofá improvisado, enrolado num cobertor, bebericando uísque aquecido com mel, limão e água morna — o uísque era de uma miniatura antiga que eu tinha largado

por ali. Olhei para Bob, que cochilava perto do aquecedor, seu lugar favorito, os problemas do dia há muito tempo já esquecidos por ele. Eu disse a mim mesmo que deveria ver o mundo como Bob. Afinal, havia tantas coisas boas pelas quais eu deveria ser grato.



Já fazia pouco mais de dois anos que eu havia encontrado Bob ferido, no piso térreo deste mesmo prédio. Quando o avistei à luz sombria do corredor, ele parecia ter sido atacado por outro animal, pois estava com ferimentos na parte de trás das patas e no corpo.

No começo imaginei que pudesse ter um dono, mas, depois de vê-lo no mesmo lugar por alguns dias, levei-o para minha quitinete e cuidei dele até sarar. Tive de desembolsar quase todos os meus centavos para comprar remédios, porém valeu a pena: eu realmente gosto da companhia dele. Nossa ligação foi instantânea.

Pensei que seria uma relação curta. Ele parecia desgarrado, por isso, presumi que naturalmente voltaria às ruas. Mas ele se recusou a sair do meu lado. Todos os dias eu o colocava para fora e tentava fazê-lo seguir seu rumo, no entanto ele vinha atrás de mim rua abaixo ou surgia repentinamente no corredor ao anoitecer, convidando-se para entrar e passar a noite comigo. Diz a lenda que são os gatos que escolhem os donos, não o contrário. Assim, percebi que ele tinha me escolhido. Um dia, seguiu-me até o ponto de ônibus, a mais ou menos um quilômetro e meio de distância, na Tottenham High Road. Estávamos longe de casa, de modo que, ao afugentá-lo e vê-lo desaparecer por entre a multidão agitada, imaginei que não o veria mais. Todavia, quando as portas do ônibus se abriram, ele apareceu do nada, saltando ligeiro, e eu só pude ver um borão alaranjado afundando-se no assento ao meu lado. Foi assim.

Desde então somos inseparáveis, duas almas ganhando a vida com dificuldade nas ruas de Londres.

Eu suspeitava que fôssemos realmente almas gêmeas, cada um ajudando o outro a curar as feridas do passado conturbado. Eu dei a Bob companhia, comida e um lugar quente para deitar a cabeça à noite; em troca, ele me deu esperança e direção na vida. Ele me abençoou com sua lealdade, amor e humor, e também com um sentido de responsabilidade que eu nunca sentira antes. Também me presenteou com algumas metas e me ajudou a ver o mundo mais claramente.

Por mais de uma década fui um viciado que dormia ao relento, em soleiras de porta e abrigos para sem-teto, ou em acomodações precárias por toda a cidade. Nesses anos perdidos, estive alheio ao mundo, absorto na heroína, anestesiado na solidão e na dor da minha vida cotidiana.

Como um mendigo, tornei-me invisível à maioria das pessoas. Em consequência, esqueci-me de agir no mundo real e de interagir com as pessoas em muitas situações. De certa forma, eu fiquei desumanizado, morto para o mundo. Com a ajuda de Bob, eu estava lentamente voltando à vida. Já fizera grandes avanços ao dar um chute no meu vício em drogas, livrando-me da dependência de heroína e metadona. Sim, ainda estava sob os efeitos da medicação, mas podia ver uma luz no fim do túnel e esperava estar completamente limpo em breve.

Não foi uma jornada fácil. Longe disso. As coisas nunca são fáceis para um viciado em recuperação. Eu ainda tinha o hábito de dar dois passos à frente e um para trás, e trabalhar nas ruas não contribuía muito nesse aspecto, pois não é um ambiente onde a bondade humana transborda. Sempre havia encrenca ao virar a esquina, ou então a encrenca aparecia para mim: eu tinha um talento especial para atraí-la.

Na verdade, eu ansiava desesperadamente por sair das ruas e deixar aquela vida. Não sabia quando nem como isso seria possível, mas estava determinado a tentar.

Por ora, o importante era valorizar o que eu tinha. Pelos padrões da maioria das pessoas, não parecia ser muito. Nunca tive muito dinheiro, não morava num lugar bonito nem possuía um carro. Mas minha vida tomou um rumo muito melhor em comparação com o passado recente: eu tinha a minha quitinete e o meu trabalho como vendedor ambulante da revista *The Big Issue*. Pela primeira vez em anos eu estava indo na direção certa — e tinha Bob para me oferecer amizade e me guiar pelo caminho.

Ao levantar-me para ir dormir mais cedo, inclinei-me e baguncei delicadamente os pelos do pescoço de Bob.

— Onde eu estaria sem você, amiguinho?



Capítulo 2

Novos truques

Todos nós somos criaturas de hábitos, e Bob e eu não somos diferentes. Nossos dias juntos começam com uma rotina conhecida. Algumas pessoas iniciam o dia ouvindo o rádio, outras, com exercícios ou uma xícara de chá ou café. Bob e eu começamos nossas manhãs brincando.

No instante em que acordo e me sento, ele se arrasta da sua cama, no canto do quarto, vai até mim e me encara de maneira inquisitiva. Logo depois começa a ronronar, um pouco parecido com um aparelho eletrônico. *Brrrr, brrrr*.

Se não ganha toda a minha atenção, começa a fazer outro ruído, um barulho bem lamentoso e suplicante, uma espécie de *waaaah*. Às vezes coloca as patas na lateral do colchão e se estica, quase ficando no nível dos meus olhos.

Ele então toca levemente uma pata em mim, quase como se me cutucasse para eu identificar sua mensagem: “Não me ignore! Estou acordado há muito tempo e faminto, então cadê o meu café da manhã?”. Se minha reação é muito lenta, ele por vezes intensifica a ofensiva de charme e faz o que chamo de “Gato de Botas”. Como o personagem nos filmes do Shrek, ele se posta ali no colchão, me encarando com seus olhos verdes penetrantes e arregalados. É fofo de cortar o coração — e irresistível. Sempre me faz sorrir. E sempre funciona.

Guardo sempre um pacote de sua guloseima favorita numa gaveta ao lado da cama. Dependendo de como me sinto, deixo-o subir na cama para ganhar uma carícia e uns petiscos; se estou mais brincalhão, atiro-os no tapete para que ele vá buscar. Muitas

vezes passo os primeiros minutos do dia jogando pequenas guloseimas por toda parte, vendo-o ir atrás delas. Gatos são criaturas incrivelmente ágeis, e Bob não raro intercepta os petiscos em pleno voo, como um jogador de beisebol recepcionando uma bola no campo externo. Ele salta e os pega com as patas. Algumas vezes até os pega com a boca. É um espetáculo.

Em outras ocasiões, se estou cansado ou sem ânimo para brincar, ele se entretém sozinho.

Numa manhã de verão, por exemplo, enquanto eu estava ainda deitado na cama, assistindo à televisão — seria um dia de muito calor, e estava especialmente quente ali no quinto andar do nosso prédio —, Bob estava enrolado num ponto escuro do quarto, aparentemente em sono profundo, ou assim eu pensava.

De repente ele se endireitou, pulou na cama e, quase a usando como trampolim, atirou-se na parede atrás de mim, batendo nela bem forte com as patas.

— Bob, o que foi isso? — perguntei, chocado. Olhei para o edredom e vi ali uma pequena centopeia. Bob a observava e estava claramente pronto para mastigá-la.

— Ah, não, você não vai, companheiro... — eu disse, sabendo que alguns insetos podem ser venenosos para os gatos. — Você não sabe por onde isso andou.

Bob lançou-me um olhar como se dissesse: “Seu estraga-prazeres”.

Sempre fico impressionado com a velocidade, a força e a capacidade atlética de Bob. Alguém disse uma vez que ele deveria ser parente da espécie Maine Coon, ou de um lince, ou de algum tipo de gato selvagem. É bem possível, pois o passado de Bob é um completo mistério para mim. Não sei quantos anos ele tem, não sei nada sobre a vida que levava antes de encontrá-lo. A menos que fizesse um teste de DNA, nunca vou saber de onde ele veio ou quem eram seus pais. Mas, para ser honesto, não me importo. Bob é Bob. E isso é tudo o que eu preciso saber.



Eu não fui o único que aprendeu a amar Bob por sua personalidade pitoresca e imprevisível.

Era a primavera de 2009, e àquela altura Bob e eu vendíamos a *The Big Issue* há um ano mais ou menos. No início tínhamos um ponto diante da estação de metrô Covent Garden, no centro de Londres. Mas tínhamos nos mudado para a estação Angel, em Islington, onde conseguimos, com esforço, um bom lugar. Ali Bob havia conquistado um pequeno, porém dedicado, grupo de admiradores.

Até onde eu sabia, éramos a única parceria humano/felino que vendia aquela revista em Londres. E, ainda que houvesse outra, eu desconfiava que a parte felina não era páreo para Bob quando se tratava de atrair — e agradar — uma multidão.

Durante nossos primeiros dias juntos, quando eu ainda era um artista de rua que tocava guitarra e cantava, Bob ficava sentado lá, igual a um Buda, observando o mundo cuidar de seus negócios. As pessoas ficavam fascinadas com ele — e eu acho que um pouco hipnotizadas. Paravam, acariciavam e falavam com ele. Muitas vezes perguntavam sobre a nossa história e eu contava como havíamos nos conhecido e formado nossa parceria.

Desde que passamos a vender a *The Big Issue*, ele se tornou muito mais ativo.

Muitas vezes eu me sentava na calçada para brincar com ele, e chegamos até a desenvolver alguns truques.

Acontece que Bob passou a entreter as pessoas por conta própria. Ele adorava brincar, por isso eu trazia comigo brinquedinhos que pudessem ser atirados para ele perseguir. Seu favorito era um ratinho cinza com a barriga preenchida com a famosa erva do gato.

O rato há muito tempo não tinha mais qualquer vestígio da erva; agora era uma coisa surrada, imunda e de dar pena. Começou a descosturar; embora sempre fora cinza, assumira um tom imundo.

Bob tinha muitos outros brinquedos, alguns dos quais ganhara de admiradores, mas o “rato estrangulado”, como eu o chamava, ainda era o número um.

Quando sentávamos diante do metrô Angel, ele o segurava na boca, sacudindo-o de um lado para o outro. Às vezes o girava pela cauda e soltava-o para que voasse alguns metros, então o atacava e começava todo o processo novamente. Bob adorava caçar ratos de verdade; obviamente estava imitando a vida real. Isso sempre detinha as pessoas em seu trajeto, e eu conheci alguns passageiros que passavam dez minutos parados ali, como se hipnotizados por Bob e sua caça.

Mais por tédio do que por qualquer outra coisa, comecei a brincar com ele na calçada. No começo brincávamos apenas de dar as mãos. Eu esticava a minha e Bob estendia a pata para segurá-la. Estávamos apenas reproduzindo o que já fazíamos em casa, mas as pessoas achavam maravilhoso. Paravam para nos observar, não raro tirando fotos. Se eu recebesse uma libra toda vez que alguém — geralmente uma senhora — parasse e dissesse algo como “ah, que meigo” ou “isso é encantador”, eu seria rico o suficiente para, bem, acho que para não precisar mais me sentar na calçada.

Congelar o traseiro nas ruas não é a coisa mais divertida do mundo, então minhas horas de lazer com Bob se tornaram mais do que simples entretenimento para as multidões passantes. Me ajudava a passar o tempo e também a aproveitar um pouco mais os meus dias. Não dava para negar: incentivava as pessoas a comprar os exemplares da revista. Foi mais uma das bênçãos que Bob me deu.



A essa altura tínhamos passado tantas horas diante da estação Angel que começamos a desenvolver um pouco mais as nossas tarefas.

Bob adorava suas pequenas guloseimas, e eu descobri que ele faria de tudo para tê-las. Por exemplo: se eu segurasse um biscoitinho mais ou menos um metro acima dele, ele ficava sobre as patas traseiras, num enorme esforço para roubá-lo das minhas mãos. Envolvia as patas no meu pulso para firmar-se, depois se soltava com uma delas e tentava agarrar o petisco.

Previsivelmente, aquilo foi um grande sucesso. Acho que havia centenas de pessoas andando pelas ruas de Londres com fotos de Bob estendendo as patas para o céu em seus celulares.

Recentemente havíamos aperfeiçoado ainda mais esse truque. O aperto que ele dava no meu braço para alcançar a guloseima era muito forte. Então, de vez em quando eu o erguia no ar, lenta e gentilmente, para que ele ficasse balançando a alguns centímetros do chão.

Ele pairava um pouco, até que se soltava e caía, ou então eu o colocava tranquilamente no chão. Sempre lhe dava uma aterrissagem macia, é claro, e geralmente colocava minha mochila debaixo dele.

Quanto mais show nós déssemos, mais as pessoas pareciam corresponder e mais generosas se tornavam, não apenas comprando a *The Big Issue*.

Desde os nossos primeiros dias na Angel, o público foi incrivelmente generoso, deixando lanches e aperitivos não somente para Bob, mas para mim também. Começaram a nos dar peças de roupas, muitas vezes tricotadas a mão.

Bob agora tinha uma coleção de cachecóis, de todas as cores. Na verdade, ele tinha tantos que eu estava ficando sem espaço para guardá-los. Devia ter duas dúzias deles! Rapidamente, Bob foi se tornando para os cachecóis o que Imelda Marcos tinha sido para os sapatos.^[1]

Às vezes era um pouco demais ser alvo de tanto calor humano, apoio e carinho, mas nem por um momento me iludi achando que

não houvesse também aqueles que sentiam algo bem diferente em relação a nós. E esses nunca estiveram muito longe...



Aproximava-se a hora de maior movimento da semana, o rush de sexta-feira, no comecinho da noite, e as multidões entravam e saíam do metrô Angel, agitando-se mais a cada minuto. Enquanto eu me desdobrava na rua tentando vender minha pilha de revistas, Bob estava totalmente alheio, agitando o rabo distraidamente de um lado para o outro, deitado sobre a minha mochila.

Foi só quando as coisas se acalmaram, lá pelas 19 horas, que notei uma senhora a poucos metros de nós. Não sabia há quanto tempo estava ali, mas ela olhava com atenção, quase obsessivamente, para Bob.

Pela forma como resmungava para si mesma e sacudia ocasionalmente a cabeça em negativa, percebi que de algum modo nos desaprovava. Eu não tinha intenção de começar uma conversa com ela, especialmente porque estava ocupado demais com a venda dos últimos exemplares da revista antes do fim de semana.

Infelizmente, os planos dela eram outros.

— Jovem, você não vê que este gato está aflito? — ela me disse, aproximando-se.

Sua aparência era a de uma professora, ou mesmo a diretora de uma escola abastada. De meia-idade, falava com um sotaque elegante e usava saia e jaqueta de tweed desarrumadas e sem passar. Considerando sua aparência e seus modos, duvidei muito que alguma escola a tivesse empregado. Ela era brusca, beirando o francamente agressivo.

Senti que ela era encrenca, por isso não respondi. Contudo, ela obviamente estava determinada a começar uma briga.

— Tenho observado vocês há algum tempo e posso ver que seu gato está abanando o rabo. Sabe o que isso significa? — inquiriu.

Dei de ombros. Eu sabia que, de qualquer forma, ela ia responder a própria pergunta.

— Significa que ele não está feliz. Você não devia estar explorando este pobre animal. Acho que você não está apto a cuidar dele.

Tantas vezes nos vimos nessa situação desde que Bob e eu começamos a trabalhar juntos nas ruas... Mas eu era bem-educado; assim, em vez de dizer à senhora que cuidasse da sua vida, eu, já cansado, comecei a me defender.

— Ele está abanando o rabo porque está contente. Se ele não quisesse estar aqui, a senhora não veria nem a poeira dele. Trata-se de um gato. Ele escolhe com quem quer estar. Ele é livre para ir embora quando quiser.

— Então por que ele está no cadarço? — retrucou ela, com um olhar presunçoso no rosto.

— Ele só fica preso no cadarço aqui e quando estamos nas ruas. Uma vez ele fugiu e ficou apavorado porque não conseguia me achar. Eu o solto quando ele vai fazer as suas necessidades. Então, mais uma vez, se ele não estivesse feliz, como a senhora está dizendo, sumiria no minuto em que eu soltasse o cadarço, não?

Eu já tinha tido essa conversa uma centena de vezes antes e sabia que, para 99 pessoas em 100, essa era uma resposta racional e razoável. Mas aquela senhora fazia parte do um por cento que nunca acreditaria nas minhas palavras. Um daqueles indivíduos dogmáticos que acreditam sempre estar com a razão e você, sempre errado — ainda mais errado se você fosse impertinente o suficiente para não enxergar o ponto de vista deles!

— Não, não, não. É notório que, se um gato está abanando o rabo, é um sinal de aflição — disse ela, mais animada do que nunca. Notei que seu rosto ardia em fogo, que ela agitava os braços e andava ao nosso redor de modo bem ameaçador.

Dava para dizer que Bob estava desconfortável com ela; ele tinha um excelente radar quando se tratava de detectar encrenca. Tinha se levantado e começou a se apoiar em mim, de modo que estava agora entre as minhas pernas, pronto para saltar se as coisas saíssem do controle.

Uma ou duas pessoas tinham parado, curiosas para ver a confusão, por isso eu sabia que teria testemunhas caso aquela senhora fizesse ou dissesse algo ultrajante.

Continuamos discutindo por um minuto ou dois. Tentei aliviar os medos dela contando um pouco sobre minha relação com Bob.

— Ele mora comigo há mais de dois anos. Ele não ficaria a meu lado nem dois minutos se eu o estivesse maltratando — contei a certa altura. Mas ela era intransigente. Não importava o que eu dissesse, ela apenas sacudia a cabeça em desaprovação. Simplesmente não estava disposta a escutar o meu ponto de vista. Aquilo era frustrante ao extremo, mas não havia nada mais que eu pudesse fazer. Resignei-me ao fato de que ela tinha direito a ter opinião própria. — Por que não concordamos em discordar? — falei em certo momento.

— Affff — suspirou ela, acenando os braços para mim. — Eu não concordo com nada do que você diz, jovem.

No fim das contas, para meu grande alívio, ela começou a se retirar, resmungando e sacudindo a cabeça enquanto se enfiava na multidão que se acotovelava perto da entrada do metrô.

Observei-a por um momento, mas logo fui distraído por dois clientes. Felizmente, sua atitude era oposta à da senhora. O sorriso deles me aliviou. Ao entregar o troco a um deles, ouvi um barulho atrás de mim que reconheci imediatamente: um alto e agudo *miaaaaaau*. Virei-me e vi a senhora de traje de tweed. Ela não apenas tinha voltado como estava com Bob nos braços.

De alguma forma, enquanto eu estivera distraído, ela tinha conseguido pegá-lo da mochila. E agora o embalava desajeitadamente, sem afeto ou empatia, uma mão sob a barriga

dele e a outra nas costas. Era estranho, como se ela nunca houvesse segurado um animal antes. Era como se carregasse uma peça de carne qualquer ou uma melancia comprada no mercado.

Bob estava visivelmente furioso por ser tratado assim grosseiramente e se contorcia feito louco.

— O que você acha que está fazendo? — gritei. — Ponha-o no chão agora mesmo ou vou chamar a polícia!

— Ele precisa ser levado para um lugar seguro — declarou ela, com uma expressão ligeiramente enlouquecida no rosto avermelhado.

“Ah Deus, não, ela vai fugir com ele”, pensei, preparando-me para largar meu estoque de revistas e começar uma perseguição cerrada pelas ruas de Islington.

Felizmente, o longo cadarço de Bob ainda estava amarrado a minha mochila, e por um momento houve uma espécie de impasse. Mas então notei que ela percorria os olhos pelo cadarço.

— Não, você não vai... — disse eu, avançando para impedi-la.

Meu movimento pegou-a desprevenida, o que por sua vez deu a oportunidade a Bob. Ele soltou outro *miaaaau* estridente e se libertou das garras da mulher. Ele não a arranhou, entretanto cravou as patas no braço dela, o que a fez entrar em pânico e subitamente deixá-lo cair sobre a calçada.

Bob pousou com uma leve pancada, depois ficou ali por um momento, rosnando, silvando e mostrando os dentes para ela. Eu nunca o vira tão agressivo com alguém.

Inacreditavelmente, ela usou isso como argumento contra mim.

— Ah, olhe só, veja. Ele está com raiva — ela disse, apontando para Bob e dirigindo-se à meia dúzia de pessoas ou mais que nos observavam.

— Ele está bravo porque você o pegou sem a permissão dele — frisei. — Só eu posso pegá-lo.

Ela não ia desistir facilmente. Logo que percebeu a plateia, passou a jogar com ela.

— Não, ele está com raiva por causa da maneira como você o trata — declarou. — Todo mundo pode ver. É por isso que ele deve ser tirado de você. Ele *não quer* ficar com você.

Novamente houve um breve impasse enquanto todos prendiam a respiração. Foi Bob quem quebrou o silêncio.

Ele lançou à mulher um olhar realmente desdenhoso, depois caminhou de volta até mim e começou a esfregar a cabeça na minha perna, ronronando ruidosamente quando me abaixei para acariciá-lo.

Então afundou o traseiro no chão e voltou a erguer os olhos para mim divertidamente, como se dissesse: “Agora podemos continuar com mais alguns truques?”. Reconhecendo o olhar, mergulhei a mão no bolso do casaco e exibi uma guloseima. Quase imediatamente, Bob se ergueu sobre as patas traseiras e agarrou meus braços. Então coloquei rapidamente uma guloseima em sua boca, extraindo “aaahs” de algum lugar atrás de mim.

Havia momentos em que a inteligência e a capacidade de Bob para compreender as nuances do que estava acontecendo ao seu redor desafiavam as crenças. Aquele foi um desses momentos. Bob havia jogado com o público. Era como se quisesse fazer uma declaração, como se dissesse: “Estou com James, e estou *muito feliz* de estar com James. Toda e qualquer pessoa que disser o contrário está enganada. Fim de papo”. Essa certamente foi a mensagem que a maioria dos espectadores entendeu. Um ou dois deles eram rostos familiares, pessoas que haviam comprado revistas de mim no passado ou parado para dizer “oi” a Bob. Alguns se viraram para a mulher em traje de tweed e deixaram claro o que sentiam.

— Conhecemos esse cara. Ele é legal — disse um jovem de terno.

— Sim, deixe-os em paz. Eles não estão fazendo mal a ninguém, e ele cuida muito bem do gato — disse uma mulher de meia-idade. Uma ou duas pessoas demonstraram apoio. Várias outras vozes se juntaram, nenhuma delas concordando com aquela senhora.

A expressão que se formou no rosto dela falou por si mesma: estava ainda mais vermelha do que nunca, quase roxa, na verdade. E falou confusamente, resmungando por um momento, mas nada do que disse fazia sentido. Era óbvio que a ficha caíra, e ela percebera que havia perdido a batalha. Então se virou e desapareceu mais uma vez na multidão, desta vez — felizmente — para sempre.

— Você está bem, James? — perguntou um dos espectadores, enquanto eu me ajoelhava para dar uma olhada em Bob. Ele ronronava alto, mas sua respiração era estável e não havia nenhum sinal de ferimento de quando ela o deixou cair no chão.

— Estou bem, obrigado — respondi, não sendo totalmente honesto.

Eu odiava quando as pessoas insinuavam que eu estivesse usando Bob de alguma forma negativa. Isso me magoava profundamente. De certo modo éramos vítimas das circunstâncias. Bob queria ficar comigo, disso eu estava absolutamente certo. Ele provava de tempos em tempos. E, no momento, ficar comigo infelizmente significava passar seus dias nas ruas. Fato. Eu não tinha escolha.

A desvantagem era que isso nos tornava alvos fáceis para o julgamento alheio. Mas tínhamos sorte: a maioria nos julgava com bondade. Eu tinha aprendido a aceitar que sempre haveria quem nos julgasse mau.



Capítulo 3

O Bobmóvel

Era o início de uma agradável tarde de verão, e eu tinha decidido parar mais cedo com o trabalho. O tempo, ensolarado, parecia ter estampado um sorriso no rosto de todo mundo. E eu colhera os benefícios: vendi todo o meu estoque de revistas em poucas horas.

Desde que comecei a vender a *The Big Issue*, uns anos atrás, aprendi a ser sensato, por isso, decidi reinvestir parte do dinheiro na compra de mais algumas revistas para o restante da semana. Com Bob nos ombros, fui me encontrar com a coordenadora, Rita, no lado norte da Islington High Street, no caminho do ponto do ônibus que ia até minha casa.

De longe dava para ver Rita conversando animadamente com um grupo de vendedores de avental vermelho reunidos em torno de alguma coisa. Tratava-se de uma bicicleta. Eu me dava bem com Rita, e sabia que poderia tirar um sarro de leve.

— O que é isso, Rita? — brinquei. — Pedalando no Tour de France?

— Acho que não, James — sorriu ela. — Alguém acabou de me dar isto em troca de dez revistas. Eu realmente não sei o que fazer com ela, para ser honesta. Bicicletas não são muito a minha praia.

Era óbvio que a bike não estava em boas condições. Havia indícios de ferrugem no guidão, e a lanterna dianteira estava com o vidro quebrado. A pintura tinha alguns lascados e arranhões e, de quebra, um dos para-lamas estava quebrado no meio. Sua parte mecânica, porém, parecia estar em estado razoável.

— Ela tem condições de rodar? — perguntei a Rita.

— Acho que sim — respondeu ela, encolhendo os ombros. — O moço falou alguma coisa sobre um dos freios, que precisa de uma atençãozinha, mas é só isso.

Ela podia ver que a minha mente estava maquinando.

— Por que não dá uma volta? Veja o que acha!

— Por que não? — disse eu. — Pode olhar o Bob por um segundo?

Eu não era um ciclista profissional como Bradley Wiggins, no entanto tinha andado de bike ao longo da infância e mais de uma vez em Londres. Como parte da minha reabilitação, há poucos anos, estive por um tempo envolvido com um curso de fabricação de bicicletas, por isso, sabia um pouco sobre manutenção. Era bom saber que parte daquele treinamento não tinha sido em vão.

Entregando o cadarço de Bob a Rita, peguei a bicicleta e a virei de cabeça para baixo para inspecioná-la. Os pneus estavam cheios, e a corrente parecia estar bem lubrificada e se movendo livremente. O selim estava um pouco baixo para mim, então o subi um pouco. Coloquei a bicicleta na rua e fiz um teste rápido. As marchas estavam um pouco grudentas e, conforme Rita me avisara, o freio dianteiro não funcionava muito bem. Tive de aplicar pressão máxima no manete do guidão para conseguir alguma reação, e não foi o suficiente para fazer a bicicleta parar. Imaginei que houvesse um problema com o fio dentro do cabo. Fácil de consertar, eu presumia. O freio traseiro estava bom. Era tudo o que eu precisava saber.

— O que quer dizer? — perguntou Rita quando relatei tudo isso a ela.

— Quero dizer que ela está Ok para andar — respondi.

A essa altura eu tinha tomado a decisão.

— Dou dez libras por ela. O que acha? — oferei.

— Sério? Tem certeza? — disse Rita, um pouco surpresa.

— Sim — respondi.

— Está bem, negócio fechado. Você vai precisar disto também — disse ela, fuçando debaixo de seu carrinho e exibindo um velho capacete preto de ciclismo, bastante surrado.

Sempre fui um pouco colecionador, juntando tranqueiras e miudezas. Durante algum tempo, minha quitinete ficou cheia de todos os tipos de lixo, desde manequins até placas de trânsito. Mas agora era diferente. Era na verdade um dos primeiros investimentos sensatos que eu fazia em muito tempo. Eu sabia que a bike seria útil lá em Tottenham, onde eu poderia usá-la para viagens curtas até as lojas ou os consultórios médicos. Eu teria de volta as dez libras bem rápido economizando com passagens de ônibus. Para as viagens mais longas até a estação Angel ou ao centro de Londres eu continuaria a tomar o ônibus ou o metrô. Afinal, o percurso até esses lugares era traiçoeiro demais para uma bicicleta, por causa das ruas e cruzamentos principais. Alguns deles, inclusive, eram famosos pontos de acidentes envolvendo ciclistas.

Foi só então, enquanto eu mapeava mentalmente as viagens que a partir de agora poderia fazer pedalando, que me ocorreu um problema.

— E como é que eu vou conseguir levar isto para casa?

Os motoristas de ônibus não permitem bicicletas a bordo. Sem chance de ir com ela no metrô. Eu seria barrado imediatamente nas catracas. Talvez me safasse levando a bike num trem metropolitano, porém não havia linhas que chegassem perto da minha quitinete.

“Só há uma coisa a fazer”, eu disse a mim mesmo.

— Ok, Bob, parece que você e eu vamos pedalando para casa hoje — comuniquei.

Bob tomava banho de sol na calçada perto de Rita, mas vinha mantendo um olho em mim o tempo todo. Quando montei na bicicleta, ele inclinou ligeiramente a cabeça para um lado, como se dissesse: “O que é essa geringonça e por que você está sentado em cima dela?”.

Ele ficou me olhando novamente, desconfiado, quando preendi o capacete, pendurei a mochila nos ombros e comecei a mover a bicicleta na direção dele.

— Vamos lá, Bob, suba a bordo — disse eu, estendendo a mão para ele e deixando-o subir nos meus ombros.

— Boa sorte — desejou Rita.

— Obrigado. Acho que vamos precisar — falei.

O trânsito na Islington High Street estava intenso e, como de costume, praticamente parado. Então andei com a bicicleta pela calçada por um tempo, seguindo para Islington Memorial Green. Passamos por dois policiais, que me dirigiram um olhar curioso, mas nada disseram. Não existia lei proibindo andar de bicicleta com um gato nos ombros. Bem, até onde eu sabia, não existia. Imagino que, se quisessem me parar, eles o teriam feito. Obviamente tinham coisas melhores para fazer naquela tarde, graças a Deus.

Eu não queria ir de bicicleta pela High Street, então atravesssei uma faixa de pedestres. Atraímos mais do que simples olhares. A expressão no rosto das pessoas variava de espanto a alegria súbita. Mais de uma pessoa parou de repente, apontando para nós como se fôssemos visitantes de outro planeta.

Não nos demoramos e cortamos caminho pela esquina da Green, passando pela livraria Waterstones, e viramos na rua principal rumo ao norte de Londres, a Essex Road.

— Ok, aqui vamos nós, Bob — disse eu, preparando-me para entrar no tráfego intenso. Fomos logo costurando entre ônibus, vans, automóveis e caminhões.

Bob e eu logo pegamos o jeito da coisa. Enquanto eu me concentrava em ficar apertado, dava para senti-lo se acomodando. Em vez de se pôr de pé, ele decidiu, sensatamente, acomodar-se no meu pescoço, com a cabeça abaixada e apontando para a frente. Dava para ver que ele queria curtir o passeio.

Era o meio da tarde, e muitas crianças saíam da escola. Ao longo de toda a Essex Road, grupos de alunos de uniforme paravam e acenavam para nós. Tentei acenar de volta, mas perdi um pouco o equilíbrio, fazendo Bob deslizar pelo meu ombro.

— Oops, desculpa aí, amigão. Não farei de novo — prometi, enquanto nós dois recuperávamos o equilíbrio.

O progresso era constante, todavia um pouco lento às vezes. Se tínhamos de parar por causa do tráfego, alguém berrava pedindo uma foto. Em certo momento, duas adolescentes saltaram na rua para se atracar com a gente.

— Ah, meu Deus, isso é tão fofo! — comentou uma delas, inclinando-se sobre nós tão pesadamente, posando para a foto, que quase nos derrubou.

Eu não andava de bicicleta há alguns anos e não estava fisicamente preparado. Por isso dava umas paradinhas de vez em quando para tomar fôlego, atraindo uma legião de espectadores de cada vez. A maioria sorria e aprovava, mas alguns balançavam a cabeça em sinal de protesto.

— Estúpido! — ouvi um cara de meia-idade, vestindo terno, dizer enquanto passava por nós.

Aquilo não parecia estúpido de modo algum. Na verdade, era bastante divertido. E eu poderia dizer que Bob estava se divertindo também. A cabeça dele estava bem próxima à minha, e dava para senti-lo ronronar contente ao meu ouvido.

Descemos toda a Newington Green e de lá para a Kingsland Road, onde a rua descia para a Seven Sisters. Eu estava ansioso por essa parte. Durante o maior tempo da viagem, afora alguns pequenos declives aqui e ali, a rua tinha sido razoavelmente plana. Nesse ponto, porém, eu sabia que ela dava ladeira abaixo por mais ou menos um quilômetro e meio. Eu poderia descer sem freio com bastante facilidade.

Para minha alegria, notei que existia uma ciclovía exclusiva, completamente vazia. Bob e eu logo estávamos voando ladeira abaixo, com o ar quente de verão soprando através do meu cabelo e dos pelos dele.

— Uhuuu! Não é o máximo, Bob?

Senti-me um pouco como Eliot no filme *E.T.* — não que eu esperasse decolar a qualquer momento e voltar voando pelos telhados londrinos, obviamente, mas devíamos estar fazendo cerca de 30 quilômetros por hora depois de um tempo.

O trânsito na pista principal à nossa direita estava congestionado, e as pessoas desciam as janelas para deixar entrar um pouco de ar. A expressão no rosto delas quando passávamos zunindo era impagável.

Duas crianças puseram a cabeça para fora do teto solar do carro e gritaram para nós. Algumas pessoas apenas observavam, em absoluto espanto. Era compreensível, eu presumia. Não é sempre que se vê um gato laranja descendo uma ladeira montado numa bicicleta.

Só levamos cerca de meia hora para chegar em casa, o que foi impressionante, considerando que tivemos tantas paradas imprevistas.

Ao estacionarmos na área comum do prédio, Bob simplesmente pulou dos meus ombros, como se estivesse desembarcando do ônibus. Era típico de sua atitude descontraída perante a vida. Ele tinha aceitado tudo com calma; só mais um dia normal em Londres.

De volta à quitinete, passei o restante da tarde e da noite arrumando a bicicleta. Consertei logo o freio dianteiro e dei um ajuste geral.

— Aí está — disse a Bob, ao me levantar para admirar a minha obra. — Acho que temos um “Bobmóvel”.

Eu não posso ter certeza, mas acho que o olhar que ele me lançou indicava aprovação.



Frequentemente as pessoas me perguntam como Bob e eu nos comunicamos tão bem.

— É simples — costumo responder. — Ele tem sua própria linguagem e eu aprendi a entendê-la.

Pode parecer improvável, mas é a verdade.

Seu principal meio de comunicação é a linguagem corporal. Ele possui uma gama de sinais que me dizem exatamente o que está sentindo e, muito mais direto ao ponto, o que ele quer em qualquer momento específico. Por exemplo, se quer ir “ao banheiro” quando estamos andando pela rua, começa a resmungar e rosnar um pouco. Daí começa a se remexer no meu ombro. Eu não preciso olhar para ele para saber o que está tramando; está olhando em volta para achar um lugar onde possa fazer suas necessidades.

Se, por outro lado, ele está andando no cadarço e se cansa, solta um leve rosnado ou resmungo com um gemido, em tom grave. Ele também se recusa a andar mais um centímetro sequer. Apenas olha para mim como quem diz: “Vamos lá, amigão, me pegue. Estou exausto”.

Se fica com medo, recua em meu ombro; se está no chão, executa uma manobra inversa para ficar entre as minhas pernas, em posição favorável caso eu precise pegá-lo. Mérito dele: é raro que algo o assuste. O som de uma ambulância ou de um carro de polícia passando com as sirenes ligadas mal o incomoda. Vivendo e trabalhando no centro de Londres, ele está acostumado com isso. A única coisa que o enlouquece um pouco são os freios de ar comprimido dos caminhões e ônibus grandes. Sempre que ouve esse som alto e sibilante, ele recua e olha assustado.

Em noites de fogos de artifício, ele também fica um pouco nervoso com os estrondos e explosões, mas geralmente gosta de ver, da janela, as luzes brilhantes no céu.

Existem outros sinais também. Por exemplo, posso dizer muito sobre o estado de espírito dele pela forma como move o rabo. Se está cochilando ou dormindo, o rabo fica parado e quieto, é claro. Mas outras vezes ele o abana, em diferentes movimentos. O abano mais comum é uma ondulação suave de um lado para o outro, como se fosse um limpador de para-brisas no ajuste mais lento. Esse é o seu abano de satisfação. Tenho passado intermináveis horas sentado com ele por toda Londres, e o vejo fazendo isso quando está entretido ou quando está fascinado por alguma coisa.

A senhora que tentou roubá-lo na estação Angel não foi a primeira a interpretar mal esse movimento de cauda. Outros cometeram o mesmo erro e o confundiram com um sinal de raiva. Bob fica zangado, sim, contudo sinaliza com um movimento de rabo bem diferente, no qual o bate de leve aqui e ali, mais ou menos como um mata-moscas.

Existem mensagens mais sutis também. Se, por exemplo, ele está preocupado comigo, chega bem perto, para me examinar. Se estou me sentindo indisposto, muitas vezes ele se aproxima e escuta o meu peito. E faz um monte de coisas amorosas do tipo. Ele tem o hábito de esfregar-se contra mim, ronronando. E também esfrega a cara na minha mão, inclinando a cabeça para que eu lhe coce atrás da orelha.

Zoólogos e especialistas em comportamento animal têm direito à opinião deles, mas para mim essa é a maneira de Bob dizer que me ama.

Claro que a mensagem mais frequente que ele quer passar se refere à comida. Se ele quer que eu vá à cozinha para alimentá-lo, por exemplo, circula batendo nas portas. Bob é um bicho muito esperto; poderia facilmente desprender um dos fechos de segurança para crianças que eu tive de adaptar especialmente para contê-lo, por isso sempre tenho de conferi-los. Quando chego lá, ele sempre se retira para um local junto ao aquecedor, no canto, e faz cara de santo. Mas isso não dura muito tempo, e ele logo implora por um lanche.

Bob é persistente e não me deixa em paz até conseguir o que quer. Ele fica frustrado se opto por ignorá-lo, e tenta todos os tipos de truque, desde me bater de leve no joelho até fazer o olhar do “Gato de Botas”. Não existe limite para sua criatividade quando se trata de preencher um vazio no estômago.

Por um tempo, seu maior desafio era me distrair enquanto eu jogava no Xbox de segunda mão que peguei numa loja de caridade. Na maioria das vezes Bob ficava bem feliz por me ver jogar. Ele era fascinado por certos jogos, especialmente os de automobilismo. Ficava postado ao meu lado sentindo cada curva e manobra. Em uma ocasião, eu poderia jurar que vi seu corpo se inclinando enquanto fazíamos juntos uma curva particularmente acentuada.

No entanto, ele impunha um limite a jogos de ação com muitos tiros. Se eu estivesse jogando um desses, ele se mandava para outro canto da sala. Se o jogo — ou eu — alguma vez ficava barulhento demais, ele levantava a cabeça e olhava de lá. A mensagem era simples: “Abaxe isso, por favor. Não dá para ver que estou tentando tirar uma soneca?”.

Eu ficava realmente absorto quando estava jogando. Não era difícil começar uma partida às nove da noite e não terminar até a madrugada. Bob não gostava disso e fazia das tripas coração para chamar minha atenção, especialmente quando estava com fome.

Havia ocasiões, porém, em que eu era imune a seus encantos, de modo que ele tomava medidas mais drásticas.

Certa noite eu estava jogando com Belle quando Bob apareceu. Ele havia jantado duas horas antes e decidiu que precisava fazer um lanche. Então aplicou sua tática habitual de busca por atenção, fazendo vários ruídos, colocando-se sobre os meus pés e se esfregando contra minhas pernas. Mas ambos estávamos tão envolvidos na meta de alcançar o próximo nível do jogo que não reagimos de jeito nenhum.

Ele saiu de fininho por um instante, circundando o local em que a TV e o Xbox estavam conectados. Após um momento, moveu-se em

direção ao console e pressionou a cabeça contra o grande botão sensível situado no meio.

— Bob, o que você está aprontando? — perguntei com ar inocente, ainda absorto demais no jogo para notar o que ele estava fazendo.

Um segundo depois, a tela ficou preta e o Xbox começou a desligar. Ele tinha aplicado pressão suficiente no botão para desativá-lo. Estávamos no meio de um nível realmente complicado do jogo, por isso devíamos ter ficado furiosos com ele. Mas ficamos sentados ali, absortos, com a mesma expressão de descrença no rosto.

— Ele fez o que eu estou pensando? — perguntou Belle.

— Bem, acho que sim, mas não dá para acreditar.

Bob ficou lá olhando, triunfante. A expressão dele dizia tudo: “E aí, vai continuar me ignorando?”.



Nem sempre Bob e eu dependemos de sinais e de linguagem corporal.

Algumas vezes usamos uma estranha espécie de telepatia, como se soubéssemos o que o outro está pensando ou fazendo. Nós também aprendemos a alertar um ao outro sobre o perigo.

Poucos dias depois de adquirir a bicicleta, decidi levar Bob a um parque local que tinha acabado de passar por uma pequena reforma. A essa altura ele já estava completamente à vontade rodando de bicicleta por todo lado em cima dos meus ombros e se tornara cada vez mais confiante, inclinando-se nas curvas como o garupa de uma moto.

O parque revelou-se um pouco decepcionante. Exceto por alguns novos bancos e arbustos e um playground decente, parecia que nada tinha mudado muito.

Bob, no entanto, estava disposto a explorar. Quando eu sentia que era seguro, ocasionalmente o deixava livre do cadoço para que ele pudesse se divertir na vegetação enquanto fazia suas necessidades. Eu tinha acabado de soltá-lo e estava sentado, lendo uma revista em quadrinhos e tomando um sol quando, de repente, ouvi ao longe o latido de um cão.

“O-ou”, pensei.

A princípio, achei que ele estivesse a duas ruas de distância. No entanto, à medida que o latido ficava mais alto, me dei conta de que o cão estava muito mais perto que isso. Ao longe, vi um pastor-alemão muito grande, de aparência ameaçadora, correndo em direção à entrada do parque. O cão estava a não mais que 150 metros de distância e vinha sem coleira. Pode-se dizer que estava procurando confusão.

— Booob! — gritei na direção do matinho em que, sabia eu, ele estava ocupado atendendo ao chamado da natureza. — Bob, venha cá!

Por um momento, fiquei em pânico. Mas, como tantas vezes no passado, estávamos na mesma sintonia, e sua cabeça logo surgiu por entre os arbustos. Eu agitava os braços para ele, encorajando-o a se juntar a mim sem fazer muito barulho. Eu não queria que o cão me visse. Bob entendeu imediatamente o que estava acontecendo e saiu correndo dos arbustos. Ele não tinha medo de cães, mas escolhia com sabedoria suas batalhas. A julgar pelo barulho que o pastor-alemão estava fazendo, não era um cão com o qual quiséssemos comprar uma briga.

No entanto, o pelo laranja brilhante de Bob não era exatamente difícil de detectar em meio à vegetação, e o cão logo começou a acelerar em nossa direção, latindo ainda mais ferozmente. Por um momento tive a sensação terrível de que Bob havia saído tarde demais, de modo que peguei a bicicleta e me preparei para entrar pedalando na linha de fogo, se necessário. Eu sabia que, se o cão o interceptasse, Bob poderia estar em sérios apuros.

Como tantas vezes no passado, porém, eu o tinha subestimado.

Ele atravessou correndo o gramado e chegou enquanto eu me agachava sobre um joelho. Num movimento ininterrupto, lancei-o sobre o meu ombro, endireitei-me num pulo em cima da bicicleta — com Bob em pé nos meus ombros —, pisei nos pedais e comecei a pedalar.

Frustrado, o pastor-alemão nos perseguiu por um breve momento, em certo ponto correndo lado a lado enquanto descíamos a rua em velocidade. Deu para ouvir Bob sibilando para ele. Não consegui ver a cara que ele fazia, e não teria me surpreendido nadinha se estivesse zombando do cão.

“O que você vai fazer agora, valentão?”, ele provavelmente estava dizendo.

Ao chegarmos à rua principal, já voltando para o nosso bloco de apartamentos, olhei para trás e vi nosso inimigo ficando lá longe, onde foi encontrado pelo dono, um grandalhão corpulento vestindo jaqueta preta e jeans. Ele lutava para colocar o cão de volta na corrente, mas isso já era problema dele, não meu.

— Essa foi por pouco, Bob — falei. — Obrigado, Deus, pelo nosso Bobmóvel.



Capítulo 4

O estranho casal

Era raro eu receber visitas na quitinete. Eu não tinha muitos amigos pela região e vivia no meu canto dentro do edifício. Passava o dia perto dos vizinhos nas paredes ao lado, entretanto dava para contar nos dedos de uma mão as vezes em que algum deles havia feito uma visitinha para papear.

Por esse motivo, eu sempre ficava desconfiado quando alguém batia na porta ou apertava o interfone na entrada, lá embaixo. Automaticamente eu supunha o pior, esperando ser confrontado por um oficial de justiça ou um cobrador de dívidas para receber um dinheiro que eu não tinha.

Foi essa a minha reação imediata quando a campainha tocou logo após as nove em uma manhã de dia de semana, enquanto Bob e eu estávamos prontos para sair para o trabalho.

— Quem pode ser? — disse eu, instintivamente puxando as cortinas, ainda que não tivesse visão da entrada.

— James, é o Tico. Posso subir com a Princesa? — disse uma voz familiar pelo interfone.

— Ah. Tico, claro, suba. Vou botar a chaleira no fogo — respondi, dando um suspiro de alívio.

Tico era, como sugeria seu nome, um sujeito minúsculo, um tiquinho de gente. Rijo, já tinha perdido a maior parte do cabelo. Tal como eu, era um viciado se recuperando das drogas que tinha começado a vender a revista *The Big Issue*.

Ele andava passando por um momento difícil e tinha dormido em casa algumas vezes nos últimos meses. Metera-se em problemas

no trabalho depois de se tornar coordenador em Islington. Haviam lhe retirado o crachá e lhe dado uma suspensão de seis meses. Ele ainda esperava seu afastamento ser revogado e andava realmente se esforçando para conseguir se sustentar.

Eu sentia como se tivesse recebido uma segunda chance na vida desde que encontrei Bob, por isso também dei a Tico uma nova oportunidade. Eu gostava bastante dele. No fundo sabia que tinha um bom coração.

Outro motivo para Tico e eu nos darmos bem era que ambos trabalhávamos na rua na companhia do nosso animal de estimação. No caso de Tico, era sua fiel Princesa, cruza de labrador com staffordshire bull terrier. Ela era uma cadela preta linda e dócil.

Quando ele ficava comigo, deixava Princesa em outro lugar. Ele sabia que eu tinha Bob e que uma cadela em casa poderia me causar problemas. Mas, por alguma razão, aquele dia foi diferente. Preparei-me para o que poderia acontecer quando a dupla chegasse à porta da frente.

As orelhas de Bob se aprumaram ao som da batida. Ao ver Tico e Princesa entrando, a primeira reação dele foi arquear as costas e sibilar. Ao que tudo indica, os gatos arqueiam as costas para se mostrarem superiores numa briga. É por isso que os pelos também ficam eriçados. Nesse caso em particular, porém, Bob não precisava ter se dado ao trabalho. Princesa era uma cadela muito calma e afetuosa. Ela também podia estar um pouco nervosa. Assim, no momento em que viu Bob de frente, ela simplesmente congelou no lugar.

Era uma inversão completa de papéis, pois geralmente o cão, fisicamente maior, é que intimida o gato.

— Está tudo bem, Princesa — falei. — Ele não vai machucar você.

Então a levei para o meu quarto e fechei a porta para que se sentisse segura.

— James, amigo. Tem como você cuidar da Princesa por hoje?
— perguntou Tico, indo direto ao assunto quando lhe passei uma caneca de chá. — Tenho que resolver minha situação na segurança social.

— Claro — eu disse, sabendo quanto tempo esse tipo de coisa poderia levar. — Isso não será problema, né, Bob?

O gato me lançou um olhar enigmático.

— Vamos trabalhar na estação Angel hoje. Ela vai ficar bem com a gente lá, não vai? — perguntei.

— Sim, sem problemas — disse Tico. — Então que tal eu pegá-la ali por volta das seis da tarde?

— Tudo bem — respondi.

— Certo. Melhor eu correr. Tenho que pegar o começo da fila se quiser que me vejam antes do Natal — comentou Tico, botando a cabeça dentro do quarto.

— Seja uma boa menina, Princesa — disse a ela antes de partir.

Como já havia demonstrado mais uma vez esta manhã, Bob não tinha grandes problemas com cães, a menos que fossem agressivos com ele. Mesmo assim, conseguia se controlar muito bem e tinha enxotado alguns vira-latas de aparência assustadora com um grunhido e um sibilo ruidoso. Durante nossos primeiros dias fazendo performances lá em Covent Garden, eu até o tinha visto dando uma patada no nariz de um cão agressivo demais. Bob não era apenas territorial com cães: também não era um grande fã de outros gatos. Às vezes eu me perguntava se ele sabia que era um deles. Bob parecia olhá-los como se fossem seres inferiores, indignos de respirar o mesmo ar que ele. Nosso percurso de ida e volta do trabalho tornara-se mais complicado nos últimos meses, graças ao cancelamento de um serviço de ônibus que costumava nos levar direto da Tottenham High Road para a estação Angel. Assim, começamos a tomar ônibus diferentes, um dos quais nos obrigava a descer na Newington Green para pegar outro, a um quilômetro e

meio da Angel, mais ou menos. Quando a grana era curta, íamos a pé para lá, e Bob farejava e olhava fixo toda vez que passávamos pela frente de um gatil.

Se alguma vez via outro gato perambulando, informava-o, em termos inequívocos, de que estava pisando no seu território.

Uma vez, ao ver um gato malhado circulando furtivamente na Islington Green, Bob se transformou. Esforçou-se muito para alcançar aquele oportunista que invadia seu território. Foi como se eu tivesse um cão especialmente agressivo na ponta do cadarço. Ele tinha de carimbar sua autoridade sobre a situação. Obviamente, já tivera a mesma necessidade com Princesa.

Se eu tinha alguma reserva, era a de que a cadela podia ser um pouco inconveniente. Cães davam muito mais trabalho que gatos. Para começar, não dava para colocá-los nos ombros enquanto se descia a rua, uma falha de design que, logo descobri, diminuía consideravelmente nossa velocidade.

Caminhando até o ponto de ônibus, Princesa era um sofrimento tremendo.

Ela puxava a corrente, parava para farejar trechos aleatórios de grama e se desviou do caminho para agachar e fazer suas necessidades não menos que três vezes no espaço de umas centenas de metros.

— Vamos, Princesa, ou nunca chegaremos — eu disse, já lamentando a decisão de ficar com ela. De repente, lembrei-me do motivo pelo qual nunca quis adotar um cão como animal de estimação.

No entanto, se eu lutava para ter algum tipo de controle sobre ela, Bob não tinha esse problema. No ônibus, ocupou a posição rotineira no assento ao lado da janela, de onde manteve um olhar atento sobre Princesa, que estava enfiada debaixo dos meus pés. A cara de Bob sempre foi expressiva. Os olhares que lançava a Princesa toda vez que ela invadia o seu território durante a viagem eram hilariantes. A área debaixo do assento não era exatamente

espaçosa, e Princesa às vezes se mexia para melhorar a posição. Toda vez que fazia isso, Bob olhava para ela como quem diz: “Por que não fica quieta, cachorra estúpida?”.

Lá fora o tempo estava ruim; a chuva martelava. Chegando em Islington, levei Bob ao parquinho de Islington Green para ele rapidamente fazer suas necessidades e decidi deixar Princesa fazer o mesmo. Grande erro. Ela levou uma eternidade para achar um local adequado. Daí me dei conta de que tinha me esquecido de trazer sacos plásticos, por isso tive de vasculhar uma lata de lixo para encontrar algo para recolher suas fezes. Eu realmente não estava curtindo o meu dia como babá de cachorra — concluí.

Com a chuva se intensificando a cada minuto, encontrei abrigo sob o toldo de uma cafeteria. Quando uma garçonete apareceu, decidi que poderia muito bem pedir a ela uma xícara de chá, um pires de leite para Bob e um pouco de água para Princesa. Entrei rapidinho para usar o banheiro, deixando meus dois companheiros amarrados à mesa pela corrente.

Só os deixei por alguns minutos, mas ao voltar era claro que algum tipo de disputa vinha acontecendo. Eu tinha deixado Bob sentado numa cadeira e Princesa de pé debaixo da mesa. Todavia, quando voltei, Bob estava sentado sobre a mesa, lambendo um pires de leite, enquanto Princesa estava sentada debaixo da mesa, não parecendo nem um pouco feliz com sua tigela de água. Eu não fazia ideia do que tinha acontecido, porém era evidente que Bob havia se firmado, mais uma vez, como o líder.

Como sempre, ele também estava atraindo a atenção dos transeuntes. Apesar do tempo, um casal de senhoras parou para acariciá-lo e cumprimentá-lo.

Mas a pobre Princesa mal era notada. Era como se ela não estivesse ali. De uma forma estranha, eu sabia como ela se sentia. Eu vivo na sombra de Bob às vezes.

A chuva finalmente abrandou, e seguimos rumo ao nosso ponto de venda na Angel. Enquanto Bob e eu ocupávamos nossa posição

habitual, Princesa deitou-se a alguns metros, com a cabeça deliberadamente posicionada de modo que pudesse captar a maior parte do ambiente a nossa volta. Parte de mim tinha achado que ela seria um fardo, no entanto acabou por ser exatamente o oposto: ela provou ser um trunfo valioso.

Enquanto eu andava de um lado para o outro tentando convencer os passantes a desembolsar algumas libras por uma revista, Princesa permanecia sentada lá, atenta, com a cabeça na calçada e os olhos girando como câmeras de vigilância, examinando cuidadosamente todo mundo que se aproximava de nós. Se tivessem seu selo de aprovação, ela continuava enraizada no lugar; entretanto, se houvesse qualquer suspeita, ela repentinamente se sentava ereta, pronta para intervir. Se ela não gostasse do jeito de alguém, dava um pequeno rosnado ou mesmo um latido. Geralmente era o suficiente para passar a mensagem.

Mais ou menos uma hora depois que tínhamos nos instalado, um bêbado com uma lata de cerveja extraforte na mão veio trançando as pernas em nossa direção. Aquilo podia ser a ruína da minha existência na Angel. Quase todo dia alguém com a cara cheia de cerveja me pedia uma libra para comprar mais uma. Princesa o avistou, levantou-se e latiu um aviso ligeiro, como quem diz: “Afastese”. Ela não era a maior cadela do mundo, mas parecia intimidadora. Nesse aspecto, ela estava mais para staffordshire do que para labrador. Ele logo mudou seu rumo, indo incomodar outra pobre alma.

Princesa ficava toda alerta sempre que alguém se ajoelhava para acariciar Bob e dizer “olá”. Ela dava um passo na direção deles, projetando a cabeça para a frente para ter certeza de que estavam tratando o menor membro do nosso trio com o devido respeito. Mais uma vez, se desaprovasse alguém, exprimia seus sentimentos e os intrusos recuavam.

Ela realmente facilitou um pouco o meu trabalho. Às vezes era um desafio ficar de olho em Bob enquanto eu tentava vender uma revista, sobretudo quando a rua estava movimentada. O incidente

com a senhora do traje de tweed tinha me deixado especialmente cauteloso.

— Obrigado, Princesa — comecei a dizer, entregando-lhe uma pequena guloseima.

Mesmo Bob lançou a ela uns olhares de aprovação. Em algum lugar, bem lá no fundo de sua mente felina, eu tinha certeza de que ele estava revendo sua opinião sobre a nossa nova e inesperada recruta. “Talvez ela não seja completamente ruim, afinal”, pode ser que ele estivesse pensando.

O tempo continuou feio durante toda a tarde. Por isso, quando o relógio estava quase dando seis, comecei a me preocupar com Tico. Eu tinha vendido bem e queria começar a pegar o rumo de casa. Não era uma noite para ficar fora até tarde. Mas nem sinal dele. Passou das seis da tarde e ainda nada. Vi uma das coordenadoras da *The Big Issue* indo do trabalho para casa. Todo mundo conhecia Tico, então perguntei se ela o tinha visto.

— Não; não o vejo há semanas, na verdade — ela disse. — Não desde toda aquela confusão, sabe?

— Sim — falei.

Por volta das seis e meia, me desiludi completamente. Eu sabia que moradores de rua não eram as pessoas mais pontuais do mundo, mas já estava ficando ridículo.

— Venham vocês dois, vamos para casa. Ele pode buscar você lá, Princesa — eu disse, reunindo todas as minhas coisas. Estava furioso com Tico, e também um pouco preocupado.

Mais cedo, Bob tinha tolerado que Princesa ficasse na quitinete por alguns minutos, mas ela “passar a noite” era outro assunto. Dava para prever muitos latidos de Princesa, reclamações dos vizinhos e, para mim, uma noite sem dormir.

Parei na loja de conveniência para pegar alguma comida para ela. Não fazia ideia do que ela gostava de comer, por isso apostei numa lata de ração a preço padrão e uns biscoitos para cães.

Já na cozinha, quando todos nos preparamos para jantar, Bob mais uma vez deixou claro quem vinha em primeiro lugar. Quando Princesa fez um movimento na direção da tigela de água que eu colocara para ela, Bob sibilou e rosnou ruidosamente, fazendo a intrometida recuar. Ele teve de beber seu leite primeiro.

Porém não demorou muito para que se chegasse a um acordo. Na verdade, Bob estava tão contente com a nova companheira que lhe permitiu acabar com o que sobrou em sua tigela de jantar.

“Agora já vi tudo”, pensei comigo mesmo. Na verdade, não tinha visto não.



Eu estava morto de cansaço por volta das dez da noite e adormeci em frente à televisão. Ao acordar, vi algo que me fez desejar ter uma câmera. Eu teria feito uma pequena fortuna naqueles programas que exibem cliques de animais bonitinhos.

Bob e Princesa estavam estendidos no tapete, cochilando serenamente. Quando os deixei, eles estavam em lados opostos da sala, com Bob próximo a seu lugar preferido, junto ao aquecedor, e Princesa perto da porta. Enquanto eu dormia, Princesa claramente procurou o calor do aquecedor e deslizou lado a lado com Bob. A cabeça dela estava agora a apenas uns 30 centímetros do nariz de Bob. Se eu não soubesse das coisas, teria achado que eram amigos de longa data. Tranquei a porta da frente, desliguei as luzes e fui para a cama, deixando-os lá. Não ouvi um pio até a manhã seguinte, quando fui acordado pelo som de latidos.

Levei um minuto para lembrar que eu tinha uma cadela em casa.

— O que foi, Princesa? — perguntei, ainda meio dormindo.

Dizem que alguns animais conseguem sentir que seus donos estão próximos. Minha melhor amiga Belle não raro ficava na quitinete com a gente e havia me dito que Bob muitas vezes sentia quando eu estava vindo para casa. Várias vezes ele saltava no

peitoril da janela da cozinha, olhando ansiosamente para a rua minutos antes de eu chegar à porta da frente. Estava claro que Princesa tinha o mesmo dom, pois alguns momentos depois ouvi a campainha. Era Tico.

Pelo aspecto de seu rosto, com a barba por fazer e um tanto turvo, ele havia dormido na rua, o que, conhecendo Tico, era bem possível.

— Sinto muitíssimo ter deixado você na mão ontem à noite, mas tive um problema — ele disse, se desculpando. Não me dei ao trabalho de perguntar o que foi. Eu mesmo havia tido noites assim, decididamente muitas delas.

Fiz outra xícara de chá e enfiei um pedaço de pão na torradeira. Ele parecia querer algo quente.

Bob estava deitado ao lado do radiador, com Princesa enrolada a alguns metros, com os olhos mais uma vez fixos em sua nova amiga. A expressão no rosto de Tico foi impagável. Ele ficou abismado.

— Olhe para aqueles dois. Fizeram amizade rapidinho — falei sorrindo.

— Dá para ver, mas não acredito muito — disse ele, abrindo um sorriso largo.

Tico não era homem de perder uma oportunidade.

— Então você se importaria de cuidar dela de novo se eu estiver em apuros? — perguntou ele, mastigando a torrada.

— Por que não? — respondi.



Capítulo 5

O fantasma na escada

Durante dias a chuva foi implacável, transformando as ruas de Londres em piscininhas infantis. Regularmente, Bob e eu chegávamos em casa encharcados, por isso, hoje eu havia voltado para casa mais cedo.

Cheguei à quitinete lá pelo meio da tarde, desesperado para tirar as roupas molhadas e para Bob se aquecer.

O elevador do meu prédio era inconstante nas melhores horas. Após alguns minutos apertando repetidamente o botão para que ele descesse do quinto andar, percebi que estava mais uma vez com defeito.

— Ótimo! — murmurei para mim mesmo. — Lamento, Bob. Temos de encarar a longa subida outra vez.

Ele olhou desconsolado para mim.

— Então, vamos nessa — eu disse, baixando o ombro para que ele pudesse subir a bordo.

Estávamos nos últimos lances de escada, do quarto para o quinto andar, quando notei uma figura nas sombras sobre o patamar acima de nós.

— Espere aqui um segundo, Bob — falei, colocando-o nos degraus e subindo sozinho.

Aproximando-me, pude ver que havia um homem encostado na parede. Curvado e com a calça parcialmente arriada, havia algo metálico em sua mão. Eu soube imediatamente o que ele estava fazendo.

No passado, o prédio havia sido um famoso refúgio para usuários e traficantes de drogas. Viciados conseguiam entrar e usavam a escada e os corredores para fumar crack e maconha ou injetar heroína, como esse cara estava fazendo. Desde que me mudei, a polícia melhorou radicalmente a situação, mas de vez em quando ainda víamos garotos traficando no vão da escada do andar térreo. Porém, estava longe de ser tão ruim quanto um abrigo habitacional em que eu havia morado anteriormente, lá em Dalston, o qual era infestado de viciados em crack. Porém ainda assim era angustiante, especialmente para as famílias que moravam nos pequenos apartamentos. Ninguém quer que seus filhos cheguem da escola e se deparem com um drogado injetando na escadaria em frente a sua casa.

Para mim, evidentemente era uma lembrança do passado que eu estava desesperado por deixar para trás. Eu continuava a lutar contra o vício; sempre lutaria. Infelizmente era assim a natureza das coisas. No entanto, desde que me juntei a Bob, mudei radicalmente e estava a caminho da completa recuperação. Quando consegui me livrar do vício em heroína e depois em metadona, receitaram-me um remédio chamado Subutex, um medicamento mais leve que estava reduzindo, de forma lenta mas segura, minha dependência das drogas. O conselheiro da minha unidade de dependência havia comparado essa parte final da recuperação ao pouso de um avião: eu desceria lentamente de volta à terra. Estava tomando Subutex há vários meses. Descido o trem de pouso, eu podia ver as luzes da pista à minha frente. A descida ia conforme o planejado; eu estava quase de volta em terra firme.

“Eu preferia não ver isso”, disse a mim mesmo.

Vi que o cara tinha lá seus 40 anos, com o cabelo cortado bem curto. Vestia casaco, camiseta e jeans preto e tênis imundo. Felizmente, não era agressivo. Na verdade, era exatamente o oposto. Foi muito amistoso, o que era bastante incomum. O altruísmo não é bem um ponto forte em viciados em heroína.

— Foi mal, colega, vou sair do seu caminho — disse ele, num forte sotaque de East End, tirando seus “equipamentos” da perna e subindo a calça. Dava para dizer que tinha acabado de injetar. Seus olhos tinham aquele olhar vidrado.

Decidi deixá-lo ir primeiro. Eu sabia que não devia confiar completamente num viciado. Queria mantê-lo na minha frente, onde eu pudesse vê-lo.

Ele estava muito vacilante e, cambaleando, subiu o pequeno lance de escadas até o patamar do quinto andar, passou pelas portas e entrou no corredor que conduzia ao elevador.

Bob subira trotando o último lance de escadas atrás de mim, ainda preso ao cadarço. Eu queria levá-lo para dentro por segurança, por isso me dirigi para a porta da nossa quitinete. Havia acabado de colocar a chave na fechadura e deixar Bob entrar quando ouvi um gemido alto. Virei-me e vi o cara desabar. Ele simplesmente caiu como um saco de batatas, batendo no chão com uma pancada.

— Colega, você está bem? — perguntei, correndo até ele. Claro que não estava.

Pude ver imediatamente que sua situação era complicada; não parecia estar respirando.

“Ah, céus, ele está tendo uma overdose!”, eu disse a mim mesmo, reconhecendo os sintomas.

Felizmente, eu estava com meu celular Nokia barato. Liguei para a emergência e pedi uma ambulância. A moça do outro lado da linha pegou meu endereço, mas disse que demoraria pelo menos dez minutos.

— Pode me descrever o estado dele? — ela perguntou, com a voz calma e profissional.

— Ele está inconsciente e não está respirando — respondi. — E a pele está mudando de cor.

— Ok, parece que o coração dele parou. Vou pedir pra você fazer uma reanimação cardiopulmonar nele. Sabe o que é isso? — perguntou a moça.

— Sei, sim. Mas você vai ter que me explicar direitinho como fazer.

Ela me mandou virar o cara de lado e conferir se sua passagem de ar estava desobstruída. Daí tive de virá-lo de costas para poder aplicar compressão em seu peito e tentar reanimar o coração. Então precisei fazer respiração boca a boca para tentar fazê-lo reagir.

Dentro de instantes lá estava eu pressionando seu peito com as duas mãos, contando enquanto o fazia. Quando cheguei ao número 30, parei para ver se havia alguma mudança de estado.

A moça do serviço de emergência ainda estava na linha.

— Alguma reação? — perguntou.

— Não, nenhuma. Ele não está respirando — completei. — Vou tentar de novo.

Continuei pelo que devem ter sido vários minutos, pressionando seu peito furiosamente em rajadas curtas, depois insuflando ar em sua boca. Mais tarde, recordando, fiquei surpreso com a calma que senti. Percebo agora que era uma dessas situações em que o cérebro entra no modo automático. A realidade emocional do que ocorria não estava absolutamente na minha mente. Pelo contrário: eu estava apenas me concentrando no lado prático das coisas, tentando fazer o cara respirar. Apesar dos meus melhores esforços, porém, o estado dele permaneceu o mesmo.

Em certo momento, ele começou a fazer um som gorgolejante, cavernoso. Eu tinha ouvido falar sobre o “estertor da morte” que uma pessoa faz quando toma o último fôlego. Eu não queria pensar nisso, mas temia que fosse o que eu estava ouvindo.

Depois do que pareceu uma eternidade, ouvi o interfone tocar, então corri até minha casa.

— Serviço de ambulância — disse uma voz. Apertei o interfone e pedi para subirem. Felizmente, nosso elevador esquisito agora estava funcionando novamente, de modo que chegaram ao quinto andar em poucos segundos. Eles jogaram as bolsas no chão e imediatamente exibiram um kit de reanimação cardiopulmonar, para conduzir choques elétricos. Então rasgaram a camiseta dele.

— Afaste-se, senhor — disse um deles. — Assumiremos a partir daqui.

Pelos próximos cinco minutos, mais ou menos, continuaram trabalhando febrilmente para fazê-lo se mexer. Mas o corpo jazia deitado ali, inerte e sem vida. A essa altura o choque entrava em ação e eu estava parado junto à soleira, trêmulo.

Finalmente, um dos homens da ambulância tombou para a frente e virou-se para o outro: — Não. Ele se foi — anunciou.

Lenta e muito relutantemente, colocaram um cobertor sobre o corpo e guardaram o equipamento.

Era como se eu tivesse sido atingido por um raio. Eu estava absolutamente aniquilado. Os caras da ambulância perguntaram se eu estava bem.

— Acho que só preciso entrar e sentar por um momento — disse a eles.

Bob ficara dentro do apartamento no decorrer de todo o drama, porém agora tinha aparecido à soleira, talvez sentindo que eu estava transtornado.

— Vamos lá, amigo, bora entrar — falei, pegando-o no colo. Por alguma razão eu não queria que ele visse o corpo deitado ali. Ele tinha visto cenas semelhantes nas ruas do centro, mas me sentia no dever de protegê-lo.

Alguns momentos depois, a polícia e alguns paramédicos chegaram. Passado um instante, um jovem policial bateu na minha porta.

— Foi você que o encontrou e ligou para a emergência? — perguntou.

— Sim — respondi. Eu já tinha me recomposto um pouco, mas ainda me sentia abalado.

— Você fez a coisa certa. Não acho que havia muito mais que pudesse ter feito por ele — disse o policial, em tom tranquilizador.

Descrevi como o havia encontrado na escada e o visto cair.

— Parece que o efeito foi bem rápido — comentei.

Contei-lhes que eu era um viciado em recuperação, o que, penso eu, dissipava qualquer suspeita de que eu estivesse envolvido com aquele cara. Eles sabiam como os viciados eram, aliás, eu também sabia.

Todo viciado é egoísta. No final do dia, tudo o que importa são eles mesmos. Literalmente venderiam a própria avó ou assistiriam à namorada morrer para se drogar. Se um viciado tivesse descoberto outro viciado que teve uma overdose desse jeito, ele teria feito duas coisas: tirado todo o dinheiro dos bolsos do coitado e depois fugido — e rápido. Desejaria não ter nada a ver com o ocorrido.

Os policiais também pareciam saber do prédio e de seu passado duvidoso, pois foram muito compreensivos.

— Está bem, Sr. Bowen, é tudo de que preciso por ora. É improvável que precisemos de mais detalhes para o inquérito, mas vamos arquivar seus dados caso tenhamos de falar com você novamente — comunicou o policial.

Conversamos por mais alguns instantes. Ele disse que haviam encontrado alguns documentos de identidade com o sujeito e também alguns medicamentos com seu nome e endereço. Descobriu-se que era paciente de uma ala psiquiátrica.

Quando vi o oficial saindo pelo corredor, a cena foi completamente apagada. Era como se nada tivesse acontecido.

Estava tão silencioso quanto um túmulo no meu prédio. Ninguém mais parecia caminhar por ali naquela hora do dia.

No silêncio, senti-me repentinamente devastado pelo que eu tinha acabado de ver. Não dava mais para refrear minhas emoções. De volta à quitinete, simplesmente desabei em lágrimas. Liguei para Belle do meu celular e lhe pedi que viesse ficar comigo aquela noite. Eu precisava falar com alguém.

Ficamos acordados até bem mais de meia-noite e bebemos cerveja demais. Eu não conseguia tirar da cabeça a imagem do cara desabando.



Fiquei em estado de choque leve por alguns dias. Por um lado, eu estava abalado com o fato de o pobre sujeito ter morrido daquela forma. Ele passara seus momentos finais no andar de um bloco de apartamentos anônimo, na companhia de um completo estranho. Essa não era a forma como a vida deveria funcionar. Ele era filho de alguém, talvez irmão de alguém ou até mesmo pai de alguém. Seus amigos é que deveriam estar com ele naquela hora. Onde estavam eles? Por que não cuidaram dele? Eu também queria saber por que raios o haviam autorizado a sair da ala psiquiátrica num dia em que estava tão vulnerável...

Mas, se eu fosse honesto, a coisa que me atingiu com mais força foi a constatação de que poderia facilmente ter sido eu. Pode parecer bobagem agora, mas me lembro de pensar que parecia um pouco como Scrooge^[2] sendo visitado pelo fantasma de seu passado não tão distante.

Durante a maior parte de uma década eu tinha vivido assim. Eu também fora uma figura fantasma, escondendo-me em escadarias e becos, perdido no vício em heroína. Eu não tinha memória real dos detalhes, é claro. Grandes trechos da minha vida naquela época eram um completo borrão. Entretanto era seguro supor que houve provavelmente dezenas — talvez centenas — de ocasiões em que

eu poderia ter morrido sozinho em alguma esquina anônima de Londres, longe dos meus pais, parentes e dos amigos de quem eu tinha me distanciado.

Pensando no rastro da morte daquele homem, parte de mim não conseguia realmente acreditar que eu também havia vivido dessa maneira. E se eu tivesse sido realmente rebaixado a isso? E se eu realmente tivesse feito essas coisas a mim mesmo? Uma parte de mim não conseguia imaginar como eu fora capaz de inserir uma agulha na minha carne, às vezes quatro vezes por dia. Parecia irreal, só que eu sabia que fora verdade. Eu ainda carregava as cicatrizes, literalmente. Era só olhar para meus braços e pernas para vê-las.

Elas me faziam lembrar do quão frágil ainda era minha situação. Um viciado está sempre vivendo no fio da navalha. Eu sempre teria uma personalidade viciada e alguns problemas de saúde mental que eu sabia que me tornavam propenso a um comportamento destrutivo. Bastava um momento de fraqueza e eu poderia degradingolar novamente. Isso me assustava, mas também fortalecia minha determinação para continuar essa lenta descida à terra de que meus conselheiros haviam falado. Eu não queria ser outra vez um anônimo nas escadas. Eu tinha de continuar seguindo em frente.



Capítulo 6

O inspetor de lixo

Todos temos nossas obsessões na vida. Para Bob, são as embalagens.

A coleção variada de caixas, pacotes, papéis de embrulho e garrafas de plástico que usamos no dia a dia o fascina. E alguns materiais lhe causam maior fixação que outros.

O plástico bolha, naturalmente, é uma fonte de entretenimento sem fim. Qual criança não gosta de estourar as bolhas? Bob fica louco de entusiasmo toda vez que o deixo brincar com uma folha dessas. Sempre fico de olhar atento nele. Toda vez que ele estoura uma bolha com a pata ou boca, ele se vira e me dirige um olhar como se dissesse: “Você ouviu isso?”.

Papel de embrulho é outra fascinação. Sempre que desembulho um presente para ele, Bob demonstra mais interesse em brincar com o papel enfeitado do que com o brinquedo em si. Ele também é obcecado pelo papel barulhento usado dentro de pacotes de cereais e nos embrulhos de pão. Nunca deixa de me surpreender: ele pode passar meia hora farfalhando uma bola de papel. Bolas de papel-alumínio amassado têm o mesmo efeito.

Não há dúvida, porém, sobre o seu tipo favorito de embalagem: caixas de papelão. Basicamente toda caixa que encontra é um brinquedo, um objeto projetado para lhe fornecer horas de diversão. Se alguma vez passo por Bob com uma caixa de papelão na mão, ele se atira na minha direção para agarrá-la. Não importa se é uma caixa de cereal, uma caixa de leite ou uma caixa maior: ele se levanta num pulo, remando rapidamente com as patas, como se dissesse: “Me dê! Quero brincar com isso *agora*”.

Ele também adora se esconder nas caixas maiores, um hábito que me deu um susto em pelo menos uma ocasião.

Eu não deixo Bob sair perambulando sozinho, e as janelas estão sempre fechadas para evitar que ele suba e saia por elas. (Eu sei que os gatos têm a capacidade de “se endireitar” no ar, e estávamos “apenas” a cinco andares de altura, mas eu não queria testar suas habilidades de voo!) Assim, numa noite de verão, quando não consegui encontrá-lo em nenhum de seus locais habituais, entrei em pânico.

— Bob, Bob, onde está você, amigão? — perguntei, sem resposta.

Olhei em todo lugar, um processo que não demorou muito, dada a pequenez do meu apartamento. Mas não havia sinal dele no quarto, na cozinha ou no banheiro. Eu estava começando realmente a me preocupar com seu bem-estar quando de repente me ocorreu que eu havia colocado no armário arejado uma caixa contendo algumas roupas de segunda mão que me foram dadas por um voluntário.

Como era de esperar, abri o armário e dei com uma inconfundível forma cor de laranja submersa no meio da caixa.

Ele fizera a mesma coisa não havia muito tempo, com consequências quase desastrosas.

Belle tinha vindo me ajudar a pôr o lugar um pouco em ordem. Não era a mais organizada e arrumada das casas na maior parte das vezes. Não ajudava o fato de que, durante anos, eu havia catado coisas que os outros jogavam fora. Não sei se inconscientemente eu nutria o sonho de abrir um negócio de sucata, ou se apenas era fascinado por coisas antigas, mas de alguma forma eu juntara todo tipo de quinquilharia, desde livros e mapas antigos até rádios e torradeiras quebrados.

Belle havia me convencido a jogar fora um pouco dessas velharias, e tínhamos arrumado algumas caixas de papelão cheias delas. Nós íamos jogar algumas no lixo, e levar outras a lojas de

caridade ou ao posto de reciclagem local. Belle estava descendo com uma caixa para jogá-la no lixo e aguardava a chegada do elevador quando sentiu a caixa sacudir. Isso a assustou um pouco, e eu a ouvi gritar lá de dentro da quitinete.

Quando abri a porta para ver qual era o problema, ela tinha soltado a caixa no chão e encontrado Bob lá dentro. Ele se desenredava de uma coleção de livros e revistas antigos onde tinha se enroscado para uma soneca.

Logo depois disso, resolvi lhe fazer uma cama com uma caixa de papelão. Percebi que, se dormisse numa delas, poderia ficar menos obcecado em outras vezes. Eu havia tirado um lado de uma caixa e depois a forrei com um cobertorzinho. Ele ficou muito confortável ali; adorou.

Não se livrou totalmente de sua obsessão, no entanto. E continuava profundamente interessado na lata de lixo da cozinha. Toda vez que eu botava algo no lixo, ele se erguia sobre as patas traseiras e enfiava o nariz dentro da lata. Se alguma vez eu o desafiasse, ele me lançava um olhar como quem diz: “Ei, o que você está jogando aí dentro? Ainda não decidi se quero brincar com isso ou não”. Por um tempo, comecei de brincadeira a chamá-lo de “inspetor de lixo”. Nem sempre foi motivo de riso, no entanto.



Eu acabava de sair do banho numa manhã quando ouvi barulhos estranhos vindos da cozinha. Dava para discernir um som fino e metálico de coisa raspando, como se algo estivesse sendo arrastado por todo lado. E vinha acompanhado por uma espécie de gemido baixinho.

— Bob, o que você está aprontando agora? — perguntei, pegando uma toalha para secar o cabelo enquanto ia averiguar.

Não pude deixar de rir diante da visão que tive.

Bob estava postado no meio do chão da cozinha com uma lata vazia de comida de gato enfiada no topo da cabeça. A lata estava repousada num ângulo elegante, bem sobre a linha de visão. Bob ficou parecendo um cruzamento entre o Cavaleiro Negro do filme *Monty Python* com o *Santo Graal* e um guarda galês diante do Palácio de Buckingham, com seu chapéu de pele de urso caindo sobre os olhos.

Era óbvio que ele não conseguia ver muita coisa, pois estava andando para trás pelo chão da cozinha, arrastando a lata consigo na tentativa de se livrar dela. Fazia movimentos premeditados, recuando um passo cuidadoso de cada vez, ocasionalmente balançando a lata ou erguendo-a um pouco antes de dar uma pancadinha no chão com ela, na esperança de que o impacto a desalojasse de sua cabeça. Porém, seu plano não estava funcionando. Era cômico ver aquilo.

Não era preciso ser Hercule Poirot ou Columbo^[3] para descobrir o que havia acontecido. No canto da cozinha, pude ver o saco de lixo preto que eu levaria no dia seguinte até os contêineres com rodinhas lá embaixo. Em geral, eu esvaziava a lata de ração, punha-a dentro do saco preto e o deixava do lado de fora da quitinete, especialmente para impedir Bob de fuçar nele. Mas, por alguma razão, tinha me esquecido e o deixado no chão da cozinha. Grande vacilo.

Bob tinha visivelmente se aproveitado da minha ausência para rasgar e mastigar o fundo do saco, de modo a tentar a sorte vasculhando o lixo. Ele não conseguiu alcançar a frente de papelão, mas achou a lata vazia. Infelizmente, entusiasmado em explorar seu conteúdo, acabou ficando com a cabeça presa lá dentro. Era o tipo de coisa que se via o tempo todo no YouTube ou em programas de videoclipe como o *You've Been Framed*. Ele se metera numa confusão terrível e estava deixando escapar um gemidinho bastante triste e comovente. Não era a primeira vez que havia feito algo assim. Um dia, eu estava sentado na sala quando ouvi outro ruído estranho vindo da cozinha, uma espécie de batidinha. *Pá... pá... pá*,

seguido por um *pá, pá, pá, pá* mais rápido. Encontrei Bob perambulando com um potinho miniatura de manteiga preso a uma das patas. Ele adorava manteiga, então obviamente tinha achado aquilo e mergulhado a pata lá dentro para lambar o restinho. Mas de alguma forma tinha entalado a pata lá dentro e passou a andar com ela presa. De vez em quando, ele levantava a pata e a batia na porta do armário, num esforço para se livrar dela. No final das contas, tive de ajudá-lo na façanha. Pelo visto eu precisaria repetir a dose para retirar aquela lata da cabeça dele.

Bob estava visivelmente triste e sabia que tinha feito algo estúpido.

— Bob, seu tonto. O que você fez? — eu disse, inclinando-me para ajudá-lo. “Ainda bem que não enfiou a cabeça toda dentro da lata!”, pensei.

Havia uma borda serrilhada onde ela tinha sido aberta, por isso fui cuidadoso na hora de removê-la de sua cabeça. Cheirei dentro da lata. Não era o odor mais agradável, com certeza. Assim que ficou livre, Bob correu para o canto. Havia pedaços de comida grudados na sua orelha e na parte de trás da cabeça, então ele começou a se lambar freneticamente para se limpar. Enquanto se lambia, continuava a me lançar olhares bastante acanhados, como se dissesse: “Sim, sei que foi uma coisa idiota. Não vou fazer de novo”.

Quando saímos para o trabalho, mais ou menos uma hora depois, ele ainda estampava a mesma expressão bastante constrangida, e eu ainda sorria da comicidade do caso.

O primeiro sinal de que algo estava errado veio alguns dias depois, quando ele começou a comer mais do que o habitual. A dieta diária de Bob era uma rotina bem estabelecida há vários anos. Mesmo que o dinheiro estivesse curto, eu sempre tentava alimentá-lo com comida decente, “cientificamente formulada”, das mais populares marcas de ração. Eu servia cuidadosamente a comida, seguindo as porções recomendadas para não exceder. Assim, de manhã ele comia uma xícara rasa (das de chá) cheia de ração de

alto valor nutritivo e, ao final do dia, cerca de uma hora antes de dormir, mais meia xícara com metade de um pedaço de carne.

Essas duas refeições eram complementadas pelos lanchinhos que eu dava enquanto estávamos fora trabalhando. Era sempre mais do que o suficiente para mantê-lo feliz e saudável. Na verdade, ele geralmente deixava mais ou menos um quarto de sua ração matinal, porque era demais para ele. Às vezes também largava tudo lá, e outras comia pouco antes de sairmos para o trabalho, como se fizesse “uma boquinha” no meio da manhã.

Poucos dias depois de ter a cabeça prensada na lata, porém, notei que ele estava devorando todo o café da manhã num tempo duas vezes mais rápido. E até lambia a tigela.

Passou a ficar mais exigente, pois ele mesmo pedia os lanches; não era mais eu quem decidia quando dar uma recompensa por seus truques. Havia algo diferente na maneira como ele implorava por esses lanches: não era o habitual olhar lamentoso do “Gato de Botas”; passou a ser como se ele estivesse realmente desesperado por comida.

Era a mesma coisa quando chegávamos em casa. Normalmente ele ficava bastante despreocupado em receber o jantar, mas passou a me perturbar tão logo estávamos na porta. Ficava agitado até eu encher sua tigela. E mandava tudo para dentro o mais rápido que podia; depois, lançava-me um olhar saído diretamente de Oliver Twist: “Por favor, pai, me dê um pouco mais?”^[4].

O mais alarmante, no entanto, foi que, depois de mais ou menos uma semana com esse comportamento, ele não ganhou peso algum.

“Que estranho”, eu disse a mim mesmo numa noite, quando ele tinha terminado o jantar e ainda estava com cara de quem poderia ter comido mais.

Somando-se às minhas suspeitas de que algo estava errado, notei que ele estava indo ao banheiro com mais frequência. Bob era, como a maioria dos gatos, uma criatura de hábitos regulares quando

se tratava de fazer suas necessidades. Ao longo dos anos, tinha superado sua aversão de ir até a caixa de areia de manhã. Depois, fazia as necessidades novamente, já quando estávamos pelas ruas de Londres.

De repente, porém, esse hábito mudou, e ele começou a ir três ou mais vezes ao dia. Pode até ser que estivesse indo mais do que isso. Uma vez o surpreendi quando ele estava usando o banheiro da quitinete. Eu não o tinha visto usá-lo novamente desde então. Será que não gostava de ser observado? Mas, à medida que me preocupava cada vez mais com essa mudança de hábito, notei que às vezes a água do vaso sanitário ficava um pouco descolorida.

Ele também tinha começado a exigir que eu o levasse para defecar com mais frequência nos arredores da estação Angel. Era sempre uma verdadeira aporrinhação arrumar a trouxa e ir até a Green para que ele pudesse se aliviar.

— O que você tem, Bob? — perguntei, perdendo a paciência depois de alguns dias desse comportamento. Ele apenas me lançou um olhar arreadio, como se me dissesse para cuidar da minha própria vida.

O momento em que eu soube que realmente havia um problema sério foi quando o encontrei arrastando o traseiro ao longo do chão. A primeira vez que notei isso foi numa manhã, logo depois de acordar. Vi-o profundamente concentrado, correndo o bumbum pelo tapete da sala. Fiquei irritado.

— Bob, isso é nojento. O que pensa que está fazendo? — censurei.

Mas logo percebi que isso indicava um problema. Como sempre, a grana estava curta e eu não queria gastar de maneira extravagante numa visita ao veterinário e nos inevitáveis medicamentos que viriam depois. Assim, na manhã seguinte, a caminho do trabalho, decidi dar uma entradinha na biblioteca local para pesquisar na internet. Meu palpite é que ele tinha algum tipo de infecção no estômago. Não explicava necessariamente a comilança,

porém estava em consonância com o fato de ir ao banheiro com mais frequência e deslizar o traseiro no chão.

Meu maior medo era que fosse uma infecção por parasitas. Lembrei-me da minha infância lá na Austrália, quando tinha visto alguns gatos desenvolverem vermes. Não era agradável, e também era contagioso. Muitas crianças na Austrália costumavam contrair vermes de seus gatos. Era muito ruim, na verdade.

Evidentemente, pesquisar doenças na internet é o maior erro que se pode cometer. Como era de se esperar, em mais ou menos meia hora eu havia me convencido de que os sintomas de Bob estavam em consonância com um tipo de verme muito grave, um ancilóstomo ou uma tênia. Nenhuma é uma doença fatal, contudo podem ser muito desagradáveis, causando, se não forem tratadas, uma perda severa de peso e deterioração na pelagem.

Eu sabia que não tinha opção senão verificar seu cocô na próxima vez em que ele fosse ao banheiro. Não tive de esperar muito tempo. Dentro de cerca de uma hora ele começou a fazer seus ruídos e gestos reveladores, e eu tive de sair com ele até a Green. Preparei-me para olhar rápida e furtivamente antes que ele encobrisse suas fezes na terra macia. Ele não aceitou de bom grado a minha intromissão.

— Desculpe, Bob, tenho que dar uma olhada — avisei, inspecionando seus excrementos com um galho.

Pode parecer bizarro, mas fiquei muito feliz quando vi algumas criaturinhas brancas e sinuosas ali dentro. Eram vermes, mas pequeninhos.

“Pelo menos não é tênia nem ancilóstomo”, consolei-me pelo resto do dia.

Indo para casa naquela noite, senti uma mistura de emoções estranhas e ligeiramente confusas.

O responsável dono do gato estava realmente humilhado. Eu era tão cuidadoso com sua dieta, evitando carnes cruas e outras coisas

que sabia que eram arriscadas quando se trata de vermes. Eu também checava regularmente se ele tinha pulgas, que podem atuar como hospedeiros de vermes. Ele era um gato muito limpo e saudável, e eu tinha certeza de que a quitinete estava em estado decente para ele viver. A notícia daqueles vermes refletia muito mal em mim, e parecia que eu o tinha desapontado um pouco. Por outro lado, no entanto, eu estava aliviado porque agora sabia o que precisava fazer.

Por um golpe de sorte, eu sabia que a van da Blue Cross^[5] estaria em Islington Green no dia seguinte. Assim, garanti que saíssemos cedo para vencer as longas filas que sempre se formavam antes de a clínica começar o atendimento.

A equipe conhecia bem Bob e eu; fomos visitantes regulares ao longo dos anos. Foi lá que implantaram o microchip em Bob, e eu tinha passado a maior parte do ano indo lá para lentamente saldar as taxas por esses e outros tratamentos. Foi lá também que com frequência eram feitos exames minuciosos, inclusive para o controle de pulgas.

O veterinário de plantão naquela manhã pediu-me para descrever o problema, depois deu uma olhada rápida em Bob e numa amostra de cocô que eu colocara num pote plástico para comprimidos e havia largado pela casa antes de chegar a uma conclusão previsível.

— Sim, receio que ele esteja com vermes, James — declarou o veterinário. — O que ele tem comido ultimamente? Alguma coisa fora do comum? Anda vasculhando o lixo ou coisa do tipo?

Era como se uma luz tivesse acendido em minha cabeça. Senti-me muito estúpido.

— Ah, céus, sim.

Eu tinha esquecido completamente do incidente da lata. Ele deve ter encontrado um pedaço de frango velho ou outra carne lá dentro. Como pude ter falhado em reparar isso?

O veterinário me ensinou a administrar a medicação e me deu uma seringa.

— Quanto tempo vai levar para ele melhorar? — perguntei.

— Vai se recuperar dentro de poucos dias, James — disse. — Me avise se os sintomas persistirem.

Anos antes, quando acolhi Bob e precisei lhe administrar antibióticos, eu tivera de fazer isso manualmente, colocando os comprimidos em sua boca e depois esfregando sua garganta para ajudar a descer até o estômago.

Teoricamente, a seringa simplificaria esse processo. Mas Bob teria de confiar em mim para inserir o negócio goela abaixo.

De volta ao apartamento naquela noite, eu poderia dizer que ele não foi com a cara da seringa. No entanto foi um indicador de quanto ele confiava em mim o fato de me deixar colocar o plástico dentro de sua boca e soltar o comprimido antes de eu esfregar sua garganta. Imaginei que ele devia saber que eu não lhe faria nada que não fosse absolutamente necessário.

Como o veterinário havia previsto, Bob estava de volta ao estado normal dentro de alguns dias. Seu apetite diminuiu e ele logo estava comendo e indo ao banheiro normalmente outra vez.

Quando pensava no que tinha acontecido, eu me dava uma reprimenda. A responsabilidade de cuidar de Bob tinha sido uma força muito positiva em minha vida. Mas eu precisava fazer jus a essa responsabilidade. Não era um emprego de meio período em que eu poderia bater o ponto sempre que tivesse vontade.

Sentia-me particularmente negligente por não ser a primeira vez que Bob havia sofrido por causa de seu hábito de vasculhar o lixo. Mais ou menos um ano antes ele ficou doente depois de investigar o interior dos latões com rodinhas do prédio.

Eu disse a mim mesmo que nunca poderia deixar um saco de lixo largado daquele jeito outra vez. Em primeiro lugar, foi estúpido ter feito isso. Ainda que tudo estivesse fechado, Bob era um

personagem muito astucioso e investigador; ele acharia uma maneira de rasgar.

Mais que tudo, porém, eu suspirei aliviado. Não era com frequência que ele ficava indisposto ou doente, mas, sempre que ficava, meu pessimismo saltava às piores conclusões possíveis. Por mais idiota e dramático que fosse, nos últimos dias eu passei a imaginá-lo morrendo e eu tendo de continuar a vida sem ele. Era uma perspectiva assustadora demais para contemplar.

Eu sempre dizia que éramos parceiros, que precisávamos um do outro igualmente. Lá no fundo, eu não acreditava que isso fosse realmente verdade. A sensação era de que eu precisava mais dele do que ele de mim.



Capítulo 7

Gato em teto de Hoxton

Bob e eu sempre fomos uma dupla bastante diferente, afinal não há muitos sujeitos de 1,80 m perambulando pelas ruas de Londres com um gato laranja repousado sobre os ombros. Certamente viramos a cabeça das pessoas.

Por alguns meses durante o verão e o outono de 2009, chamamos ainda mais atenção. Infelizmente eu estava com dor demais para curtir a atenção que recebemos.

Os problemas começaram no ano anterior, quando eu tinha viajado para a Austrália para ver minha mãe. Sempre tivemos uma relação difícil e tínhamos ficado afastados por quase uma década. Afora uma breve visita a Londres, a última vez que eu a tinha visto foi quando ela se despediu de mim no aeroporto, eu com 18 anos, partindo da Austrália para “acontecer” como músico em Londres. Na década perdida que se seguiu, quase não nos falamos. O tempo tinha cicatrizado um pouco as feridas; assim, quando ela se ofereceu para pagar minha visita a ela na Tasmânia, pareceu certo eu ir.

Com a ajuda de Bob, eu tinha acabado de conseguir fazer um avanço enorme e me livrar da dependência da metadona. Isso me deixara com uma sensação de fraqueza; eu precisava de descanso. Bob tinha ficado com minha amiga Belle em seu apartamento perto de Hoxton, no norte de Londres, não muito longe da Angel.

No entanto, os longos voos de ida e volta da Austrália haviam cobrado seu preço fisicamente sobre mim. Eu tinha conhecimento sobre os riscos para a saúde de passar horas em voos de longo percurso, especialmente quando se é alto como eu, e fiz o melhor

possível para evitar ficar sentado por muito tempo numa posição apertada. Todavia, apesar de fazer o melhor possível para passear pelo avião sempre que dava, eu chegara em casa com uma dor lancinante na parte superior da coxa.

No início a dor era suportável, e eu a tratava com analgésicos comuns. De forma lenta mas segura, porém, a dor piorou. Comecei a ter uma incrível sensação de espasmos, como se meu sangue tivesse parado de circular e meus músculos estivessem retesados. Sei que nenhum ser humano sente *rigor mortis*, porém eu suspeitava que fosse aquela a sensação. Era como se eu tivesse a perna de um zumbi.

A dor logo se tornou tão intensa que não dava para sentar ou deitar com a perna em posição normal. Do contrário, a dor muscular era constante. Então, sempre que eu estava assistindo à televisão ou fazendo uma refeição em casa, precisava me sentar com a perna sobre uma almofada ou outra cadeira. Quando chegava a hora de dormir, eu me deitava com o pé acima do extremo da cabeceira da cama.

Consultei o médico algumas vezes, mas ele só receitava analgésicos mais fortes. Durante os dias sombrios de meu vício em heroína, eu havia me injetado em toda parte do corpo, incluindo a virilha. Tenho certeza de que os médicos achavam minha condição, seja lá qual fosse, apenas uma espécie de ressaca do meu passado abusivo com as drogas. Na verdade, até eu achava isso. Tudo só reforçava meu antigo sentimento de que, por ser um sem-teto, de alguma forma eu era invisível; a sociedade não me considerava um problema dela.

O verdadeiro problema era que eu precisava ganhar dinheiro para sobreviver. Então, independentemente de quanto desconforto sentisse, eu teria de me rebocar da cama e seguir para a estação Angel todos os dias.

Não era fácil. No momento em que punha o pé no chão, a dor subia rapidamente pela perna como um choque elétrico. Só

conseguia andar três ou quatro passos de cada vez. Por isso, a caminhada até o ponto de ônibus tornou-se uma maratona, não raro me tomando duas ou três vezes mais tempo do que normalmente tomaria.

Bob não sabia o que fazer a princípio. Apenas continuava me lançando olhares inquisidores como se dissesse: “O que você está fazendo, amigão?”. Mas ele era um bichinho esperto. Logo sacou que havia algo errado e começou a mudar seu comportamento de forma correspondente.

Pela manhã, por exemplo, em vez de me saudar com seu repertório habitual de sons, patadinhas e olhares de súplica, ele começou a olhar para mim com uma expressão curiosa e ligeiramente compadecida. Era como se dissesse: “Está se sentindo melhor hoje?”.

Era a mesma história enquanto seguíamos para o trabalho. Não raro Bob caminhava lado a lado comigo em vez de ocupar sua posição habitual nos meus ombros. Ele obviamente preferia viajar no convés superior, como mencionei, mas trotava ao meu lado tanto quanto conseguisse. Acho que ele podia ver que eu estava sofrendo.

Quando ele sentia que eu estava persistindo há tempo demais, tentava na prática me fazer parar e sentar. Ele cruzava meu caminho, tentando me guiar na direção de um banco ou uma parede onde eu pudesse fazer uma pausa. Considerava melhor que eu terminasse minha jornada a ter de parar a cada poucos passos, por isso, por um tempo, desenvolveu-se uma pequena batalha de vontades entre nós.

Devia ser muito divertido quando os moradores de Tottenham nos viam descendo com cuidado a rua próxima ao meu prédio. Sempre que me ouvia reclamar sobre a dor, Bob parava e me dirigia um olhar que insinuava que eu deveria tomar mais fôlego ou sentar. Eu olhava de volta para ele e dizia: “Não, Bob, preciso continuar andando”. Se eu não estivesse com tanta dor, provavelmente teria

achado isso bastante divertido. É provável que lembrássemos um casal de velhos batendo boca.

Depois de um tempo, porém, ficou bem claro que eu não poderia continuar assim. Não raro chegava do trabalho exausto e descobria que o elevador estava com defeito outra vez. A subida até o quinto andar era absolutamente torturante e poderia levar uma eternidade. Então passei a morar com Belle.

Havia todos os tipos de vantagem nisso. Para começar, o apartamento dela ficava no primeiro andar em vez do quinto, o que me poupava de muita irritação. Ir para o trabalho de lá era também um processo menos doloroso, com um ponto de ônibus a apenas alguns metros de distância.

Ajudava um pouco, mas a dor continuava a piorar. Meu medo de colocar o pé no chão agora tinha se tornado tão grande que numa manhã decidi eu mesmo fazer uma muleta. Com Bob a reboque, dirigi-me para o bonito parquinho perto do apartamento de Belle e encontrei um galho de árvore caído que se ajustava perfeitamente debaixo do meu braço, permitindo-me evitar o peso da perna dolorosa enquanto andava. Só levei um ou dois dias para pegar o jeito da coisa. Recebi uma penca de olhares estranhos, compreensivelmente. Com o cabelo comprido, a barba grande e desgrenhada, devia parecer algum tipo atualizado do mago Merlin ou de Gandalf, do filme *O Senhor dos Anéis*.

Como se isso não fosse estranho o suficiente, a visão de um gato laranja sentado no meu ombro devia ter evocado ainda mais imagens de magos andando por aí com seus bichos de estimação. A verdade era que eu realmente não me importava com o que eu estava parecendo naquele momento. Tudo que aliviasse a dor era uma dádiva dos céus.

Ir a qualquer lugar a pé tornara-se um verdadeiro calvário. Eu dava alguns passos e então tombava e repousava na parede de tijolos mais próxima. Havia tentado usar a bicicleta para me locomover, mas foi uma impossibilidade absoluta, pois quando

aplicava pressão no pedal com a perna direita eu sentia muita dor. O Bobmóvel estava no corredor, acumulando poeira.

Não restava dúvida de que Bob compreendia que havia algo de errado comigo, e às vezes eu sentia que ele estava perdendo a paciência. Em algumas manhãs, enquanto me observava lutando para vestir a calça, lançava-me um olhar fulminante, como se dissesse: “Por que está fazendo isso? Por que não fica na cama?”. A resposta, obviamente, era que eu não tinha opção, precisava trabalhar. Estávamos duros, como sempre.

Minha rotina diária tornou-se um verdadeiro fardo. Saíamos do ônibus em Islington Green e seguíamos para o parquinho para que Bob pudesse fazer suas necessidades. De lá, eu ia mancando até o ponto do coordenador da *The Big Issue*, que ficava bem em frente à Starbucks. Então, atravessava a rua principal e me dirigia para a estação de metrô e de lá para o nosso ponto.

Ficar lá por cinco ou seis horas não era possível. Eu teria desmaiado. Felizmente, certo dia um dos floristas viu o estado em que eu estava e veio até mim segurando uns baldes que ele usava para conservar as flores na água.

— Aí está, sente nesse. E faça o Bob sentar nesse outro — ele disse, dando uma tapinha encorajador em minhas costas.

Eu realmente senti gratidão por isso. Não havia como ficar de pé por mais do que alguns minutos.

A princípio, fiquei preocupado com o fato de que sentar no balde seria um desastre para o meu negócio. (As pessoas sempre riam quando eu dizia que vender a *The Big Issue* era um negócio, mas é o que de fato era. Você precisava comprar revistas para vendê-las, por isso, como vendedor, você tinha de fazer julgamentos precisos sobre estoque e orçamento toda semana. O princípio realmente não era diferente de dirigir uma grande corporação, e os riscos eram tão altos quanto, senão maiores. Tenha sucesso e você sobrevive; fracasse e você pode morrer de fome.)

Normalmente, eu andava a pé pela área diante da estação, persuadindo as pessoas a abrir mão de seu suado dinheiro. Quando comecei a sentar no balde, fiquei com medo de que simplesmente não me vissem ali. Entretanto eu devia ter imaginado: Bob cuidou disso.

Talvez fosse porque eu estivesse sentado com ele a maior parte do tempo, mas durante esse período ele se tornou um verdadeiro *showman*. No passado, geralmente era eu quem instigava as rotinas divertidas. Porém agora ele começava a tomar a iniciativa. Esfregava-se em mim e me lançava um olhar como se dissesse “vamos lá, amigão! Pegue os lanchinhos. Vamos fazer uns truques e ganhar umas libras”.

Algumas vezes eu ficava convencido de que ele sabia exatamente o que estava acontecendo. Eu tinha certeza de que sacara que, quanto mais cedo ganhássemos uma quantia satisfatória de dinheiro, mais cedo poderíamos chegar em casa e eu, descansar minha perna. Era assustadora a maneira como ele entendia.

Às vezes, bem que eu gostaria de poder enxergar a vida tão claramente.



Morar na casa de Belle com Bob tinha seus prós e contras. Eu ainda tentava desesperadamente descobrir o que havia de errado com minha perna, mas tinha esperança de que, descansando-a, o problema de alguma forma sumiria. Enquanto eu passava o maior tempo possível sem andar, Belle cuidava de mim, cozinhando boas refeições e lavando minhas roupas, e Bob se dava bem com ela. Durante o tempo em que passou com ela enquanto estive na Austrália, haviam visivelmente desenvolvido uma ligação forte. Ela era a única outra pessoa que ele permitia que o pegasse no colo, por exemplo.

Não havia dúvida de que ele também considerava o apartamento dela um refúgio. No ano anterior, quando ele fugiu da Angel, numa

noite depois de ser atacado por um cão, dirigiu-se para o apartamento de Belle, ainda que tivesse sido uma longa caminhada. Levei horas para concluir que ele tinha se refugiado lá. Foi a noite mais longa da minha vida.

A proximidade do relacionamento deles certamente facilitava as coisas para mim. Mas também dava a Bob a liberdade para ser travesso.

Em uma manhã, levantei-me e fui à cozinha preparar uma xícara de café, esperando encontrar Bob acomodado lá. Tal como em nossa quitinete, ele tendia a vadiar na cozinha logo cedinho, principalmente na esperança de pegar sobras de comida. Muitas vezes era um verdadeiro glutão.

Naquele dia, porém, não havia nenhum sinal dele. Não havia sinal de Belle também.

Chovera forte naquela manhã, mas já havia clareado. Estava ensolarado, e a temperatura já estava subindo. A previsão anunciava calor abafado mais tarde. Notei que Belle já tinha aberto a janela da cozinha para deixar o ar fresco entrar.

— Bob, onde está você, amigão? — perguntei, saindo em sua busca, só de cueca boxer e camiseta.

Não havia sinal dele na sala nem no corredor, então me dirigi ao quarto dos fundos, onde Belle dormia. Quando vi que lá a janela também estava entreaberta, senti um instantâneo peso no coração.

O apartamento de Belle ficava no primeiro andar, e a janela do quarto dos fundos tinha vista para o telhado. Esse telhado tinha vista para um jardim e, para além dele, a garagem do prédio. De lá, era uma curta caminhada até a rua principal, um das mais movimentadas daquela parte norte de Londres.

— Ah, não, Bob. Você não foi lá fora, né?

Consegui espremer a cabeça pelo vão da janela e corri os olhos para baixo. Havia telhados projetando-se ao longo de todo o edifício.

Como era de se esperar, cinco apartamentos para a frente via-se Bob sentado, tomando sol no telhado.

Quando gritei seu nome, ele lentamente virou a cabeça em minha direção e me lançou um olhar confuso. Era como se dissesse: “O que está pegando?”.

Ele podia tomar banho de sol, eu não tinha problema com isso. Estava mais preocupado com o perigo de ele deslizar do telhado escorregadio, ou descer até o jardim e, de lá, sair pela garagem para a rua principal.

Entrei em pânico e comecei a tirar os parafusos de segurança da janela para abri-la totalmente e subir no telhado. Após alguns minutos, consegui me espremer pelo vão. Ainda não tinha conseguido vestir roupa nenhuma.

As telhas de ardósia estavam escorregadias por causa da chuva, por isso, manter a aderência não era fácil, especialmente tendo em vista o fato de eu estar com uma intensa dor na perna. De alguma forma, no entanto, consegui atravessar rapidamente os telhados até chegar a Bob. Eu estava a poucos metros dele quando percebi que a missão era inútil.

Bob de repente se levantou e voltou correndo pelos telhados, passando indiferente por mim. Quando tentei agarrá-lo, ele simplesmente rosnou e deu uma súbita arrancada em direção à janela aberta de Belle. Mais uma vez, ele me lançou um olhar desdenhoso e logo foi desaparecendo dentro de casa.

Eu, evidentemente, tinha um longo caminho a percorrer. Levei alguns minutos para voltar com dificuldade pelas ardósias escorregadias. Para minha vergonha completa, alguns rostos apareceram nas janelas. Os olhares falavam por si. Eram um misto de choque, pena e gozação.

Momentos depois de voltar para a segurança do apartamento, ouvi a porta da frente se fechando e vi Belle postada no corredor com um saquinho de compras.

Ela desatou a rir.

— Onde você esteve? — perguntou.

— No maldito telhado tentando salvar Bob — respondi.

— Ah, ele vai lá o tempo todo — ela disse, com um gesto desdenhoso de mão. — Ele até desce no jardim às vezes. Mas sempre sobe de volta.

— Bem que eu queria que você tivesse me dito isso antes — protestei, arrastando os pés até o meu quarto temporário para finalmente colocar alguma roupa.

Mas não demorou muito para virar o jogo: logo depois, era Belle quem xingava os modos travessos de Bob. Descobri da pior maneira que Bob adorava explorar os fundos do prédio de Belle e se aproveitava totalmente do fato de estar no primeiro em vez do quinto andar.

Em alguns aspectos, era uma coisa saudável. Bob adorava ir lá fora fazer suas necessidades de manhã e de noite. Mas, naturalmente, isso também lhe permitia exercer seus outros instintos naturais.

Eu sabia que caçar estava em seu DNA. Não importa o quanto as pessoas achem que gatos são graciosas bolinhas felpudas: eles também são predadores — predadores extremamente competentes, aliás. Quando nos adaptamos à vida no apartamento de Belle, ele começou a nos trazer presentes. Um dia estávamos sentados na sala quando ele chegou com um ratinho pendurado na boca e o colocou cuidadosamente aos meus pés, como se me oferecesse um presente.

Castiguei-o por isso.

— Bob, você vai ficar doente outra vez se comer isso! — avisei.

Sendo realista, eu sabia que não havia nada que eu pudesse fazer além de mantê-lo em prisão domiciliar, o que eu não queria

fazer. E eu não ia colocar uma coleira de sininho nele, pelo menos não nessa altura.

Previsivelmente, isso o tornou um pouco mais ousado em seu comportamento.

Uma manhã, eu estava deitado na cama, lendo, quando ouvi um grito estridente. Era Belle.

— Ah, meu Deus. Ah, meu Deus!

Levantei-me num pulo e fui correndo até a sala, onde ela estava passando roupa. Lá, sentada em cima de uma pilha de camisas e lençóis recém-passados, havia uma rãzinha marrom.

— James, James, pegue isso, se livre dessa coisa, por favor! — pediu ela, acalmando-se um pouco.

Notei que Bob estava na soleira captando tudo. Havia uma estranha expressão em seu rosto, o que eu só poderia chamar de traquinagem. Era como se ele soubesse exatamente o que tinha acontecido.

Peguei a rãzinha e segurei-a com as mãos em concha. Então, pela porta da frente, contornei o longo caminho até a área nos fundos do edifício, com Bob me seguindo passo a passo.

Voltei para dentro, comecei a ler meu livro e esqueci o caso. Mas então, cerca de uma hora depois, ouvi outro grito, acompanhado pelo som de algo batendo numa parede. Desta vez vinha do corredor.

— O que foi agora? — perguntei, indo em direção ao tumulto.

Belle estava num extremo do corredor com as mãos na cabeça e uma expressão horrorizada no rosto. Ela apontou para um par de chinelos que tinha claramente jogado na outra ponta.

— Está dentro do meu chinelo agora! — disse.

— O que está dentro do seu chinelo? — perguntei, intrigado.

— A rã!

Tive de conter uma risada. Novamente apanhei a rã e saí com ela para o jardim. Mais uma vez, Bob marchou atrás de mim, tentando fazer parecer pura coincidência que a rã tivesse aparecido dentro do apartamento duas vezes no intervalo de uma hora.

— Fique aí, amigo — eu lhe disse, sentindo que precisava ter a certeza de descartar a rã devidamente desta vez.

Ele olhou para mim com ar de desaprovação, depois virou a cabeça e voltou furtivamente para dentro de casa, como se dissesse: “Você realmente não sabe brincar”.



Por mais à vontade que estivéssemos na casa de Belle, depois de um tempo comecei a perceber que não era o ideal, em especial para o meu relacionamento com Bob.

A dor na perna me deixara irritadiço e geralmente menos divertido para se conviver. Então, talvez inevitavelmente, conforme o tempo passava, Bob e eu tínhamos começado a passar cada vez menos tempo juntos. Percebendo que eu dormia mais e não estava no melhor dos humores quando acordava, ele não entrava sempre no quarto para brincar de manhã cedo. Em vez disso, muitas vezes Belle preparava o café da manhã para ele. Ele também saía pela janela para explorar os fundos do prédio todos os dias e às vezes ficava fora por longos períodos. Imaginei que devia estar se divertindo lá fora.

Além disso, eu tinha suspeitas bem fortes de que estivesse comendo em outros lugares.

Ele começou a chegar em casa após suas visitas no telhado e no jardim por volta da hora do jantar. Mas, quando Belle ou eu colocávamos uma tigela para ele, ele pouco mais fazia do que brincar com a comida.

A princípio, senti um peso no coração. “Ele está comendo no lixo outra vez”, eu disse a mim mesmo. Mas Belle e eu conferimos a

área do lixo nos fundos do edifício e chegamos à conclusão de que não tinha como ele conseguir entrar nas lixeiras gigantes e fechados. A explicação devia estar em outro lugar.

Um dia, quando saíamos para o trabalho, vi um senhor idoso lá embaixo, recolhendo a correspondência. Bob viu-o e o encarou com um olhar sabido.

— Olá, amiguinho — disse o homem. — Que bom vê-lo novamente.

De repente tudo fazia sentido. Lembrei-me daquele livro infantil, *Six Dinner Sid*^[6], de Inga Moore, sobre um gato que, com seus encantos, conquista a afeição de todos da rua, ganhando um jantar em cada casa todas as noites. Bob tinha aplicado o mesmo golpe.

De certo modo, era um sinal de quão feliz e à vontade ele estava lá. Mas também era um sinal de que estava se acostumando com a vida sem que eu o aporrinhasse. Deitado, tentando pensar em qualquer coisa que não fosse a dor latejante em minha perna, comecei a me perguntar algo que não havia me perguntado em todo o tempo em que estivéramos juntos. Ele seria mais feliz sem mim?

Era uma pergunta justa. Quem precisava andar por aí com um aleijado, ex-drogado, sem dinheiro e sem perspectivas de emprego? Quem precisava estar nas ruas sob todos os tipos de clima, sendo cutucado e incomodado por transeuntes? Especialmente quando havia almas mais amigáveis e menos complicadas em volta para dar-lhe uma refeição substancial todos os dias?

Sempre senti que poderia dar a Bob uma vida tão boa quanto qualquer outra pessoa, senão uma vida melhor. “Éramos almas gêmeas, duas cartas do mesmo naipe”, dizia a mim mesmo. Pela primeira vez desde que nos juntamos, eu não tinha mais tanta certeza disso.



Capítulo 8

Ninguém tão cego

É incrível o que a dor faz com a psiquê humana. À noite, em particular, quando você se deita, incapaz de dormir, alucinando, pensando nas coisas mais malucas. Em certo momento, por exemplo, comecei a fantasiar ter a perna amputada. Imaginei ter uma prótese em vez do inchado latejante que eu tinha agora — e fui verdadeiramente confortado por esse pensamento.

Outra vez, eu mancava pelo estacionamento de um supermercado quando vi uma cadeira de rodas ali, sem ninguém. Um homem estava descendo uma rampa hidráulica na parte de trás de uma pequena van, de onde, presumi, o proprietário da cadeira logo seria ajudado a sair. O pensamento de poder viajar sem precisar colocar nenhum peso sobre o pé era realmente tentador. Por uma fração de segundo, pensei em roubá-la. Senti vergonha de mim mesmo no instante em que a ideia me passou pela cabeça.

Algumas noites, enquanto ficava deitado com uma espécie de febre, também me pegava pensando cada vez mais em Bob, ou, mais especificamente, em perder Bob. Quanto mais minha perna piorava, mais eu ficava convencido de que ele estava pronto para ir embora. Imaginava-o na companhia do velho vizinho, sendo paparicado e mimado. Visualizava-o deitado no telhado ensolarado de Belle sem nenhuma preocupação mundana, enquanto eu saía mancando para vender sozinho a *The Big Issue*.

Não era um salto de imaginação tão grande assim. Lá no apartamento de Belle, eu passava cada vez mais tempo sozinho, dormindo no quarto. Como resultado, tinha menos paciência para Bob do que antes. Ele subia hesitante até mim na cama, esperando

eu arremessar algumas guloseimas, mas eu deixava de corresponder. Às vezes ele tentava se enrolar na minha perna, o que eu achava insuportável, pois ela estava bem vermelha e a dor era implacável.

— Vá brincar em outro lugar, Bob — eu pedia, afastando-o de lado. Ele, relutantemente, deslizava de mim e saía pela porta do quarto, lançando-me um olhar decepcionado enquanto ia embora. Não era surpresa que estivesse começando a procurar afeto em outro lugar, expliquei a mim mesmo depois. Não estava sendo muito amigo dele no momento.

Eu sabia que isso não estava ajudando ninguém, muito menos a mim, mas eu não sabia o que fazer para sair do buraco negro que vinha lentamente me consumindo nas últimas semanas. Uma manhã, porém, acordei e decidi que já era o suficiente. Eu simplesmente tinha de fazer algo para mudar. Não me importava o que os médicos diziam: eu queria respostas, eu queria que esse problema fosse embora. Vesti-me, peguei a muleta e dirigi-me ao consultório local, determinado a fazer um exame adequado.



— Muleta interessante a sua, Sr. Bowen — comentou o médico quando apareci na sala de consulta.

— A necessidade é a mãe da invenção — disse eu, pondo a vara no canto e subindo à mesa de exames, onde ele começou a examinar minha coxa e minha perna.

— Não parece muito boa. Você precisa manter pressão nessa perna durante uma semana mais ou menos. Pode tirar folga do trabalho? — perguntou.

— Não, não mesmo. Vendo a *The Big Issue* — expliquei.

— Tudo bem, faça o possível para manter o pé elevado o tempo todo — disse ele. — Eu também preciso que faça um exame de sangue conhecido como dímero D, que busca coagulação nas

células sanguíneas. Suspeito de que é aí que residem os problemas.

— Está bem — concordei.

— Agora, o que vamos fazer em relação a esta sua muleta? Acho que podemos arranjar algo melhor que um galho de árvore — comentou.

— Sem chance de uma cadeira de rodas? — perguntei, de repente me lembrando daquela que tinha visto no estacionamento.

— Receio que sem chance. Mas eu poderia lhe oferecer um conjunto decente de muletas enquanto tentamos diminuir esse inchaço e inflamação.

Lá pelo fim da manhã, lá estava eu todo orgulhoso, proprietário de um par de muletas metálicas apropriadas e completas, com empunhaduras de borracha, apoios de braço e amortecedores de choque. Logo passei a tirar um som de batidas metálicas para cima e para baixo, com as pernas balançando na minha frente.

Eu estava perfeitamente consciente de como isso soava para as pessoas. Sentia-me um idiota, ainda mais idiota do que quando usava um galho de árvore debaixo do braço. Dava para sentir o que as pessoas pensavam sobre mim. Era deprimente.

No entanto, já era o tempo de sentir pena de mim mesmo. Eu não desperdicei tempo e preparei-me para fazer o exame de sangue no dia seguinte. Não era assim tão simples, claro. Tirar uma amostra de sangue de um viciado em heroína que está em recuperação é fácil de falar, o difícil é fazer.

A enfermeira pediu-me que arregaçasse a manga, mas, ao tentar achar uma veia, fracassou miseravelmente.

— Hummm, vamos tentar neste outro braço então — pediu. Mas foi a mesma coisa outra vez.

Trocamos um olhar que falava por si mesmo. Eu não precisava explicitar.

— Quem sabe eu tentando? — me ofereci.

Ela me lançou um olhar complacente e me entregou a agulha. Encontrei uma veia na perna e a deixei extrair a amostra. As humilhações de ser um viciado em recuperação eram infinitas, entretanto eu não ia deixar que isso me dissuadisse.

Alguns dias depois, quando liguei para a clínica, a médica confirmou minhas piores suspeitas. Disse que eu tinha desenvolvido uma trombose venosa profunda, ou TVP.

— Você tem um coágulo de sangue que eu gostaria que fosse mais investigado. Então preciso que vá ao University College Hospital fazer um ultrassom — me orientou.

De certa forma foi um alívio. Suspeitava que eu tivesse me causado um problema naqueles longos voos de ida e volta da Austrália. Recordando isso, vi que eu tinha reprimido o pensamento por todos os tipos de razões bobas, em parte porque não queria parecer paranoico, mas em parte também porque eu não queria ter minhas suspeitas confirmadas. Eu sabia que as TVPs poderiam causar todos os tipos de problema, especialmente coronários, derrames em particular.

Diante de tudo isso, fiquei inquieto ao longo da semana seguinte, enquanto aguardava o ultrassom. Bob e eu continuamos a trabalhar, mas eu estava apenas empurrando com a barriga. Sentia medo de fazer algo que pudesse desencadear um derrame ou um ataque cardíaco. Até parei de interagir com ele quando sentávamos juntos nos baldes. Ele olhava para mim de quando em quando, esperando que eu exibisse uma guloseima para que pudéssemos iniciar a performance para os viajantes habituais. Mas na maior parte das vezes eu não estava com cabeça para isso e virava de costas. Olhando para trás, permanecia envolvido demais em mim mesmo. Se eu olhasse para Bob, com certeza teria visto o desapontamento estampado em sua cara.



Quando chegou o dia do exame, arrastei-me até o UCH, em Euston Road, e atravessei uma sala de gestantes que aguardavam no setor de ultrassom. Eu parecia ser a única pessoa que não estava feliz por estar lá.

Fui levado por um especialista que passou grande quantidade de gel na minha perna, a fim de conseguir deslizar a câmera, do jeito que fazem com as futuras mães. Descobriu-se que eu tinha um enorme coágulo de sangue, de uns 15 centímetros de comprimento.

O especialista sentou-me e disse que suspeitava de que o coágulo tivesse começado pequeno, mas que havia engrossado e ainda mais ao longo da borda da veia.

— Foi provavelmente a alta temperatura que o deflagrou, e depois você o agravou perambulando por aí — explicou. — Vou receitar um anticoagulante, e isso deve resolver o seu problema.

Fiquei aliviado. Infelizmente, eu não era muito inocente.

Receitou-me um anticoagulante muito usado para “diluir” o sangue de potenciais vítimas de derrame. Mas não prestei atenção nenhuma à bula; não me ocorreu que pudesse haver efeitos colaterais.

Algumas noites após começar a tomar os comprimidos, levantei-me por volta das cinco da manhã para ir ao banheiro. Estava bem escuro lá fora, porém havia luz quase o suficiente para eu encontrar o caminho até o banheiro e voltar. Enquanto caminhava pelo corredor, senti algo escorrendo pela coxa. Acendi uma luz e fiquei horrorizado ao ver que minha perna estava coberta de sangue. Quando voltei ao quarto e acendi as luzes, vi que os lençóis da cama estavam encharcados também.

Bob estava dormindo profundamente no canto, mas acordou. Ele percebeu que havia algo de errado e subiu rapidamente para ficar ao meu lado.

Eu não fazia ideia do que estava acontecendo, mas sabia que precisava ir a um hospital — e rápido. Vesti às pressas um jeans e

um suéter e saí correndo do apartamento, seguindo para a Tottenham High Road, onde imaginava ter chance de pegar um ônibus.

Quando cheguei ao UCH, internaram-me imediatamente. Disseram-me que o anticoagulante tinha diluído o sangue de tal forma que começou a sangrar dos poros da pele enfraquecida, local onde eu costumava me injetar.

Mantiveram-me internado por dois dias enquanto resolviam o problema da minha medicação. Eles finalmente determinaram outro medicamento, que não teria o mesmo efeito. Essa era a boa notícia. A má notícia era que eu mesmo teria de injetá-lo no estômago durante um período de até seis meses.

Me autoinjetar era horrível por todas as razões. Para começar, era doloroso injetar diretamente nos músculos do estômago. Dava para sentir o conteúdo da seringa entrando no tecido. Em segundo lugar, era outro lembrete do meu passado. Eu odiava a perspectiva de ter uma seringa e uma agulha como parte do meu cotidiano mais uma vez.

O pior de tudo, porém, é que não funcionou.

Mesmo depois de estar me injetando com o novo medicamento há algumas semanas, minha perna não melhorou. Eu não conseguia andar mais que dois passos, mesmo com as muletas. Então, comecei a me desesperar. Mais uma vez, comecei a imaginar perder a perna por completo. Voltei ao UCH e expliquei a situação a um dos médicos que eu havia consultado anteriormente.

— Precisamos interná-lo novamente por uma semana. Vou verificar qual é a situação do leito agora mesmo — disse, pegando o telefone.

Eu não estava nada satisfeito com isso. Significava que eu não seria capaz de trabalhar, e eu já tinha perdido dois dias no hospital. Mas eu sabia que simplesmente não podia continuar nesse estado. Disseram que teriam um leito no dia seguinte.

Assim, fui para casa naquela noite e expliquei a situação a Belle. Ela concordou em cuidar de Bob, o que foi um grande consolo para mim, afinal eu sabia que ele estava feliz lá. Na manhã seguinte, levantei-me e fiz uma malinha de coisas para levar ao hospital.

Eu não era o melhor paciente. A pista está na palavra “paciente”. Não é algo que eu já fui acusado de ter: paciência. Distraio-me facilmente.

Durante os primeiros dias, não dormi muito bem, mesmo quando me deram medicação para me ajudar a cochilar. Inevitavelmente, comecei a fazer um balanço da minha vida e fiquei deitado lá me preocupando com tudo — com minha perna, minha saúde a longo prazo, meu ponto na estação Angel e, como sempre, a falta de dinheiro. Também me afligia em relação a Bob.

A ideia de que devíamos seguir caminhos diferentes recusava-se a ir embora. Estávamos juntos há mais de dois anos e meio, e ele tinha sido o amigo mais leal. Mas todas as amizades passam por fases, e algumas chegam ao fim. Eu via que eu não tinha sido a companhia mais brilhante nas últimas semanas. Será que eu devia perguntar a Belle se ela queria ficar com ele? Talvez eu devesse perguntar ao simpático vizinho com quem ele já tinha estabelecido vínculo, quem sabe? Eu, evidentemente, ficaria devastado em perdê-lo. Ele era meu melhor amigo, meu chapa. Eu não tinha mais ninguém na vida. Lá no fundo, eu precisava dele para me manter na linha, para conservar minha sanidade na hora do aperto. Mas, ao mesmo tempo, eu tinha de fazer a escolha certa e não sabia realmente o que fazer. E então uma coisa me ocorreu: não era decisão minha.

Como diz o velho ditado, os gatos escolhem você, não o contrário. É o que tinha acontecido com Bob e eu anos antes. Por alguma razão, ele vira algo em mim que o fez querer não se afastar. Sempre acreditei em carma, a noção de que você recebe de volta na vida o que dá ao mundo. Talvez eu tivesse sido presenteado com sua companhia em recompensa por algo bom que fizera na vida. Não que eu pudesse lembrar de ter feito algo muito bom. Agora eu tinha

de esperar para ver se ele iria me escolher outra vez. Se ele quisesse continuar comigo, seria decisão dele. E só dele.

Eu descobriria a resposta em breve, tinha certeza.



Quando os resultados da última rodada de exames chegaram, disseram-me que a dosagem do medicamento receitado não era forte o suficiente. Eles iam aumentá-la, mas também queriam me manter internado por mais tempo para garantir que o aumento realmente tivesse impacto.

— Serão só mais alguns dias, apenas para ver se funciona e se não haverá efeitos colaterais — explicou o médico.

Belle foi me ver, deixando alguns livros e revistas em quadrinhos. Disse-me que Bob estava bem.

— Acho que ele encontrou outra pessoa para alimentá-lo além daquele senhor — disse ela, rindo. — Ele realmente faz jus ao nome *Six Dinner Bob*.

Depois de alguns dias, era óbvio que a nova dosagem estava finalmente resolvendo minha TVP. Quando olhei para minha perna, o inchaço estava começando a diminuir e a cor, voltando à normalidade. Os médicos e enfermeiros também notaram, por isso não perderam tempo em me tirar da cama.

— Não é bom você ficar deitado aí o dia todo, Sr. Bowen — um deles dizia.

Assim, insistiram para que eu saísse e andasse pelo corredor ao menos duas vezes por dia. Na verdade, foi uma alegria poder perambular sem fazer cara de dor. Ao colocar peso sobre a perna, não tive as mesmas sensações de dor torturante. Ainda doía, mas não chegava nem perto do que era antes.

Fiéis à sua palavra, cerca de uma semana depois de ter sido internado, os médicos disseram-me que eu poderia ir para casa. Enviei a Belle uma mensagem de celular com a boa notícia. Ela me

mandou uma mensagem de volta para dizer que iria tentar ir ao hospital me encontrar, ainda naquele dia.

A papelada do hospital demorou mais do que eu esperava, então era quase noite quando tirei o pijama, vesti minhas roupas, juntei meus pertences e fui mancando até a saída, em Euston Road. Eu ainda tinha as muletas, mas na prática não precisava mais delas. Agora eu podia colocar pressão sobre a perna sem nenhuma dor de verdade.

Belle tinha me mandado outra mensagem de texto para dizer que me encontraria do lado de fora.

“Não posso entrar no hospital. Explico quando a gente se encontrar”, ela escrevera.

Ela combinara me encontrar perto da infame escultura de arte moderna diante da entrada principal. Eu tinha ouvido as pessoas no hospital falando sobre a obra de arte, um gigante seixo polido de seis toneladas. Ele tinha custado ao hospital dezenas de milhares de libras e destinava-se a fazer os pacientes e visitantes “sentirem-se melhor” quando chegassem e partissem. Não me inspirava, mas por certo senti o benefício quando meu corpo encontrou o ar frio da noite. Recostei-me nele por alguns instantes, enquanto tentava recuperar o fôlego, depois de andar pelo que pareceu serem quilômetros ao longo dos corredores sem o auxílio de muletas.

Eu estava alguns minutos adiantado, por isso não vi sinal de Belle. Não era surpresa pela hora adiantada da noite; dava para ver que o tráfego da hora do rush já estava aumentando. Eu estava resignado a esperar um pouco, mas então, para meu alívio, vi-a surgir de um ponto de ônibus do outro lado da rua. Ela trazia uma mala grande de viagem, que, presumi, tinha algumas roupas limpas e minha jaqueta dentro. A princípio não avistei; contudo, à medida que ela se aproximava, vi um flash de pelo alaranjado saindo do topo aberto da mala.

Quando ela chegou ao pé da escada, vi a cabeça de Bob escapar de dentro.

— Bob! — eu disse, animado.

No momento em que captou minha voz, ele começou a sair, revirando-se na mala. Num instante, estava com as patas da frente sobre o braço de Belle e as de trás no topo da mala, pronto para saltar.

Estávamos ainda a alguns metros de distância quando Bob se lançou para fora da mala, em minha direção. Foi o salto mais atlético que eu já o vira dar, e isso dizia muita coisa.

— Pera aí, amigão — falei, avançando cambaleante para pegá-lo, depois o segurando perto do meu peito. Prendeu-se a mim como um molusco apegando-se a uma rocha golpeada por ondas. Ele então encostou a cabeça no meu pescoço e começou a me esfregar com as bochechas.

— Espero que não se importe, mas é por isso que eu não podia entrar. Eu tive que trazê-lo — disse Belle, radiante. — Ele me viu separando algumas coisas para você e ficou doido. Acho que sabia que eu estava vindo buscá-lo.

Quaisquer dúvidas que eu tivera sobre nosso futuro juntos foram varridas naquele instante. No caminho de casa, Bob ficou em cima de mim, literalmente. Em vez de sentar lado a lado comigo, ele sentou no meu colo, rastejou sobre meus ombros e sentou-se ereto, com as patas no meu peito, ronronando satisfeito.

Era como se ele nunca mais quisesse me largar. Eu me sentia exatamente do mesmo jeito.



Dizem que não há ninguém tão cego quanto aqueles que não querem ver. Nos dias e semanas que seguiram, percebi que eu estivera relutante, ou talvez incapaz, em ver o que era muito óbvio. Longe de querer me abandonar, Bob andava desesperado para ajudar a aliviar minha dor e me ver no caminho da recuperação. Ele

dera espaço para eu me recuperar. Mas também vinha cuidando de mim sem o meu conhecimento.

Belle disse-me que, sempre que eu estava dormindo no quarto, Bob ia dar uma espiada. Deitava-se no meu peito e até corria as bochechas de vez em quando.

— Ele te dava uma patadinha na testa e esperava você reagir. Acho que ele só queria ter certeza de que você ainda estava com a gente — disse ela, sorrindo.

Outras vezes, contou-me, ele se enrolava na minha perna.

— Era como ele estivesse tentando aplicar um torniquete ou algo assim. Era como quisesse mandar a dor embora — continuou. — Você nunca se mantinha parado tempo suficiente para Bob ficar lá por muito tempo. Mas ele sabia onde era a dor e claramente estava tentando fazer algo para ajudar.

Eu não tinha visto nada disso. O que era pior: sempre que Bob havia tentado me ajudar ou me confortar quando eu estava acordado, eu o afastara. Eu fora egoísta. Bob me amava e precisava de mim tanto quanto eu o amava e precisava dele. Eu nunca iria me esquecer disso.



Ficar deitado na cama por dias a fio também tinha focado minha mente em outra coisa. Poucas semanas depois de voltar a ficar de pé, dei o passo mais importante que já dera em anos. Talvez em toda a minha vida.

Quando realmente ouvi as palavras, durante um encontro regular com meu conselheiro antidrogas na unidade de dependência em Camden, elas a princípio não entraram na minha cabeça.

— Acho que você alcançou a linha de chegada, James — meu conselheiro disse.

— Desculpe, o que quer dizer com isso?

— Vou escrever sua última receita. Mais alguns dias tomando a medicação e acho que você estará pronto para se chamar de “limpo”.

Eu vinha frequentando a clínica há vários anos. Chegara ao caos, viciado em heroína e em via rápida para uma morte prematura. Desde então, graças a uma brilhante equipe de conselheiros e enfermeiras, eu estava saindo da beira do abismo.

Após me livrar da dependência, primeiro de heroína e depois de metadona, minha nova medicação, Subutex, de forma lenta mas segura, vinha claramente me ajudando a sair do vício em entorpecentes. Fazia cinco meses que eu o tomava.

Chamavam esse remédio de droga milagrosa, e, pelo que diz respeito a mim pelo menos, é exatamente o que senti. Ele me permitira reduzir o desejo por drogas, suavemente e sem quaisquer contratempos. Eu vinha reduzindo minha dosagem de Subutex gradualmente, primeiro de 8 miligramas para 6; depois para 4, e então para 2. A partir daí, eu começara a tomar doses ainda menores, medidas em 0,4 miligrama. Fora um processo bastante simples, muito mais fácil do que eu esperava.

Por isso eu não sabia muito bem por que saí da unidade naquela manhã sentindo-me tão apreensivo com o fato de estar prestes a parar de tomar completamente o Subutex.

Eu devia estar contente. Era hora daquele suave pouso de avião, sobre o qual um dos meus conselheiros havia falado. Mas eu estava curiosamente inquieto, e permaneci desse jeito pelos próximos dois dias.

Naquela primeira noite, por exemplo, comecei a suar e a ter pequenas palpitações. Não eram graves. Certamente não eram nada se comparadas com o que eu tinha passado quando me librei da dependência em metadona, há quase seis meses. Aquilo tinha sido um inferno. Era quase como se eu estivesse esperando que uma coisa horrível acontecesse, que eu tivesse alguma reação drástica. Porém nada aconteceu. Senti-me absolutamente bem.

Bob estava em sintonia com meu estado de espírito e sentia que eu precisava de um pouco mais de atenção. Ele não era visível; ele não precisava realizar qualquer um de seus diagnósticos de tarde da noite ou dar uma patada na minha cabeça para conferir se eu ainda respirava. Apenas se aproximava alguns centímetros no sofá e esfregava a cabeça no meu pescoço.

Continuei o mais normal possível ao longo dos dias seguintes. Bob e eu tínhamos voltado para o apartamento em Tottenham, onde havíamos nos adaptado à vida outra vez. Foi um grande alívio poder andar direito e rodar de bicicleta com Bob a bordo.

No final, houve uma ligeira sensação de anticlímax. Cinco ou seis dias depois de eu ter recebido a última receita, puxei a cartela de alumínio da caixa e vi que restava apenas um comprimido.

Retirei, apertando o comprimido de forma oval, coloquei-o sob a língua até ser completamente dissolvido, depois tomei um copo de água. Amassei a folha metálica até fazer uma bola e joguei-a no chão para Bob ir atrás.

— Aí está, amigão. É o último daqueles para você brincar.

Naquela noite, fui para a cama esperando ter uma noite difícil. “Nunca vou dormir”, disse a mim mesmo. Eu tinha certeza de que meu corpo ia ser atormentado pela angústia da abstinência. Eu esperava pesadelos, visões, torcer e virar sem descanso. Mas não houve nada disso. Não houve nada. Talvez eu estivesse simplesmente exausto de ansiedade, e, no momento em que minha cabeça encontrou o travesseiro, apaguei.

Quando acordei na manhã seguinte, reuni meus sentidos e pensei comigo mesmo: Meu Deus. É isso. Estou limpo.

Olhei pela janela, para o horizonte de Londres. Não estava um céu azul glorioso, infelizmente. Não era exatamente esse clichê. Mas certamente era um céu limpo. E, da mesma forma de quando me livrei do vício em metadona, ele parecia de algum modo mais claro e colorido.

Eu sabia que os dias, semanas, meses e anos à minha frente não seriam fáceis. Haveria vezes em que me sentiria estressado, deprimido e inseguro e, nesses momentos, eu sabia que a tentação mesquinha iria voltar, então eu pensaria em tomar algo para amortecer a dor, para matar os sentidos.

Tinha sido por isso que eu me deixara seduzir pela heroína em primeiro lugar. Foram a solidão e o desespero que haviam me levado aos braços dela. Mas, agora, eu estava decidido que isso não ia acontecer novamente. A vida não era perfeita, longe disso. No entanto era um milhão de vezes melhor do que tinha sido quando eu consolidara meu vício. Naquela época, eu não conseguia enxergar além da próxima pancada. Agora sentia como se pudesse enxergar um caminho adiante. Eu sabia que poderia continuar, apesar dos pesares.

Daquele dia em diante, toda vez que me sentia enfraquecer, eu dizia a mim mesmo: “Espere. Não, eu não estou dormindo ao relento, eu não estou sozinho, não é um caso perdido. Eu não preciso disso”.

Continuei consultando um conselheiro por um tempo, mas logo também não precisei mais disso. Cerca de um mês depois de ter tomado meu último comprimido de Subutex, ele assinou minha dispensa.

— Não precisamos mais nos ver — ele disse, enquanto me conduzia porta afora. — Mantenha contato e boa sorte. Parabéns.

Fico feliz por dizer que não o vi nem tive notícias dele desde então.



Capítulo 9

A grande noitada de Bob

Enquanto caminhávamos para o sul, atravessando o Tâmesa pela ponte de Waterloo, as luzes das Casas do Parlamento e da London Eye refulgiam no céu noturno do final de novembro e a calçada estava movimentada. A maioria seguia na mesma direção, do West End e da City rumo aos trens de subúrbio da estação Waterloo. Alguns eram trabalhadores de aspecto cansado, saídos tarde do escritório e indo para casa, outros estavam num astral mais alegre depois de uma noitada no West End.

Eram quase dez e meia da noite, o fim do dia para eles. Para mim e Bob, por outro lado, era o começo do que prometia ser uma noite longuíssima.

Eu fora convencido pela *The Big Issue* a participar de um novo evento que eles estavam organizando. Havia poucos meses que li sobre o evento na revista pela primeira vez. Chamava-se “A grande noitada” e fora planejado para coincidir com o aniversário de 18 anos da revista. Com isso em mente, alguma cabeça brilhante tinha decidido que seria boa ideia organizar uma caminhada de 30 km pelas ruas de Londres no meio da noite.

A ideia era que pessoas comuns pudessem caminhar pela cidade deserta, entre dez da noite e sete da manhã, com um grupo de vendedores ambulantes da *The Big Issue*, para aprender um pouco sobre a realidade de viver ao relento e dormir nas ruas. Os anúncios na revista chamavam-na de “uma fantástica oportunidade para se unir a outras pessoas com ideias afins e que possuem senso de aventura e desejo de ajudar a capacitar pessoas desabrigadas e vulneráveis em todo o Reino Unido”. Não tínhamos sequer

terminado a caminhada até a largada do evento, mas eu já começava a me perguntar se era uma aventura longa demais para mim e Bob, especialmente dados os problemas que eu tivera com a perna. Era uma noite amargamente fria — e esfriava mais a cada minuto.

Eu tomara a decisão de participar por algumas razões. Primeiro, e acima de tudo, era a chance de ganhar algumas libras extras. Todos os vendedores que participassem da caminhada tinham o direito a 25-30 cópias grátis da *The Big Issue*. Significava que eu poderia embolsar cerca de 60 libras potencialmente. Além disso, porém, eu via como uma oportunidade de falar com as pessoas sobre a revista e a vida das pessoas que a vendiam.

Apesar dos altos e baixos que eu tivera com a empresa, ainda estava crente em sua missão. Era, sem dúvida, a salvação para muitas pessoas que viviam nas ruas. Ela certamente tinha ajudado a me dar sentido e determinação ao longo do caminho — sem mencionar o dinheiro para me manter.

Íamos nos encontrar no cinema IMAX, na rotatória do Bullring, ao lado sul da ponte de Waterloo. Era um local apropriado. Não fazia muito tempo, a rotatória — bem, mais especificamente o labirinto de passagens subterrâneas de concreto debaixo dela — havia sido uma favela que os londrinos conheciam como Cardboard City. Durante a década de 1980 e início dos anos 1990, tornara-se um lar para mais de 200 “desabrigados”, como nos chamavam os assistentes sociais. Muitos dos que residiam lá temporariamente, drogados e alcoólatras, mas muitos construíam casas para si mesmos com paletes de madeira e caixas de papelão. Algumas tinham até salas de estar e quartos com colchões. Eu tive um abrigo, porém não necessariamente seguro, há 15 anos. Morei lá por um curto período durante seus últimos dias, no fim de 1997 e início de 1998, quando todo mundo foi despejado para abrir caminho para o cinema IMAX.

Minhas memórias do lugar eram incompletas, mas, quando entrei no IMAX, vi que os organizadores da caminhada haviam criado uma

pequena exposição de fotos sobre a história de Cardboard City. Com Bob no ombro, corri os olhos pelas fotos em busca de rostos que eu reconhecesse. Ao que se revelou, eu estava procurando no lugar errado.

— Olá, James — disse uma voz feminina atrás de mim. Reconheci-a imediatamente.

— Olá, Billie — falei.

Lá por volta do ano 2000, quando minha vida estava em sua maré mais baixa, Billie e eu havíamos ficado amigos, ajudando-nos e fazendo companhia um ao outro. Havíamos nos conhecido depois do desaparecimento de Cardboard City e tínhamos nos aninhado juntos contra o frio nos abrigos que instituições beneficentes como a Centrepont e a St Mungo's costumavam erguer durante os meses de inverno.

Acabou que Billie também dera uma reviravolta na vida dela. Tivera uma epifania numa noite em que dormia ao relento e foi acordada por um vendedor da *The Big Issue*. A princípio, ficou irritada. Nem sabia o que era a revista. Mas daí a olhou e entendeu a ideia. Assim reconstruiu sua vida e, uma década depois, mostrava-se um “exemplo proeminente” da The Big Issue Foundation.

Relembramos os maus e velhos tempos enquanto tomávamos uma xícara de chá.

— Lembra do abrigo no Arco do Almirantado, durante aquele inverno com muita neve? — perguntou-me.

— Sim, em que ano foi mesmo? 1999 ou 2000? Ou 2001? — eu disse.

— Não lembro. Aqueles dias são todos um borrão, não são? — comentou ela, com um encolher de ombros resignado.

— Sim. Ainda assim, estamos aqui, o que não se pode dizer de alguns dos pobres coitados com quem vivemos naquela época.

Só Deus sabe quantas das pessoas que estiveram nas ruas com a gente morreram no frio ou por causa de drogas ou violência.

Billie estava muito empenhada nessa caminhada.

— Dará às pessoas uma ideia do que tivemos que passar — disse ela. — Eles não serão capazes de se esconder em casa numa cama quente; terão que ficar lá fora com a gente.

Eu não estava tão certo. Ninguém, não importa quão bem-intencionado seja, poderia realmente entender como era viver nas ruas.

Billie, como eu, tinha uma companhia. A dela era uma animada border collie chamada Solo.

Solo e Bob se examinaram por alguns minutos, mas depois decidiram que não havia nada com que se preocupar.

Pouco antes das dez e meia da noite, chegou John Bird, o fundador da *The Big Issue*. Eu o havia encontrado algumas vezes e o achava um personagem carismático. Como de costume, ele valia o preço e motivou todos com um breve discurso inspirador sobre a diferença que a revista fizera na vida dos desabrigados durante seus 18 anos de existência. A essa altura, 100 ou mais pessoas haviam se juntado com dezenas de vendedores, coordenadores e funcionários. Todos saímos em fila noite adentro, prontos para que John Bird fizesse a contagem regressiva.

— Três, dois, um! — gritou ele, e então partimos.

— Aqui vamos nós, Bob — eu lhe disse, garantindo que estava numa posição confortável nos meus ombros.

Para mim, era uma verdadeira viagem ao desconhecido. Por um lado, eu estava realmente preocupado se minha perna resistiria a 30 quilômetros de desgaste, e, por outro, estava satisfeito por me livrar das muletas e caminhar normalmente outra vez. Foi um alívio não ficar *clonk, clonk, clonk* rua abaixo o tempo todo, tendo de balançar as pernas na minha frente a cada passo do caminho. Assim, quando iniciamos a primeira fase, contornando South Bank e atravessando

a ponte do Milênio, eu disse a mim mesmo para simplesmente curtir e dar um passo de cada vez — bem literalmente.

Como de costume, Bob logo estava atraindo muita atenção. Havia uma atmosfera de festa, e muitos angariadores beneficentes começaram a tirar fotos dele enquanto caminhávamos. Ele não estava no mais amigável dos humores, o que era compreensível. Já passava muito da sua hora de dormir e ele sentia o frio saindo do Tâmisa. Entretanto eu tinha um generoso estoque de lanches, bem como um pouco de água e uma tigela para ele. Garantiram-me também que haveria uma tigela de leite nos pontos de parada. “Daremos o nosso melhor”, disse a mim mesmo.

Bob e eu nos estabelecemos num grupo no meio da marcha, enquanto ela seguia ao longo da margem do rio. Eram uma mescla de estudantes e trabalhadores, bem como algumas senhoras de meia-idade. Pessoas obviamente boas, que queriam ajudar de alguma forma. Uma das senhoras começou a me fazer perguntas, coisas de sempre: “De onde você vem?”, “Como acabou nas ruas?”.

Contei a história uma centena de vezes durante a última década. Expliquei como tinha chegado a Londres vindo da Austrália, aos 18 anos. Eu havia nascido no Reino Unido, mas meus pais tinham se separado e minha mãe me levava com ela quando se mudou para a Austrália. Tínhamos nos mudado muito nos anos seguintes, e eu me tornara um pouco encraveiro. Quando vim para Londres, tinha esperança de ser uma revelação como músico, mas não deu muito certo. Eu estava morando com minha meia-irmã, mas tinha brigado com o marido dela. Comecei a dormir em sofás de amigos, entretanto, com o tempo, esgotaram-se os lugares para passar a noite. Acabei nas ruas e dali fui indo ladeira abaixo. Tinha experimentado drogas antes, mas, quando virei sem-teto, isso se tornou um modo de vida. Era a única maneira de reprimir minha solidão e o fato de que ferrei com a minha vida. Anestesiava a dor.

Enquanto conversávamos, passamos por um edifício próximo à ponte de Waterloo, onde me lembrei de que havia dormido algumas vezes.

— Eu não o usava com frequência — contei à senhora, apontando para o lugar. — Uma noite, enquanto eu estava dormindo lá, um cara foi assaltado e teve a garganta cortada enquanto dormia.

Ela olhou para mim com o rosto pálido.

— Ele morreu? — perguntou.

— Não sei, simplesmente fugi. Para ser honesto, você mesmo só se preocupa em conseguir passar a noite. É cada um por si. É a isso que a vida nas ruas reduz você.

Por um momento, a mulher ficou lá apenas olhando para o portal, como se fizesse uma oração breve e silenciosa. Após cerca de uma hora e meia, chegamos ao primeiro ponto de parada — o restaurante flutuante Hispaniola, no Embankment, no lado norte do Tâmisa.

Servi-me da sopa disponível, enquanto Bob tomou gulosamente um pouco de leite que alguém gentilmente tinha separado para ele. Eu estava me sentindo bem confiante e já somava os quilômetros que havia percorrido — e quantos mais estavam por vir.

E, então, enquanto saíamos no navio, tivemos um pequeno contratempo. Talvez porque ele tivesse sido reabastecido ou talvez porque sabia que minha perna ainda não estava cem por cento, Bob decidira sair andando do barco. Enquanto ele descia a rampa até o final de seu extenso cadarço, foi de encontro a outro vendedor da *The Big Issue* que subia a passarela com um cão, um staffie. O cão imediatamente foi para cima de Bob, e eu tive de saltar na frente dele com meus braços e pernas formando um X, para impedi-lo de investir contra o meu gato. Para ser justo com o outro cara, confesso que ele deu uma verdadeira bronca em seu cão e até lhe deu um tapa no nariz. A raça staffie tem má reputação por ser violenta, mas não acho que aquele fosse. Ele só estava sendo curioso, não malvado. Infelizmente, porém, isso assustou um pouco Bob. Ao retomarmos nossa caminhada, ele se enrolou com força em mim, em parte pelo nervosismo, mas principalmente porque era o

jeito dele de se isolar contra o frio. Havia uma névoa de gelar os ossos erguendo-se do Tâmis.

Parte de mim queria encerrar a noite e levar Bob para casa. Porém falei com alguns organizadores e fui convencido a continuar. Felizmente, à medida que nos afastávamos do rio, a temperatura subia um pouco. Atravessamos serpenteando o West End e seguimos para o norte.

Fiquei conversando com outro casal, uma linda jovem loira e seu namorado francês. Eles estavam mais interessados na história de como Bob e eu tínhamos nos juntado. Isso me reconfortou: perambular por Londres dessa forma trazia de volta tantas lembranças, muitas delas indescritivelmente obscuras e angustiantes. Como um viciado em heroína vivendo nas ruas, fui reduzido a fazer algumas coisas repugnantes só para sobreviver. Eu não estava disposto a compartilhar esses detalhes com ninguém.



Pelos primeiros 10 quilômetros mais ou menos, minha perna estava bem. Estava distraído demais com as coisas que aconteciam ao meu redor para pensar nela. Todavia, conforme a noite passava, comecei a sentir uma dor latejante na coxa, onde tinha ocorrido a TVP. Era inevitável. Mas me irritou.

Durante a hora seguinte, ignorei-a. Contudo, sempre que parávamos para uma xícara de chá, sentia uma dor aguda. No início eu estivera no meio da marcha, caminhando junto com o maior número de angariadores. Mas vinha ficando cada vez mais para trás, e com o tempo atingi o fim da fila. Alguns angariadores e um cara do escritório da *The Big Issue* estavam indo na retaguarda, e eu segui com eles por mais ou menos um quilômetro e meio. Mas tive de fazer algumas pausas para deixar Bob fazer suas necessidades e eu fumar um cigarro. De repente, percebi que estávamos longe dos outros.

A próxima parada oficial era em Camden, no pub Roundhouse, subindo alguns quilômetros. Eu realmente não achava que pudesse ir tão longe. Por isso, ao passarmos por um ponto, vi um ônibus noturno vindo em nossa direção e tomei uma decisão.

— O que você acha, Bob? Que tal dar isso por encerrado?

Ele não disse nada, mas eu podia notar que ele estava pronto para a cama. Quando um ônibus se aproximou e abriu as portas, ele saltou a bordo e pulou num assento, eriçado de prazer em estar no quente.

O ônibus estava surpreendentemente cheio, tendo em vista que eram mais de três da manhã. Sentados na parte de trás do ônibus, Bob e eu estávamos rodeados por uma penca de clubbers, ainda embriagados da noiteada no West End ou onde quer que tivessem estado. Havia também alguns caras de aparência solitária sentados lá, como se estivessem a caminho do nada. Eu já estivera em tal situação, é claro. E não só uma vez, mas várias.

Entretanto isso foi no passado. Hoje, sentia-me muito diferente. Sentia-me satisfeito comigo mesmo. Sei que caminhar mais ou menos uma dúzia de quilômetros pode não ter parecido lá uma grande conquista para algumas pessoas, mas ter conseguido ir tão longe, dado o estado em que minha perna estivera semanas antes, era — para mim, pelo menos — o equivalente a correr a maratona de Londres.

Eu também me reunira com alguns rostos familiares; em particular, Billie. Fora uma alegria revê-la e ver como estava bem. Em suma, senti como se tivesse feito algo positivo, que eu tinha dado algo em troca. Passei tantos anos tomando das pessoas, principalmente porque eu não tinha nada para dar. Ou, pelo menos, eu achava que não tinha nada para dar.

Essa noite tinha me mostrado que isso não era necessariamente verdade. Todo mundo tem algo com que contribuir, não importa quão pequeno seja. Compartilhando minhas experiências essa noite, por exemplo, eu sentira como se tivesse me ligado a algumas

peessoas e, quem sabe, tivesse aberto os olhos delas à realidade da vida nas ruas. Isso não era de se desprezar. Valia alguma coisa. Então, comecei calmamente a dizer a mim mesmo que eu também tinha valor.



Capítulo 10

Um conto de duas cidades

Quando puxei as cortinas do quarto e olhei para além dos telhados do norte de Londres, era óbvio que o clima invernal que vinham prevendo os meteorologistas havia chegado da Sibéria — ou de qualquer deserto congelado que o enviara em nossa direção.

Grossas massas de nuvens cinzas-ferrugem avançavam no alto, e dava para ouvir o vento soprando e sibilando lá fora. Se já houve um dia para ficar em casa e se agasalhar, esse dia chegara. Infelizmente, ficar em casa não era um luxo que eu realmente pudesse me permitir.

As coisas estavam particularmente apertadas. Os medidores de gás e energia elétrica precisavam ser enchidos, pois estava um frio glacial no apartamento. Bob aconchegava-se perto da cama à noite, na esperança de absorver um pouco do calor que eu gerava debaixo do edredom. Por ora pelo menos, a grande questão era que eu precisava continuar vendendo a *The Big Issue*. Eu não podia me permitir tirar muitos dias de folga, ainda que o tempo se mostrasse tão desagradável como estava.

Assim, arrumada a mochila, a única questão era se Bob viria comigo. Como sempre, seria uma decisão dele. Eu sempre dava a razão para ele quando decidia.

Os gatos — assim como muitos outros animais — são muito bons em “interpretar” o clima e outros eventos naturais. Aparentemente, são muito hábeis em prever terremotos e tsunamis, por exemplo. A explicação mais provável que ouvi é que eles são sensíveis à pressão do ar. Então, também podem detectar as mudanças climáticas que predizem que o mau tempo está chegando. Bob

certamente tinha mostrado aptidão para detectar que a chuva estava no ar. Ele odiava ficar molhado e, muitas vezes, se encolhera e se recusara a sair quando o tempo estivera aparentemente bom lá fora, mas o céu se abriu uma ou duas horas apenas, quando eu já havia tomado as ruas sozinho.

Assim, quando lhe mostrei o cadarço e seu cachecol e ele veio até mim normalmente, imaginei que seus instintos de previsão do tempo o avisavam que era seguro se aventurar lá fora.

— Tem certeza, Bob? — perguntei. — Ficarei bem se for sozinho hoje.

Escolhi um dos seus cachecóis mais grossos e quentes, enrolei-o de maneira aconchegante em seu pescoço e saímos para o céu cinza.

No momento em que coloquei os pés na rua, o vento cortou-me como um bisturi. Alfinetava. Senti o diafragma de Bob se encolher ainda com mais força que a habitual em volta do meu pescoço.

Eu temia ter de esperar no ponto de ônibus durante meia hora, mas felizmente nosso serviço regular apareceu em poucos minutos, e Bob e eu logo estávamos a bordo. Foi bom sentir um calor na parte de trás da perna, proveniente de um aquecedor. Mas as coisas logo tomaram um rumo desagradável.

Mal fazia dez minutos de viagem quando notei os primeiros flocos de neve torvelinhando lá fora. A princípio eram poucos e espaçados, mas, em instantes, o ar ficou cheio de flocos brancos e espessos aderindo à calçada e ao teto dos carros estacionados.

— Não é bom sinal— eu disse a Bob, que estava fascinado com a transformação que via na rua lá fora.

Quando chegamos a Newington Green, mais ou menos a um quilômetro da Angel, o trânsito estava quase totalmente paralisado. Eu enfrentava uma verdadeira sinuca de bico — sabia que ia ser duro ganhar uns trocados com aquelas condições realmente desafiadoras, e, ao mesmo tempo, estava muito necessitado de

dinheiro. Não sabia ao certo se tinha o suficiente para voltar para casa, que dirá para pagar a conta da luz nos próximos dias.

— Vamos lá, Bob, temos que ganhar alguma coisa hoje, é melhor andarmos o último quilômetro — eu disse, com relutância.

Saltamos para a calçada para descobrir que todos andavam a passo de lesma, com cara bem fechada, enquanto avançavam cuidadosamente pelo que se tornava uma superfície bastante traiçoeira. Para Bob, porém, tratava-se um mundo novo e fascinante, um mundo que ele logo ficou ávido por explorar. Eu o colocara em meus ombros, como de costume, contudo mal havíamos caminhado alguns metros e ele já se reposicionava, pronto para descer no chão.

Não havia realmente me ocorrido, mas, quando o coloquei no chão, dei-me conta de que era a primeira vez que Bob estava andando na neve, pelo menos comigo. Fiquei lá observando-o tocar de leve uma pata na brancura, depois recuar para admirar a pegada que deixara na superfície virgem. Por um momento, imaginei como devia ser enxergar o mundo através dos olhos dele: devia ser muito estranho ver que tudo de repente ficou branco.

— Vamos lá, amigão, não podemos vagabundear o dia inteiro — chamei-o, depois de um ou dois minutos. A neve ficou tão carregada que era difícil enxergar à nossa frente.

Bob ainda se divertia, enfiando e tirando as patas da neve cada vez mais profunda. Com o tempo, porém, ela estava tão profunda que a barriga dele ficou forrada de cristais brancos.

— Venha cá, amigão, suba aqui de novo — falei, agarrando-o e colocando-o de volta em meus ombros.

O problema agora era que a neve caía tão constante e pesadamente que estava segurando nós dois. A todo momento eu tinha de tirar um centímetro de neve fresca dos meus ombros, depois fazer a mesma coisa em Bob. Tirei meu guarda-chuva surrado da mochila, mas era quase inútil contra os ventos fortes, então desisti.

— Isto não presta, Bob. Acho que precisamos arrumar um casaco para você — comentei. Entrei numa lojinha de conveniência, batendo os pés para tirar a neve na entrada.

A princípio, a proprietária, uma senhora indiana, pareceu chocada em ver nós dois parados ali, o que estava longe de ser de fato surpreendente. Devíamos ter sido uma visão estranha. Mas o humor dela logo se derreteu.

— Você é corajoso de andar por aí com este tempo — ela disse, sorrindo.

— Corajoso? — retruquei. — Acho que louco pode estar mais perto da verdade.

Eu não sabia bem ao certo o que estava procurando. A princípio, estava pensando em comprar um guarda-chuva novo, mas eram caros demais para mim; eu só tinha umas moedinhas. Mas daí tive uma ideia e me dirigi até a área dos suprimentos de cozinha. Vi um rolo de saquinhos resistentes para lixo.

— Isso pode dar conta do recado, Bob — disse-lhe baixinho.

— Quanto custa um único saco? — perguntei.

— Não posso vendê-los separados. Tenho que vender o rolo inteiro. São duas libras.

Eu não queria desembolsar tudo isso. Realmente estava falido. Mas então notei que ela tinha sacolinhas pretas em cima do balcão para os clientes carregarem as compras.

— Eu poderia pegar uma dessas aí? — perguntei.

— Tudo bem — ela respondeu, olhando tímida para mim. — São cinco centavos.

— Está bem, vou levar uma. — Tem uma tesoura?

— Tesoura?

— Sim, quero fazer um buraco na sacola.

Desta vez ela olhou para mim como se eu realmente estivesse fora do juízo. No entanto, abaixou-se atrás do balcão e exibiu uma tesourinha de costura.

— Perfeita! — falei.

Agarrei a extremidade fechada da sacola e cortei um pequeno semicírculo, mais ou menos do tamanho da cabeça de Bob.

Então abri o saco e deslizei a cabeça dele pelo buraco. O poncho improvisado o vestiu como uma luva, cobrindo o corpo e as patas perfeitamente.

— Ah, agora entendi — sorriu a indiana. — Muito inteligente. Deve dar conta do recado.

Demoramos cerca de 15 minutos para chegar à estação Angel. Uma ou duas pessoas nos lançaram olhares curiosos enquanto caminhávamos, mas, para ser honesto, a maioria estava mais preocupada em ir com segurança de um lugar para o outro na neve flutuante.

Eu sabia que não poderíamos sobreviver diante do metrô, em nosso ponto habitual, pois a calçada estava cheia de neve lamacenta. Assim, Bob e eu nos posicionamos na passagem subterrânea mais próxima, onde a maior parte dos passageiros habituais se abrigava.

Eu realmente não queria deixar Bob no frio por muito tempo, então me esforcei ao máximo para vender a revista. Felizmente, muitas pessoas pareceram ter pena de nós e meteram a mão no bolso. Minha pilha logo foi diminuindo.

Ao fim da tarde, eu havia acumulado dinheiro para nos manter por um ou dois dias, calculei. O mais importante era que eu tinha o suficiente para manter o gás e a eletricidade de casa funcionando, esperançosamente, se o tempo melhorasse.

— Agora, tudo o que temos a fazer é chegar em casa — eu disse a Bob enquanto mais uma vez nos curvávamos nos ventos gelados e nos dirigíamos de volta ao ponto de ônibus.

“Deve haver maneiras mais fáceis de ganhar dinheiro do que esta”, eu disse a mim mesmo no calor do ônibus.

Ganhar dinheiro era tão difícil, especialmente porque o fosso entre aqueles que tinham e aqueles que não tinham cada dia se tornava mais profundo. Trabalhar nas ruas de Londres era realmente como em *Um conto de duas cidades*^[7], como me lembrou novamente poucos dias depois.



Eu estava parado na saída da estação de metrô Angel com Bob nos ombros, por volta da hora do almoço, quando notei um pequeno burburinho junto à catraca, onde os passageiros emergiam dos trens subterrâneos. Um grupo de pessoas conversava calorosamente com os operadores. Quando acabou, os operadores deixaram que passassem aparentemente sem pagar, e o grupo veio em nossa direção.

Imediatamente reconheci a figura corpulenta, loira e um pouco desarrumada no centro do grupo. Era o prefeito de Londres, Boris Johnson. Ele estava com um jovem, presumi que fosse filho dele, e um grupinho de assistentes elegantemente vestidos. Marchavam em linha reta, em direção à minha saída do metrô.

Não tive tempo para pensar, então apenas reagi instintivamente quando ele se aproximou de mim.

— Que tal uma *Big Issue*, Boris? — perguntei, acenando uma revista no ar.

— Estou com um pouco de pressa — respondeu ele, parecendo afobado. — Espere.

Admiravelmente, ele começou a remexer nos bolsos e exibiu uma pilha de moedas que então soltou em minhas mãos.

— Aí estão. Mais valiosas que libras esterlinas — disse.

Não entendi por que ele disse aquilo, mas fiquei agradecido do mesmo jeito.

— Muito obrigado mesmo por ajudar Bob e eu — falei, entregando-lhe uma revista.

Ao pegá-la, ele sorriu e inclinou ligeiramente a cabeça na direção de Bob.

— É um gato lindo o seu — comentou.

— Ah, sim, ele é um astro, tem até seu próprio bilhete de metrô para poder viajar por aí — brinquei.

— Incrível. De verdade — ele frisou, antes de sair em direção a Islington Green com sua comitiva.

— Boa sorte, Boris — desejei enquanto ele desaparecia de vista.

Eu não queria ter sido grosseiro e conferir a grana logo em seguida, mas, a julgar pelo peso e a quantidade das moedas, parecia muito mais do que o preço de capa da revista.

— Foi muito generoso da parte dele, não, Bob? — comentei, buscando as moedas, que eu tinha apressadamente metido no bolso do casaco.

Entretanto, ao olhar para a pequena pilha de moedas massudas, senti um peso no coração.

Todas as moedas tinham a marca Confoederatio Helvetica.

— Ah, não, Bob! — falei. — Ele me deu francos suíços!

Foi só então que a ficha caiu.

— Foi o que o prefeito quis dizer quando comentou “mais valiosas que libras esterlinas” — murmurei para mim mesmo.

Só que, como se sabe, elas não eram mais valiosas.

Obviamente não havia lhe ocorrido que, embora notas estrangeiras pudessem ser trocadas na maioria dos bancos e casas

de câmbio, moedas não podiam. Elas eram, efetivamente, sem valor. Para mim, pelo menos.

Uma funcionária da estação de metrô, amiga nossa, Davika, passou instantes depois.

— Vi você com o prefeito Boris, James — comentou sorrindo. — Ele lhe deu uma ajudazinha?

— Para falar a verdade, não — respondi. — Ele me deu um monte de francos suíços!

Davika abanou a cabeça.

— Assim são os ricos — ela concluiu. — Vivem num mundo à parte.

Só fiz que sim tranquilamente com a cabeça. Não era a primeira vez que algo do tipo tinha acontecido comigo.

Alguns anos antes, eu me apresentava em Covent Garden, lá pelas sete e meia da noite, hora em que subiam as cortinas dos teatros e casas de ópera da região e muitas pessoas arrojavam-se num trote apavorado quando emergiam da estação de metrô. Como seria de esperar, poucas delas tinham tempo para reparar em mim arranhando umas notas com Bob a meus pés, contudo uma delas, particularmente afobada, parecendo um personagem de gravata-borboleta, notou minha presença.

Viu-me a alguns metros de distância e imediatamente vasculhou o bolso. Tinha um aspecto bem majestoso, com uma juba de cabelos grisalhos. Eu podia jurar que o reconhecia da televisão, mas não consegui identificá-lo. Quando o vi enfiar a mão no bolso da calça e tirar uma nota amassada, achei que estava com sorte. Era vermelha e parecia de alto valor, possivelmente uma nota de 50 libras. Era a única nota que eu conhecia de cor vermelha.

— Aí está, meu rapaz — ele disse, apertando a nota em minha mão enquanto diminuía a velocidade por um breve momento.

— Obrigado. Muito obrigado mesmo — agradei.

— Tenha uma boa noite — desejou, rindo enquanto voltava a pegar velocidade e corria em direção ao Piazza.

Não sabia por que ele estava rindo. Presumi que estivesse de bom humor.

Esperei alguns minutos até que as multidões tivessem se acalmado para pegar a nota amassada no meu bolso.

Não demorou muito tempo para descobrir que não era uma nota de 50 libras. Conforme pensei, era vermelha, mas tinha a imagem de um sujeito barbudo que eu nunca vira na vida. E tinha o número 100 escrito.

A escrita estava em algum tipo de idioma do Leste Europeu. A única palavra que me parecia familiar era “Srbije”. Não sabia o que era ou quanto poderia valer. Podia ser mais que 50 libras, até onde eu sabia.

Então, arrumei as minhas coisas e fui até uma Casa de Câmbio do outro lado do Piazza, que eu sabia que ficava aberta até tarde para os turistas.

— Oi, você pode me dizer quanto esta nota vale, por favor? — pedi à moça que estava atrás do guichê.

Ela olhou-a e me dirigiu um olhar intrigado.

— Não consigo identificá-la. Espere aí, me deixe ver com outra pessoa.

Ela entrou num escritório nos fundos, onde dava para ver um cara mais velho sentado.

Após curta confabulação, ele retornou.

— Parece que é da Sérvia, são 100 dinares sérvios — disse.

— Tudo bem. Posso trocá-la?

— Vamos ver quanto vale — teclou no computador e depois numa calculadora.

— Humm, dá pouco mais de 70 centavos. Então não podemos trocá-la.

Senti-me desapontado. Secretamente, esperava que pudesse ser dinheiro suficiente para eu e Bob passarmos o fim de semana. Sem chance. Havia momentos em que eu ficava realmente deprimido com minha situação financeira. Eu tinha completado 30 anos. A maioria dos caras da minha idade tinha um emprego ou um carro, uma casa e um fundo de pensão, talvez até uma esposa e alguns filhos. Eu não tinha nenhuma dessas coisas. Parte de mim, na realidade, não as desejava, verdade seja dita. No entanto, eu aspirava pela segurança que algumas dessas coisas traziam e estava farto de viver de expedientes nas ruas. Também estava farto de ser humilhado por aqueles que não tinham absolutamente nenhuma noção da vida que eu estava levando — nem compaixão por ela. Havia momentos em que eu parecia estar à beira de um colapso. Alguns dias depois do incidente com o prefeito, parecia que eu tinha chegado a esse ponto, de um colapso.



Bob e eu terminamos cedo o trabalho e descemos até o metrô, pulando num trem da linha norte para Euston, depois mudamos para a linha Victoria, até a estação Victoria.

Enquanto serpenteávamos através dos túneis, Bob caminhava na frente, em seu cadarço, parte do caminho. Ele sabia aonde estávamos indo.

Íamos encontrar meu pai, algo que eu começara a fazer mais regularmente nos últimos meses. Nossa relação havia sido bastante problemática no passado. Quando meus pais se separaram, minha mãe ganhou a custódia e me levou para viver do outro lado do mundo, na Austrália, por isso ele mal tinha me conhecido quando garoto. Ao vir para Londres já adolescente, eu era uma pessoa realmente difícil de lidar. Cerca de um ano depois de chegar aqui, desapareci da face da Terra e comecei a dormir nas ruas. Quando

reapareci, ele tentou me ajudar a andar na linha, mas, para ser honesto, eu estava quase fora de salvação.

Ficamos um pouco mais íntimos quando comecei a tomar jeito e adquirir o hábito de encontrá-lo para tomar alguns drinques num pub junto à estação Victoria. Havia uma área ao ar livre, o que significava que às vezes eu podia levar Bob comigo. Era barato e divertido, e normalmente também fazíamos uma refeição, sempre a convite dele. Bem, eu nunca teria dinheiro para pagar a conta dele, certo?

Como de costume, ele estava lá me esperando.

— E aí, quais as novidades?

— Não muitas. Estou ficando de saco cheio de vender a *The Big Issue*. É perigoso demais e Londres está cheia de pessoas que não estão nem aí para você.

Daí lhe contei a história sobre o prefeito Boris Johnson. Ele me lançou um olhar solidário, mas sua resposta foi previsível.

— Você precisa tomar jeito e arrumar um emprego decente, Jamie — disse. (Ele era a única pessoa que me chamava assim.)

Resisti à tentação de revirar os olhos.

— É mais fácil falar do que fazer, pai — sentenciei.

Meu pai sempre fora uma pessoa trabalhadora. Era um operário em todos os aspectos. Deixara de ser antiquário para ter um serviço de reparos de eletrodomésticos e lavadoras e até um negócio de veículos de mobilidade. Ele sempre fora seu próprio chefe. Não acho que compreendia bem por que eu não tinha sido capaz de fazer a mesma coisa. Admiravelmente, ele nunca lavara as mãos em relação a mim. E tinha tentado me ajudar. Em certo momento, fiquei a fim de entrar no ramo de produção musical e ele quis me dar uma mãozinha para iniciar um curso, porém não deu em nada. A ideia estava lá, mas a ação por trás dela, não. Ele tinha casado de novo desde que se separou da minha mãe e tivera dois filhos, meus meios-irmãos Caroline e Anthony, então ficava complicado.

Eu nunca havia de fato considerado trabalhar para ele, e ele nunca realmente oferecera. Com toda a razão, ele sentia que negócios e família não se misturavam. Além disso, lá no fundo, ele sabia que eu não era confiável — ou apresentável — o suficiente para interagir com o público.

— Que tal se formar em computação ou algo assim? Há penças de cursos por aí — sugeriu.

Era bem verdade, mas eu não tinha as qualificações necessárias para entrar na maioria dos cursos. Em parte a culpa era minha.

Alguns anos antes, tive um mentor, um cara bem bacana chamado Nick Ransom, que trabalhava para uma instituição de caridade, a Família Mosaico. Ele tinha sido um ótimo amigo. Ou vinha até minha quitinete ou eu ia até seu escritório em Dalston, onde me ajudava com tudo, desde pagar as contas até candidatar-me a empregos. Ele tentou me envolver numa infinidade de cursos, desde fabricação de bicicletas até computação, mas a luta para acabar com meu vício era desgastante e eu nunca tinha dado duro para isso. Estar nas ruas sempre foi a opção mais fácil para mim, e, quando Nick se mudou para novos ares, a chance escapou pelos meus dedos. Não era a primeira oportunidade que eu perdia, nem seria a última.

Meu pai disse que sairia pesquisando para ver se havia alguma coisa.

— Mas as coisas estão bem difíceis por toda parte no momento — ele confessou, segurando um exemplar do jornal da tarde. — Toda vez que olho o jornal, é só desgraça. Empregos sumindo por toda parte.

Eu não estava assim tão desconectado da realidade. Sabia que havia milhões de pessoas na mesma situação que eu, todas com melhor qualificação. Eu estava tão abaixo na hierarquia social do mercado de trabalho que sentia nem mesmo valer a pena candidatar-me aos empregos.

Meu pai não era homem de expor suas emoções comigo. Eu sabia que ele estava frustrado com o modo como eu vivia. Lá no fundo, sabia que ele sentia que eu não estava tentando. Eu compreendia por que meu pai se sentia assim, mas a verdade era que eu estava tentando, só que do meu próprio jeito.

Para animar um pouco as coisas, conversamos um pouco sobre a família dele. Eu não era particularmente íntimo de Anthony e Caroline; encontrávamo-nos muito raramente. Ele me perguntou o que eu ia fazer no Natal — eu tinha passado alguns Natais com ele, mas não havia sido muito divertido para nenhum dos dois.

— Vou passá-lo com Bob — eu disse. — Gostamos de ficar juntos.

Meu pai não entendia muito minha relação com Bob. Na ocasião, como de costume, acariciou-lhe ocasionalmente e ficou de olho nele quando fui ao banheiro. Até fez a garçonete lhe trazer um pires de leite e lhe deu alguns petiscos.

Mas ele não era um genuíno amante de gatos. Em uma ou duas ocasiões em que falei sobre o quanto Bob ajudava a me tranquilizar, ele simplesmente ficou perplexo. Acho que não poderia culpá-lo por isso.

Como sempre, meu pai perguntou pela “minha saúde”, o que era seu código para: “Você ainda está longe das drogas?”.

— Estou bem — respondi. — Vi um cara cair morto de overdose no meu prédio um tempo atrás. Isso me assustou bastante.

Ele me olhou, horrorizado. Não compreendia nada sobre o gueto das drogas ou a forma como funciona o tráfico, e, como muitos homens da sua geração, ficou um pouco assustado com o que lhe contei, verdade seja dita. Por esse motivo, não acho que alguma vez realmente tivesse compreendido a gravidade da minha situação quando eu estivera no meu pior momento de heroína.

Ele tinha me visto durante esse período de fundo de poço, mas, como todos os viciados, eu aprendera a manter segredo quando

necessário. Eu fui ao encontro dele drogado algumas vezes. Simplesmente lhe disse que tive um ataque de gripe e acho que ele até acreditou, contudo não era um completo idiota, provavelmente sentia que algo estava errado, embora não tivesse coragem de me apontar o dedo. Talvez por não ter noção de como era realmente usar drogas. Eu bem que o invejava.

Passamos uma hora e meia juntos, mas daí ele teve de pegar o trem de volta para o sul de Londres. Deu-me uns trocados para eu me segurar por um tempo e combinamos de nos ver novamente dentro de algumas semanas.

— Cuide-se, Jamie — despediu-se.

A estação ainda estava movimentada. Era a outra ponta da hora do rush. Haviam sobrado algumas revistas na minha mochila, por isso decidi tentar vendê-las antes de ir para casa. Encontrei um ponto vazio na frente da estação ferroviária e logo as vendas estavam indo bem.

Bob estava com o estômago cheio e em boa forma. As pessoas foram parando e fazendo algazarra. E quando eu estava decidindo se gastava o dinheiro que eu ganhei num curry para viagem que uma nova encrenca se insinuou.

Eu sabia que a dupla era encrenca no momento em que botei os olhos. Ambos estavam atravessando a rua em direção à entrada principal para a estação Victoria.

Reconheci um deles dos tempos em que vendia a *The Big Issue* em Covent Garden. Era um cara magro e grisalho, com seus 40 e tantos anos. Usava o inconfundível avental vermelho, mas eu sabia que ele não era um vendedor da revista dentro da legalidade. Haviam lhe retirado o crachá muito tempo antes, em decorrência de vários delitos.

Seu amigo não era familiar, porém eu não precisava conhecê-lo para poder dizer que era um tipo rude, grande, bruto, parecido com um saco de batatas.

Imediatamente saquei o que estavam fazendo. O menor acenava um único exemplar da *The Big Issue*, parando pessoas, coletando dinheiro, mas nunca entregando a revista. Eles aplicavam um golpe chamado “one booking”, no qual os supostos vendedores usavam um único exemplar desatualizado da revista para gerar uma sequência de vendas. Toda vez que alguém entregava algum dinheiro, o vendedor vinha com uma história triste sobre ser o último exemplar e estar numa situação financeira particularmente desesperadora. Era mendigar, basicamente. Não havia outra palavra para aquilo.

Eu ficava sempre admirado que alguém caísse naquela ladainha, mas havia algumas almas crédulas — ou talvez generosas — por aí.

Eu estava preocupado que estivessem vindo em nossa direção. Como era de se esperar, eles logo estavam diante da entrada da estação, e o menor da dupla abordava os viajantes no canto da escada. Era gritante não se tratar de um vendedor oficial. O avental estava rasgado em pedaços e parecia ter sido tirado de uma lixeira. Estava faltando também o emblema oficial que nós, os vendedores regularizados, usamos no lado esquerdo do colete.

Enquanto seu colega cuidava do negócio, o maior foi direto em minha direção. Ele era exatamente tão agressivo quanto parecia.

— Ei, você, cai fora, ou eu mato esse seu gato! — exclamou, enfiando a carona vermelha perto da minha. Havia um traço irlandês em seu sotaque e seu hálito fedia a álcool.

Bob, como sempre, identificara o perigo e já sibilava para ele. Ajoelhei-me e o fiz subir nos meus ombros antes que algo pior acontecesse.

Eu não ia ser intimidado e me mantive no lugar.

— Tenho o direito de vender aqui e só restam estas poucas revistas — retruquei. — Você sabe que o que está fazendo é errado. Você não passa de um sanguessuga, fica forçando ele a mendigar para você.

Ele não gostou de ouvir isso e me acuou novamente.

— Você tem dois minutos para arrumar suas coisas e vazar daqui — sentenciou, temporariamente distraído pelo colega que acenava para ele por algum motivo. Então abriu caminho, empurrando a multidão.

Pessoas entravam e saíam aos montes da estação, de modo que os perdi por alguns minutos. Eu conhecia o enredo: os dois eram viciados em drogas e estavam aplicando esse golpe até terem dinheiro suficiente para cair fora e se arranjar. Eu esperava que o sinal de seu colega indicasse que eles tinham atingido a meta e iam desaparecer. Não tive essa sorte.

Em pouquíssimo tempo o grandalhão reapareceu, mostrando-se ainda mais zangado do que antes. Ele estava literalmente espumando pela boca e cuspiendo palavrões. — Você ouviu o que eu falei? — rosnou.

Só sei que de repente ele tinha me batido. Simplesmente caminhou até mim e me deu um soco no nariz. Aconteceu tão rápido que nem sequer o vi recuar o braço, apenas esmurrou meu rosto com seu punho gigante. Eu não tive esperança de desviar do golpe.

— Mas que diabos? — falei, recuando, Bob se segurando desesperadamente.

Quando tirei a mão do rosto, vi que estava coberto de sangue. Jorrava e parecia que dentro do meu nariz havia alguma cartilagem quebrada.

Cheguei à conclusão de que não era uma briga que eu poderia ganhar. Não havia sinal da polícia, por isso lá estava eu, sozinho contra uma dupla de sujeitos detestáveis.

Trabalhar nas ruas era arriscado, eu sabia disso. Mas havia vezes em que era realmente perigoso. Eu já ouvi histórias de vendedores ambulantes da *The Big Issue* que foram assassinados. Houve um caso em Norwich, onde dois ou três caras atacaram um vendedor e

o mataram a chutes. Eu realmente não queria fazer parte das estatísticas.

— Vamos, Bob, bora dar o fora daqui — eu disse, agarrando minhas coisas e zarpando.

Senti uma mistura de raiva e desespero. Eu estava desesperado por uma mudança em meu destino. Não achava que poderia aguentar muito mais dessa vida. Mas, por mais que tentasse, não conseguia enxergar como eu ia me libertar. De repente, toda aquela conversa com meu pai sobre empregos e treinamento pareceu ridícula, um sonho impossível. Quem ia pagar a um viciado em recuperação um salário decente? Quem ia contratar alguém com um currículo tão estéril quanto o meu, que passei parte da infância no deserto, o *Outback* australiano? Nesse dia, de tão para baixo que eu estava, a resposta surgiu simples e óbvia como o nariz no meu rosto: ninguém.



Capítulo 11

Dois caras legais

Em setembro de 2010, cheguei ao metrô Angel na hora do almoço e fui saudado por Davika. Operadora de bilheteria, foi uma de nossas amigas mais leais desde que Bob e eu começamos a trabalhar em Islington. Não raro, Davika levava para Bob um pequeno petisco ou algo para beber, especialmente durante as altas temperaturas.

Hoje, porém, ela apenas queria entregar uma mensagem.

— Oi, James, apareceu alguém aqui procurando você e o Bob — comunicou-me. — Era um repórter de um dos jornais locais, e me pediu para retornar se você estivesse disposto a falar com ele.

— Sério? — falei. — Acho que tudo bem. Diga que ele pode nos encontrar durante meu horário habitual.

Não era a primeira vez que alguém prestava atenção em nós. Havia meia dúzia de vídeos na internet sobre Bob e eu que foram visualizados por alguns milhares de pessoas, e blogueiros de Londres escreveram coisas positivas sobre nós, mas nenhum jornal mostrara interesse. Para ser honesto, eu ficava com um pé atrás. Tive todos os tipos de abordagens estranhas e formidáveis ao longo dos anos, 99 por cento das quais não deram em nada.

Alguns dias depois, porém, cheguei à Angel e dei com esse cara diante da estação, à nossa espera.

— Oi, James, meu nome é Peter — apresentou-se. — Gostaria de saber se eu poderia fazer uma entrevista com você para o *Islington Tribune*.

— Claro, por que não?

Ele começou tirando uma foto de Bob empoleirado no meu ombro, com a placa da estação Angel atrás de nós. Senti-me constrangido; não havia me arrumado para a ocasião e estava com uma barba grossa do começo do inverno, mas ele pareceu suficientemente feliz com os resultados.

Em seguida, conversamos um pouco sobre meu passado e como conheci Bob. Não foi uma inquisição à espanhola, mas deu munição suficiente para sua matéria, a qual, segundo ele, apareceria na próxima edição do *Tribune*. Mais uma vez eu realmente não levei muito a sério, só acreditaria vendo. Era mais fácil dessa maneira.

Foi poucos dias depois, numa manhã de quinta-feira, que Rita e Lee, os coordenadores no estande da *The Big Issue* em Green Islington, me chamaram.

— Ei, James, você e Bob estão no jornal de hoje! — disse Rita, exibindo um exemplar do *Tribune*.

— É mesmo? — perguntei.

De fato havia um artigo de meia página sobre nós, escrito por Peter Gruner. A manchete dizia:

**DOIS CARAS LEGAIS...
O VENDEDOR DA *THE BIG ISSUE*
E UM GATO DE RUA CHAMADO BOB.**

Depois começava a história:

“Desde o lendário Dick Whittington que um homem e seu gato não se tornavam celebridades nas ruas de Islington. O vendedor da *The Big Issue*, James Bowen, e seu dócil gato laranja, Bob, que vão a todos os lugares juntos, têm atraído comentários desde que surgiram pela primeira vez diante da estação de metrô Angel. A história de como se conheceram — amplamente divulgada em vídeos e blogs na internet — é tão emocionante que parece apenas

uma questão de tempo para se transformar num filme de Hollywood.”

Eu tive que rir em voz alta diante de tamanha licença jornalística. Dick Whittington? Filme de Hollywood? Eu não estava muito satisfeito com meu visual na foto, ostentando aquela barba grossa. Mas ficou uma matéria adorável, eu tinha de admitir.

Entrei na banca e peguei alguns exemplares para levar para casa. No ônibus, naquela noite, Bob me viu olhando novamente a matéria e ficou meio estupefato. Isso não acontecia com muita frequência, mas, por uma fração de segundo ele teve essa expressão perplexa estampada na cara. Era como se dissesse: “Não, não pode ser. Será? Sério?”.

Muita gente sabia que éramos realmente nós. E a publicidade foi logo rendendo dividendos, ainda que pequenos. Concordei em fazer a entrevista principalmente porque achei que seria bom para as vendas ambulantes das minhas revistas. Pensei que, melhorando minha imagem, talvez encorajasse mais alguns clientes a parar e ver o meu produto na estação de metrô Angel. E encorajou.

Nos dias que seguiram, cada vez mais pessoas começaram a nos cumprimentar não só na Angel, mas no ônibus e também na rua.

Numa manhã, eu estava levando Bob para fazer suas necessidades em Islington Green quando um grupo de alunos apareceu na nossa frente. Deviam ter uns 9 ou 10 anos de idade e estavam de uniforme azul muito elegante.

— Olha, é o Bob! — disse um deles, apontando com entusiasmo.

Ficou claro que o restante da classe não fazia ideia do que ele estava falando.

— Quem é Bob? — perguntou um deles.

— O gato ali nos ombros daquele homem. Ele é famoso. A minha mãe diz que ele parece o Garfield — comentou o menino.

Fiquei tocado por estarmos sendo reconhecidos por crianças, mas não sabia ao certo se estava feliz com a comparação com o gato do desenho animado mais conhecido do mundo. Garfield era famoso por ser obeso, obcecado por comer, preguiçoso e um pouco antipático. Ele também odiava qualquer tipo de exercício ou trabalho duro. Bob, ao contrário, sempre estivera em boa forma, comia de maneira bastante sensata e tinha a atitude mais amigável e descontraída que já vi. E ninguém jamais poderia dizer que ele fazia corpo mole para o trabalho.

Houve muitos encontros semelhantes após a matéria ser publicada, mas o mais significativo veio de alguém com quem eu já tinha falado antes.

Eu tinha sido abordado uma noite por uma senhora norte-americana que dizia ser agente literária. Seu nome era Mary. Ela contou que morava ali perto e que havia notado Bob e eu diante da estação de metrô muitas vezes.

Ela perguntou se eu já pensara em escrever um livro sobre minha vida com Bob. Eu disse que pensaria no assunto, mas eu não a levava realmente a sério. Como poderia? Eu era um viciado em recuperação que lutava para sobreviver vendendo a *The Big Issue* como ambulante. Não tinha um diário nem escrevia mensagens no meu celular. Sim, eu gostava de ler e devorava todos os livros em que pudesse colocar as mãos. Mas, até onde sei pelo menos, eu escrever um livro era tão realista quanto construir um foguete espacial ou concorrer a um cargo no Parlamento. Em outras palavras, era completa e absolutamente impossível.

Felizmente, a senhora persistiu e conversamos de novo. Ela previu minhas preocupações quanto a ser capaz de escrever um livro e sugeriu que eu me encontrasse com um escritor experiente em ajudar pessoas a contar suas próprias histórias de vida. Ele estava ocupado no momento, mas estaria livre lá pelo fim do ano e viria me ver. Depois da matéria no jornal *Islington Tribune*, ela me contatou novamente para confirmar se eu estava disposto a encontrá-lo.

Se ele achasse que minha história com Bob era merecedora de um livro, passaria um tempo comigo, fazendo-me contar tudo desde o começo, a dar forma para o enredo e depois escrever. Depois, a agente literária tentaria vender minha história de vida a uma editora. Mais uma vez, tudo parecia um sonho.

Eu não tive notícia de nada por um tempo, então daí, lá pelo fim de novembro, recebi um telefonema desse escritor. Seu nome era Garry.

Concordei em encontrá-lo e ele me levou para tomar um café no Centro de Design do outro lado da rua, onde ficava o meu ponto de ambulante. Estávamos com Bob, por isso tivemos de nos sentar do lado de fora, no frio cortante. Bob era melhor juiz de caráter do que eu, por isso fiz questão de ir ao banheiro e deixá-los sozinhos algumas vezes. Entenderam-se de maneira excepcional, o que tomei como um bom presságio.

Eu poderia dizer que ele estava tentando concluir se minha história era apropriada para um livro e fui o mais franco possível. Eu realmente não queria entrar no lado negro da minha vida. Mas, enquanto conversávamos, ele disse algo que me falou ao coração: podia ver que Bob e eu já fomos almas perdidas, que nos unimos quando estávamos no fundo do poço e havíamos ajudado a consertar a vida um do outro.

— Essa é a sua história, que você tem que contar — sugeriu-me.

Eu nunca tinha pensado nisso nesses termos. Instintivamente, sabia que Bob tinha sido uma força extremamente positiva na minha vida. Eu até tinha me visto num vídeo no YouTube dizendo que ele salvara a minha vida. Eu acreditava que, até certo ponto, era verdade. Só que simplesmente não podia imaginar que tal história interessaria a alguém.

Mesmo quando me encontrei com o escritor Garry para outro bate-papo mais longo, tudo parecia um sonho impossível. Havia tantos “e se”, tantos “talvez”. Se Garry e Mary estavam dispostos a trabalhar comigo, talvez uma editora estivesse interessada em

lançar o livro. Eu realmente não conseguia ver todas essas três coisas acontecendo. Os obstáculos pareciam grandes demais. Como a época de festas e o fim do ano se aproximavam, eu disse a mim mesmo que havia mais chance de o Papai Noel ser real do que aquilo acontecer. Bob e eu tínhamos aprendido a gostar do Natal juntos. No primeiro ano passamos a data sozinhos na quitinete, dividindo refeições prontas e assistindo à TV. Tendo em conta que antes eu havia passado vários dos últimos dez Natais sozinho num albergue ou chapado de heroína, aquele primeiro Natal pareceu o feriado mais feliz de todos os tempos.

Perdi o segundo Natal para viajar para a Austrália, mas desde então passamos a ficar juntos.

Nos dias que antecedem o Natal, tínhamos, como de costume, ganhado um monte de presentes, desde cachecóis para o Bob até vale-presentes para nós dois em lojas como Sainsbury's, Marks and Spencer e H&M. Não havia dúvida de qual presente era o favorito de Bob: um calendário repleto de suas guloseimas prediletas. Apaixonou-se instantaneamente, como seria de esperar, e tinha rapidamente aprendido a fazer barulho logo de manhã, quando virávamos a página do calendário e ele exibia a novíssima guloseima na contagem regressiva para o Natal.

Ganhamos também uma incrível fantasia de Gato Noel. Belle me fizera uma para o nosso primeiro Natal juntos, mas acabou sumindo. Era um casaco vermelho confortável e um chapéu bem marcante, na mesma cor, para Bob usar durante a época de festas. Os transeuntes na Angel ficavam loucos ao vê-lo fantasiado.

Quando chegava o dia de Natal, Bob passava mais tempo brincando com o papel de embrulho do que com o próprio presente. Ele rolava no tapete, mordiscando-o. Eu o deixava lá e passava a tarde assistindo televisão e jogando video game. Belle fazia uma visita de algumas horas. Para mim, era como se fosse um verdadeiro Natal em família.



Já fazia algumas semanas desde o Ano-Novo quando recebi um telefonema de Mary. Ela me disse que uma grande editora de Londres, a Hodder and Stoughton, queria me conhecer — e a Bob, é claro.

Poucos dias depois fui até o escritório deles, numa torre bem grandiosa perto de Tottenham Court Road. A princípio, os seguranças não deixariam Bob entrar no prédio. Pareceram perplexos quando dissemos que o gato seria o tema de um livro. Eu os entendi, pois outros autores da editora Hodder nada mais eram que pessoas como John Grisham e Gordon Ramsay. Que diabos estariam fazendo publicando um livro sobre um sujeito de aspecto desmazelado e seu gato laranja?

Algun dos editores desceu para resolver o problema, porém, depois disso, Bob e eu nos sentimos muito bem recebidos. Na verdade, Bob foi tratado como um visitante da realeza. Deram-lhe um saquinho de guloseimas com alguns lanchinhos e brinquedinhos que continham erva do gato, e permitiram que ele perambulasse, explorando os escritórios. Onde quer que fosse, ele era saudado como uma espécie de celebridade. As pessoas tiravam fotos com seus celulares e arrulhavam. Eu sabia que ele tinha qualidades de uma estrela, mas não sabia que era tudo aquilo.

Eu, por outro lado, tive de participar de uma reunião em que uma longa fila de pessoas entrou na sala para falar sobre suas diferentes especialidades, desde marketing e publicidade até produção e vendas. Houve todos os tipos de conversa de negócios sobre datas de publicação e cronogramas. Parecia que estavam falando outra língua, servo-croata ou mandarim. Mas o ponto nevrálgico da coisa era que a editora tinha lido parte do material que Garry e eu fizemos juntos e desejava publicar um livro baseado nesse material. Entre eles, tinham até mesmo chegado a um título: “Um gato de rua chamado Bob”. Tennessee Williams podia estar se revirando no túmulo, porém eu achei muito inteligente. Em breve fui convidado a visitar a agência literária onde Mary trabalhava, em Chelsea. Mais uma vez, era um lugar grandioso e um pouco intimidante. Eles

estavam mais acostumados a receber vencedores dos prêmios Nobel e Booker, por isso houve alguns olhares estranhos quando as pessoas perceberam que o vendedor ambulante da *The Big Issue* e seu gato vira-lata tinham entrado em sua rarefeita atmosfera. Enquanto Bob explorava os escritórios, Mary me passou rapidamente o contrato que os editores haviam me oferecido. Ela disse que era um bom acordo, especialmente tendo em conta que eu era um “autor desconhecido”. Depositei minha confiança nela e assinei toda a papelada.

Ao longo dos últimos dez anos me acostumei a assinar apenas prescrições de remédios e alvarás de soltura da polícia. Parecia estranho rabiscar meu nome para aquele fim, mas também, preciso confessar, estava muitíssimo emocionado. Muitas vezes eu acordava de manhã pensando que era tudo fruto da minha imaginação, que aquilo não podia estar realmente acontecendo. Não comigo.



Eu não queria mais que Garry voltasse a minha quitinete, então comecei a encontrá-lo uma ou duas vezes por semana em Islington. Havia prós e contras nessa disposição. Pelo lado positivo, significava que eu poderia completar meu dinheiro e depois passar algumas horas trabalhando. Mas, também, que eu tinha Bob comigo, o que significava que encontrar um lugar que aceitasse animais para sentar e conversar era um desafio, especialmente quando o tempo estava ruim e tínhamos de nos reunir ao relento. Os cafés locais não permitiam gatos em suas dependências, e não havia uma biblioteca nas proximidades. Então, tivemos de encontrar alternativas.

A primeira a nos convidar a entrar por causa do frio, ironicamente, foi a Waterstones, uma livraria em Islington Green. Todos me conheciam ali dentro. Não raro eu dava uma entradinha com Bob para olhar a seção de ficção científica. O gerente, Alan, estava em serviço e perguntei se ele se importava de subirmos para trabalhar

num canto sossegado. Ele não apenas consentiu como fez um membro da equipe arrumar duas cadeiras para nós na seção de história. Até nos deixaram entrar com nosso café.

Quando saía o sol, usávamos um lugar na Essex Road, com mesas do lado de fora. Dava para fumar, o que era um bônus para mim.

Garry e eu estávamos decididos que o livro não seria apenas sobre minha vida com Bob. Queríamos que ele oferecesse ao leitor alguma compreensão sobre o que é viver nas ruas. Eu queria explicar às pessoas como um sem-teto era invisível para a sociedade, como passávamos despercebidos, esquecidos e ignorados. Claro que, para fazer isso, eu tinha de contar minha história dos bastidores.

Eu realmente não estava ansioso por essa parte. Falar sobre mim mesmo não me vinha de um modo fácil, especialmente quando se tratava de algo tão sombrio. E havia muitos aspectos negativos. Havia minha história como viciado, que eu tinha enterrado nos confins da minha mente. Sim, eu havia feito escolhas das quais me envergonhava profundamente, feito coisas que eu não queria compartilhar com ninguém, muito menos colocar num livro. Mas, para minha surpresa, mal começamos a conversar e tudo foi menos doloroso do que eu temia. Eu não podia me dar ao luxo de consultar um psicólogo ou um psicanalista, mas houve vezes em que falar com Garry foi tão bom quanto conversar com um psiquiatra. Forçou-me a enfrentar algumas verdades dolorosas e foi estranhamente catártico, ajudando-me a me entender um pouco mais.

Eu sabia não ser a pessoa mais fácil de lidar. Eu tinha uma tendência rebelde e autodestrutiva que me metera sistematicamente em encrencas. Era bastante óbvio que minha infância me causou problemas emocionais. O divórcio dos meus pais e meus anos itinerantes, voando entre o Reino Unido e a Austrália, não tinham sido exatamente forças estabilizadoras. Eu sempre me esforcei muito para me encaixar e ser popular quando criança, porém nunca

funcionou. Acabei me esforçando demais — e, como resultado, tornei-me um pária e desajustado.

Meus problemas comportamentais começaram quando eu era adolescente. Irritado e rebelde, me desentendia com minha mãe e meu padrasto. Por um período de cerca de dois anos, entre os 11 e os 13 anos, eu estava constantemente entrando e saindo do Hospital Princesa Margaret para Crianças, nas proximidades de Perth. Recebi o diagnóstico de maníaco-depressivo, ou, como se diz hoje, transtorno bipolar. E eles pareciam vir com um novo diagnóstico a cada semana. De qualquer maneira, o resultado foi que me receitaram vários medicamentos, como o lítio.

As lembranças dessa época eram confusas.

Uma memória viva que me veio à mente foi um exame de sangue no Hospital Princesa Margaret.

As paredes do laboratório eram revestidas de cartazes de astros do pop e do rock, então os exames de sangue eram feitos enquanto o sujeito olhava fixamente para uma foto de Gladys Knight and the Pips.

Toda vez o médico dizia que a injeção não doeria, “vai sentir só um arranhão”, mas era sempre mais do que isso. Até parece ironia, entretanto tive fobia de agulhas durante anos depois disso. Quando finalmente me tornei um viciado em heroína, já havia me esquecido alegremente de tal fobia, pois passei a me injetar na veia todos os dias.

Em uma nota mais feliz, lembrei-me de como, depois de deixar o hospital, eu quis dar algo em troca ao mundo e comecei a doar caixas de revistas em quadrinhos. Foi quando tive alguma experiência numa loja de revistas em quadrinhos ali perto. Certa vez convenci o chefe a me deixar levar caixas de revistas não vendidas para as crianças do hospital. Como eu passava muitas horas jogando hóquei de ar e assistindo a jogos de video game na sala de atividades da ala infantil, sabia que todos iriam gostar de algo decente para ler.

Em geral, porém, as lembranças dessa época eram bastante sombrias. Elas abriram meus olhos aos aspectos da minha juventude que eu nunca havia realmente examinado. Por exemplo, certo dia estávamos trabalhando no livro logo após eu ter assistido a um filme do documentarista Louis Theroux sobre como os pais nos Estados Unidos estavam usando cada vez mais medicação psicoativa para tratar seus filhos com distúrbios como o TDAH, a síndrome de Asperger e transtornos bipolares. Então, ocorreu-me que foi isso exatamente o que aconteceu comigo. E me ocorreu que ser tratado desse modo devia ter tido um grande impacto sobre mim quando jovem. Fez-me pensar no que tinha vindo primeiro, o ovo ou a galinha: meus pais me deram medicamentos porque eu agia de modo estranho ou comecei a agir de modo estranho por causa de todas as visitas aos médicos, que me convenceram de que devia haver algo errado comigo? Talvez o mais assustador de tudo: qual o efeito de toda aquela medicação sobre mim e minha personalidade jovem? Quando garoto, considerava-me uma pessoa relativamente despreocupada, mas a partir dessa época fui o que acho que chamariam de “garoto problema”. Lutei para me encaixar na sociedade, sofri de depressão e alterações de humor. Havia uma ligação? Eu não fazia ideia.

O que eu sabia, no entanto, era que eu não podia culpar os médicos, minha mãe ou qualquer outra pessoa pelo modo como veio a ser minha vida desde então. Sim, eles tinham desempenhado um papel, mas a responsabilidade parou em mim. Ninguém disse para eu me envolver com drogas. Ninguém me obrigou a acabar nas ruas de Londres. Ninguém me fez usar heroína. Foram erros que cometi por livre e espontânea vontade. Eu não precisei da ajuda de ninguém para estragar minha vida. Fiz um excelente trabalho sozinho.

No mínimo, o livro seria uma oportunidade para eu deixar isso bem claro.



Por um momento, meu pai ficou sem palavras. A expressão no rosto dele era um misto de descrença, alegria, orgulho — e leve apreensão.

— Isso é muito dinheiro, Jamie! — disse, pondo de lado o cheque de cor bege que eu tinha acabado de lhe entregar. — É melhor ter cuidado com isso.

Até agora não tinha realmente caído a ficha do que estava acontecendo. Nem para mim nem para meu pai. Houve reuniões com editores, contratos assinados e até artigos em jornais. Mas, após receber esse cheque adiantado, tudo finalmente começava a fazer sentido.

Ao checar a caixa de correio alguns dias antes, abri o envelope e fiquei sentado lá, olhando para aquele cheque. Os únicos que eu tinha visto na última década foram os do DHSS^[8] e eram de pequenas quantias, como 50 libras aqui e 100 libras acolá, nunca algo com mais de um par de zeros.

Comparado a alguns londrinos, não era, na verdade, uma soma de dinheiro tão grande assim. Para muitos viajantes habituais que passavam por mim todos os dias a caminho da cidade, imagino que não era nem sequer o salário de um mês. Mas, para alguém como eu, que 60 libras representavam um salário de um dia muito bom, tratava-se de uma quantia exorbitante. Aquele pagamento, no entanto, trouxera dois problemas imediatos. Só de pensar em gastá-lo já me dava pânico, e ainda por cima eu não tinha uma conta bancária para compensá-lo. Já havia tido uma conta anos atrás, mas não a administrei muito bem, pois estava acostumado a viver com dinheiro vivo: durante os últimos anos troquei todos os meus cheques, razão pela qual eu tinha viajado até a casa do meu pai no sul de Londres.

— Esperava que você pudesse cuidar deste cheque para mim — pedi. — Daí posso lhe pedir dinheiro quando eu precisar.

Meu pai havia concordado e agora eu tinha o cheque endossado no nome dele. (Não foi uma grande mudança, pois

compartilhávamos exatamente o mesmo nome e sobrenome.)

Em vez de nos encontrarmos como sempre na Victoria, ele me convidou para tomar uma bebida lá pelas bandas dele. Tomamos alguns goles por lá e conversamos durante duas horas.

— E aí, vai ser um livro decente? — perguntou, exibindo seu ceticismo mais uma vez.

— O que quer dizer?

— Bem, é um livro ilustrado ou um livro infantil? Sobre o que vai ser exatamente? — quis saber.

Era uma pergunta justa, suponho.

Expliquei que era a história de como eu conheci Bob e de como tínhamos ajudado um ao outro. Ele pareceu um pouco perplexo.

— Então eu e sua mãe vamos estar nele? — perguntou.

— Posso até mencioná-los — respondi.

— É melhor eu conversar com meus advogados, então — disse ele, sorrindo.

— Não, não se preocupe. A única pessoa que se revela mal em tudo isso sou eu.

Isso o fez mudar um pouco de rumo.

— E será um trabalho a longo prazo? — continuou. — Digo, você escrevendo livros?

— Não — respondi honestamente. — Não vou me tornar a próxima J. K. Rowling, pai. Há milhares de livros publicados todos os anos. Apenas uma pequena minoria deles se torna best-seller. Eu realmente não acho que uma história sobre um artista de rua ex-viciado em drogas e seu gato laranja vá ser um deles. Então, sim, vai ser uma coisa de curto prazo. É um bom fruto do acaso, nada mais.

— Mais uma razão para ter cuidado com seu dinheiro — repetiu, aproveitando a oportunidade para me dar alguns conselhos

sensatos e paternais.

Ele estava certo, é claro. Esse dinheiro aliviaria meu estresse por alguns meses, mas não por muito tempo. Eu tinha dívidas para pagar, e meu apartamento estava precisando muito de uma redecoreação. Eu sabia que tinha de ser realista, o que significava continuar meu trabalho com a *The Big Issue*. Conversamos sobre isso por um tempinho, mas daí ele passou a uma palestra sobre os méritos relativos de vários planos de investimentos e de poupança. Nesse momento, eu fiz o que tinha feito tantas vezes quando meus pais falavam comigo: desliguei-me completamente.



Capítulo 12

A alegria de Bob

Estar com Bob tem sido um aprendizado e tanto. Eu não tive muitos mentores na vida e havia rejeitado as poucas pessoas bem-intencionadas que tentaram me orientar e me aconselhar. Eu sempre era mais capaz que elas, ou assim imaginava.

É uma coisa bizarra admitir, mas com Bob tem sido diferente. Ele tem me ensinado tanto quanto, se não mais, do que qualquer ser humano com quem já me deparei. Na companhia dele, aprendi lições importantes sobre tudo, desde responsabilidade e amizade até altruísmo. Ele até me fez compreender um assunto que eu pensei que nunca realmente entenderia — a paternidade.

Eu duvidava de que algum dia teria filhos. Eu não sabia ao certo se estaria à altura do cargo e, verdade seja dita, a oportunidade não tinha realmente se apresentado. Tive algumas namoradas ao longo dos anos, como Belle, de quem eu ainda era bem íntimo e tinha na mais alta estima. Porém começar uma família nunca estivera no horizonte. Como Belle uma vez sucintamente definiu, eu estava ocupado demais me comportando como uma criança na maior parte do tempo.

No entanto, cuidar de Bob me deu um vislumbre de como deve ser tornar-se pai. Em particular, ele me fez perceber que a paternidade tem tudo a ver com a ansiedade: preocupar-me com sua saúde, ficar de olho nele quando estamos nas ruas, ou simplesmente garantir que esteja aquecido e bem alimentado. A vida com Bob muitas vezes parece ser uma preocupação atrás da outra.

Na verdade, ser pai era o que meu pai me disse depois que fiquei desaparecido em Londres por aproximadamente um ano. Desapareci no auge do vício, e tanto ele quanto minha mãe ficaram transtornados de preocupação comigo. “Você não faz ideia de quanto um pai se preocupa com seu filho!”, gritou ele para mim, furioso com o que chamou de “egoísmo meu em não ficar em contato com eles”.

Naquele tempo, isso não quis dizer muita coisa para mim. Mas, com Bob, comecei a avaliar o inferno que devo ter feito meus pais passarem. Bem que eu queria poder voltar no tempo e poupá-los dessa aflição.

Essa foi a má notícia. A boa notícia é que, entre a ansiedade e a preocupação, a paternidade traz muitas risadas também. Essa é outra coisa que Bob me ensinou. Durante muito tempo, achei difícil encontrar muita alegria na vida, e ele me ensinou a ser feliz novamente. Mesmo os menores e mais bobos momentos que dividimos juntos são capazes de estampar um sorriso instantâneo em meu rosto.



Certo sábado, por exemplo, bem na hora do almoço, atendi a porta e dei de cara com o homem do apartamento em frente.

— Oi, achei melhor avisar que seu gato está aqui fora.

— Desculpe, mas deve ser de outra pessoa. O meu está aqui dentro — e me virei para olhar pela sala.

— Bob. Onde você está?

Não havia nenhum sinal dele.

— Olha, tenho certeza de que é ele aqui fora. Amarelo-alaranjado, não é? — perguntou o cara.

Saí para o corredor para encontrar Bob sentado não muito longe, perfeitamente imóvel, em cima de um armário, com a cabeça pressionada contra a janela, olhando para a rua abaixo.

— Ele está ali faz um tempo. Reparei nele mais cedo — disse o cara, dirigindo-se para o elevador.

— Ah, obrigado — falei.

Bob apenas olhou para mim, como se eu fosse o maior estraga-prazeres do mundo. A expressão na cara dele parecia dizer: “Suba até aqui e dê uma olhada nesta vista comigo. É realmente interessante”.

— Bob, como foi que você chegou aí? — eu disse, levantando a mão para pegá-lo.

Belle estava nos visitando e preparava um sanduíche na cozinha.

— Você deixou o Bob sair? — perguntei a ela.

— Não — respondeu, erguendo os olhos da bancada.

— Não consigo entender como ele saiu para o corredor e se escondeu em cima do armário.

— Ah, espere — disse Belle. Parecia que uma luz se acendia em sua cabeça. — Desci rapidinho há mais ou menos uma hora para pôr um pouco do lixo para fora. Você estava no banheiro, fechei a porta atrás de mim, mas ele deve ter saído de mansinho sem eu perceber e então se escondido em algum lugar quando subi de volta. Ele é muito esperto. Eu adoraria saber o que se passa na mente desse gato.

Não pude deixar de rir alto. Era um assunto sobre o qual eu especulava bastante ao longo dos anos. Pegava-me imaginando os processos mentais de Bob. Eu sabia que era um exercício inútil e só estava projetando o comportamento humano sobre um animal. “Antropomorfização”, é o que acho que chamam isso. Mas não dava para resistir.

Não foi difícil, por exemplo, descobrir por que ele tinha ficado tão feliz em encontrar seu novo ponto de observação no corredor lá fora hoje.

Não havia nada de que Bob gostasse mais do que observar o mundo. Dentro do apartamento, ele regularmente se posicionava no peitoril da janela da cozinha. E podia ficar sentado lá alegremente o dia todo, acompanhando os acontecimentos da rua, como uma espécie de guarda.

Sua cabeça acompanhava as pessoas enquanto elas passavam pelo nosso prédio. Se alguém se voltava para a entrada do edifício, ele se esticava até que o tivesse perdido de vista. Pode parecer loucura, mas eu achava extremamente divertido. Ele levava isso tão a sério que era quase como se tivesse uma lista de pessoas autorizadas a transitar por tal caminho em determinados momentos e em determinadas direções. Ele via alguém passando e olhava como se dissesse: “Sim, tudo bem, sei quem você é” ou “qual é, você está atrasado para pegar o ônibus para o trabalho”. Outras vezes, ficava bastante agitado, como se estivesse pensando: “Opa, pera lá, não tou te reconhecendo”, ou “Ei, você não tem autorização. Aonde pensa que está indo? Volte aqui”.

Eu poderia facilmente passar meia hora apenas observando Bob observando os outros. Belle e eu costumávamos brincar que ele estava em patrulha.

A fuga de Bob para o corredor hoje era típica de outra coisa que ele parecia gostar de fazer também: brincar de esconde-esconde. Eu já o encontrei em todos os tipos de esconderijos mais surpreendentes. Ele adora particularmente os lugares quentes.

Numa noite, fui tomar um banho antes de ir para a cama. Quando abri a porta do banheiro empurrando-a com o cotovelo, não pude deixar de reparar que ela parecia um pouco estranha. Em vez de abrir facilmente, foi necessário um empurrãozinho extra. Parecia pesada.

Não pensei mais nisso e comecei a tomar banho. Mas, quando olhei no espelho junto à pia, notei algo se movendo atrás da porta, entre as toalhas que eu mantinha numa prateleira. Era Bob!

— Como você subiu até aí? — perguntei, uivando de tanto rir.

Calculei que ele devia ter escalado uma estante perto da porta e então, de alguma forma, pulado de lá sobre as toalhas, colocando-se no topo delas. Parecia muito desconfortável e perigoso, porém ele parecia todo feliz.

O banheiro era o local favorito para o esconde-esconde. Outra artimanha frequente dele era esconder-se dentro do mancebo que muitas vezes eu usava para secar a roupa lavada na banheira, especialmente durante o inverno.

Várias vezes eu estava escovando os dentes ou até mesmo sentado no vaso sanitário, e de repente percebia as roupas se mexendo. Bob então aparecia, empurrando as roupas de lado como cortinas, com uma cara de “cadê-achou”. Ele achava isso uma grande diversão.

A capacidade de Bob para se meter em apuros era outra fonte de entretenimento sem fim.

Ele adorava ficar vendo televisão e telas de computador. E podia passar horas intermináveis assistindo a programas de vida selvagem ou corrida de cavalos. Ficava sentado lá, como se estivesse hipnotizado. Por isso, quando passamos por uma nova e reluzente loja da Apple em Covent Garden uma tarde, pensei em lhe dar um presente. O lugar estava transbordando de novos e brilhantes laptops e desktops, nenhum dos quais eu poderia nem remotamente comprar. Mas a filosofia da Apple era a de que toda e qualquer pessoa poderia entrar e brincar com a sua tecnologia. Assim o fizemos.

Passamos alguns minutos brincando com os computadores, navegando na internet e assistindo a vídeos no YouTube, quando de repente Bob avistou uma tela ao estilo de um aquário, com peixes exóticos e muito coloridos nadando por toda parte. Dava para ver por que ele estava atraído: era absolutamente deslumbrante!

Levei-o até a tela gigante e deixei-o olhar embasbacado para ela durante alguns instantes. Foi divertido observar. Ele acompanhava um determinado peixe enquanto avançava pela tela e então

desaparecia. E ficava meio estupefato, não conseguia compreender o que estava acontecendo e corria para trás da tela gigante, esperando encontrar o peixe lá. Mas, quando descobria apenas uma parede prateada e fios elétricos, retornava às pressas e começava a seguir outro peixe.

Continuou assim por minutos, até que de repente começou a ficar frenético e se prendeu num cabo. Eu estava temporariamente distraído e ao virar vi a pata dele enrolada num cabo branco. Ele o puxava e ameaçava arrastar um dos consoles gigantes consigo.

— Ah, céus, Bob, o que está fazendo? — eu disse.

Eu não tinha sido o único a avistar a cena.

Uma dupla de “gênios” da Apple estava ali rindo.

— Ele é um astro, né? — perguntou um deles.

Infelizmente, outro logo se juntou a eles, o membro mais experiente da equipe.

— Se ele quebrar alguma coisa, receio que você terá que cobrir os custos — avisou. Tendo em vista os preços dos produtos em exposição na loja, não perdi tempo em soltá-lo e dar o fora.



Para Bob, Londres é uma fonte inesgotável de oportunidades para aprontar todas. Mesmo os corredores subterrâneos do metrô se tornaram um lugar onde ele pode se comportar mal. Toda vez que andamos de metrô, ele se agarra muito a mim, pois não gosta de descer as escadas rolantes e os elevadores, além de se sentir intimidado com a multidão e a atmosfera claustrofóbica durante a hora do rush. Ao longo dos anos, porém, ele venceu seus medos. Ele até tem seu próprio bilhete do metrô, dado pelos funcionários da estação Angel, e comporta-se como qualquer outro londrino, cuidando da própria vida. Ele trota ao longo dos túneis, sempre caminhando o mais perto possível da parede, provavelmente por segurança. Quando chegamos à plataforma, ele fica atrás da linha

amarela, imperturbável quando o trem entra na estação, apesar do barulho. Aguarda pacientemente as portas se abrirem, deslizantes, antes de entrar calmamente a bordo e procurar um lugar vazio para ocupar num salto só.

Os londrinos são notórios por não se envolverem com seus companheiros de viagem, mas até mesmo o coração mais gelado se derrete um pouco quando vê Bob sentado ali, captando a atmosfera, todo interessado. Eles sacam seus celulares com câmera, depois saem sorrindo para trabalhar. Viver em Londres pode ser uma existência muito impessoal e desanimadora. Assim, a ideia de que estamos de alguma forma iluminando os dias das pessoas me faz sorrir.

Viajar no metrô tem seus perigos, no entanto.

Uma noite seguimos para casa desde o centro e pegamos o metrô para Seven Sisters, a estação mais próxima do meu apartamento. Muitos trabalhos de manutenção e reparo estavam sendo efetuados dentro do metrô, e Bob e eu ficamos fascinados com os equipamentos e engrenagem pesada visíveis aqui e ali.

Foi quando subíamos a escada rolante que reparei que o rabo de Bob estava pegajoso. Ao olhar um pouco mais de perto, notei algum tipo de material preto parecido com alcatrão. Então vi que também estava listrado ao longo de seu corpo, desde o meio da caixa torácica até a metade da cauda.

Era bem óbvio que ele tinha se esfregado em alguma coisa durante a viagem de metrô. Eu estava encafifado para saber exatamente o que era. Parecia óleo de motor ou algum tipo de graxa pesada. Definitivamente parecia ter vindo de algo mecânico. Imaginei que ele tivesse de alguma forma se esfregado em algum dos equipamentos de engenharia.

Só sabia que isso era potencialmente prejudicial, e Bob parecia ter concluído a mesma coisa, pois, ao localizar a sujeira, havia desistido de lamber.

Meu celular estava com pouco crédito, mas eu tinha quase o suficiente para fazer uma ligação para uma amiga, Rosemary, uma veterinária que tinha nos ajudado uma vez quando Bob ficou doente. Ela o adorava e estava sempre disposta a ajudar. Quando expliquei o que tinha acontecido, ela disse que, fosse o que fosse, eu precisava tirar lavando.

— Óleo de motor e de máquina pode ser altamente tóxico para os gatos, especialmente se ingerido ou inalado. Pode causar inflamação muito grave e queima de órgãos, especialmente os pulmões. Pode causar também problemas respiratórios, convulsões e mesmo a morte em casos realmente graves — explicou, assustando-me. — Então, você realmente precisa lavar com sabão. Bob deixa você dar banho nele?

— Se não sair, você deve levá-lo até o Blue Cross ou outro veterinário logo pela manhã — orientou-me pouco antes de eu ficar sem crédito e cair a ligação.

Gatos parecem poder ser divididos em duas categorias quando se trata da hora do banho: há aqueles que odeiam e aqueles que amam. Felizmente, Bob inclui-se no segundo grupo. Na verdade, ele é um pouco obcecado por banho.

Não há nada que ele ame mais do que entrar na banheira enquanto eu tomo banho. Ele aprendeu que sempre tomo um banho quente, em vez de um fumegante, e salta na banheira para poder nadar de remada por alguns minutos.

É engraçado — e, claro, muito bonitinho — vê-lo sair andando depois, enquanto se ergue e sacode uma pata de cada vez.

Ele também fica muito possessivo quanto ao ralo da banheira, roubando-o e o escondendo. Eu acabo usando um tampão improvisado e descubro o verdadeiro lá no chão da sala, onde Bob sempre está brincando com ele.

No fim das contas, tive de colocar sobre o tampão uma jarra com um peso em cima, para impedi-lo de roubá-lo e escondê-lo.

Então, levando tudo isso em conta, não era problema fazê-lo entrar no banho para que eu pudesse tirar essa graxa misteriosa de seu rabo.

Não tive de segurá-lo. Usei as duas mãos para esfregar sua cauda e a lateral usando um gel próprio para gato. Daí o enxaguei com a ducha. A expressão na cara dele enquanto os jatos de água encharcavam seu corpo foi hilariante, uma mistura de careta e riso forçado. Finalmente o sequei o melhor que pude com uma toalha. Novamente ele não precisou de muita persuasão para ser enxugado. Ele adorava isso e ficou ronronando o tempo todo.

Consegui tirar toda aquela meleca dele, mas ainda havia uma tênue mancha em seu rabo e corpo. Nos dias seguintes, porém, ele lambeu e ela lentamente começou a desaparecer. Dei uma passada no Blue Cross ainda naquela semana só para examinar. Disseram-me que não havia nada com que me preocupar.

— É mais fácil falar do que fazer, há sempre algo com que me preocupar com esse aí — eu disse à enfermeira, percebendo depois que realmente aquilo soara um pouco como pai.



O incidente no metrô me fez lembrar de uma verdade que eu sempre tinha em mente. Desde que nos encontramos, eu tinha domesticado Bob até certo ponto. Mas, olhando bem, no fundo ele continuava um gato de rua.

Posso não estar 100 por cento certo, porém meu pressentimento é de que ele deve ter passado grande parte da juventude vivendo de expedientes nas ruas. Ele é londrino, nascido e criado em Londres, e nada o deixa mais feliz do que explorar. Não raro sorrio para mim mesmo e digo: “você pode tirar o gato da rua, mas não a rua do gato”.

Ele tem alguns redutos favoritos. Na Angel, por exemplo, adora visitar o Islington Memorial Green, o parquinho onde ele é livre para revirar coisas nos arbustos, farejar o que capturar seu interesse

enquanto faz suas necessidades. Há alguns cantos cobertos de folhagem onde ele consegue discretamente desaparecer para ter privacidade. Não que a privacidade o faça perder muito tempo.

Ele também, por exemplo, gosta muito dos jardins de St. Giles, no pátio da Igreja Fields, logo na saída de Tottenham Court Road. Muitas vezes, quando saímos do nosso ponto de ônibus em Tottenham Court Road, em direção a Neal Street e a Covent Garden, ele começa a se movimentar no meu ombro, avisando-me de que quer fazer dali um porto de escala.

O cemitério no St. Giles é um oásis no meio de uma das partes mais movimentadas da cidade, com bancos para sentar e observar o mundo. Por alguma razão, porém, lá o banheiro favorito de Bob fica na verdade à vista da rua, junto a um conjunto de grades numa parede. Ele não se perturba com o fluxo de londrinos passando e, tranquilamente, cuida de fazer suas necessidades. Acontecia algo semelhante quando trabalhávamos em Neal Street, onde sua opção preferencial como banheiro era diante de um edifício comercial, na Endell Street. Lá ele podia ser avistado de cima por vários andares de salas e escritórios de conferência, então, mais uma vez, não era exatamente o lugar mais reservado de Londres. Mas Bob sentia-se à vontade e sempre conseguia se espremer nos arbustos para poder dar sequência às suas coisas pessoais o mais rápido e eficientemente possível.

Aonde quer que vá, ele é, como todos os gatos, muito metódico quanto a isso: ele mesmo cava um buraco de tamanho considerável, posta-se sobre ele e depois começa a raspar ao redor para encobrir as provas. Ele é sempre meticuloso em nivelar tudo para que ninguém saiba que esteve lá. Sempre me fascina saber por que os gatos fazem isso — li em algum lugar que é demarcação de território.

Os jardins em Soho Square eram outra parada favorita se estivéssemos trabalhando nessa área. Além de ser um dos mais belos parquinhos no centro de Londres, havia outras atrações para Bob. Proibiram cães, por exemplo, o que significava que eu poderia

relaxar um pouco mais se soltasse Bob do cadarço. Era também um lugar onde Bob parecia feliz, especialmente no verão. Bob ficava hipnotizado pelas aves, e o parque Soho Square estava cheio delas. Ele ficava sentado, de olhos arregalados, olhando para elas, fazendo um barulhinho curioso de caçador, uma espécie de *raa, raa, raa*. Soava bem bonitinho, embora, na realidade, fosse provavelmente bastante sinistro. Li em algum lugar que os cientistas pensam que os gatos simulam o ato de comer quando veem presas em potencial. Em outras palavras, eles praticam mastigá-las em pedaços na boca quando as vislumbram.

Fazia sentido. Não há nada que Bob ame mais que perseguir ratos, camundongos e outras criaturas quando encontrados à solta nos parques. Em várias ocasiões, ele foi até mim com seu troféu — provavelmente morto — durante suas perambulações.

Um dia, eu estava lendo uma revista em quadrinhos em Soho Square quando ele chegou com algo absolutamente nojento pendendo da boca. Era parte da cabeça de um rato.

— Bob, isso vai deixar você muito doente — eu disse.

Ele parecia já saber disso melhor do que eu. Não acho que tivesse intenção nenhuma de comê-lo. Em vez disso, levou-o até um canto e começou a brincar, assim como brincava com seu rato estrangulado lá em casa. Em 99 entre 100 vezes Bob atraía olhares de admiração dos passantes. Nessa ocasião, em particular, algumas pessoas olharam para ele com terror absoluto.

Eu nunca fui um desses donos de gato que viam seus animais de estimação como anjinhos, incapazes de fazer algo desagradável. Longe disso. Tudo o que eu sabia muito bem era que, como todos os membros da sua espécie, Bob era um predador, e um predador altamente eficaz. Se vivêssemos em outras partes do mundo, eu teria ficado mais preocupado. Em regiões dos Estados Unidos, da Austrália e da Nova Zelândia, em particular, tentaram proibir os gatos de sair depois de escurecer. Alegam que os gatos domésticos estão causando tantos danos que a vida dos pássaros está

ameaçada. Mas isso não era um problema em Londres. Por isso, no que dependesse de mim, Bob estava livre para fazer o que lhe conviesse, naturalmente. Contanto que não se arriscasse a se ferir ou fazer algum mal a si mesmo.

Além do mais, é um ótimo entretenimento para ele — e para mim.

Um dia, por exemplo, estávamos novamente cuidando da cadela Princesa, de Tico, e eu decidi levar os dois a um parquinho perto de casa. Não é o espaço verde mais glamouroso em Londres, tem uma quadra de basquete precária e uma área arborizada, mas era o suficiente para eles.

Eu estava sentado num banco com Bob preso ao cadarço extralongo que eu havia feito, quando de repente ele avistou um esquilo cinza.

Princesa avistou-o também, e logo os dois estavam saltando na direção dele. O esquilo, muito sensatamente, subiu em disparada na árvore mais próxima, mas Bob e Princesa não foram dissuadidos.

Observei-os enquanto trabalhavam juntos, na tentativa de descobrir como tirar o esquilo da árvore. Era como ver uma equipe da SWAT tentando arrancar um bandido de seu esconderijo.

Princesa soltava um latido de vez em quando para tentar desconcertar o esquilo. Toda vez que o bichinho aparecia ou fazia um movimento, os dois ajustavam suas posições: Bob cobria por um lado, voltando para o espaço aberto na minha direção, enquanto Princesa cobria a outra potencial rota de fuga do esquilo, na parte de trás da árvore.

Continuaram com isso por 20 minutos antes de finalmente desistir.

Tenho certeza de que algumas pessoas devem ter pensado que eu era um pouquinho maluco. Mas fiquei sentado lá, sorrindo e dando risadinhas de longe, absorto em cada minuto cativante da cena.



Inimigo público nº 1

Outro verão estava a caminho, e o sol do meio-dia já flamejava quando Bob e eu nos colocamos num ponto sombreado, diante da estação de metrô Angel. Acabara de tirar uma tigela e enchê-la com um pouco de água para ele, quando vi dois homens se aproximando.

Os dois estavam vestidos casualmente, de jeans e suéter. Um tinha 20 e tantos, enquanto o outro era, suponha eu, mais de uma década mais velho, provavelmente com seus quase 40 anos. Quase em uníssono, exibiram distintivos de seus bolsos, mostrando que eram policiais, membros da USC, Unidade de Segurança Comunitária de Islington.

— Olá, senhor. Pode me dizer seu nome? — pediu o mais velho.

— Hum... James Bowen, por quê?

— Senhor Bowen, receio que tivemos uma denúncia de agressão feita contra o senhor. É um assunto sério, por isso, vamos pedir que nos acompanhe até a delegacia de polícia para responder a algumas perguntas — disse o mais jovem.

Policiais à paisana eram uma figura bastante frequente nas ruas, e eu já tinha me defrontado com uma boa quantidade deles. Felizmente, ao contrário de alguns de seus colegas, os quais podiam ser um pouco agressivos contra os vendedores ambulantes da *The Big Issue*, esses dois eram muitíssimo educados.

Quando perguntei se eu poderia reservar um minuto para arrumar meu ponto de vendas e preparar Bob, disseram-me que esperariam

o tempo de que eu precisasse. Depois, disseram que iríamos andando até seu quartel general, na Tolpuddle Street.

— Não deve tomar mais do que alguns minutos — disse o oficial mais jovem.

Fiquei surpreso com minha calma. No passado, teria começado a entrar em pânico e talvez protestado, possivelmente até com violência. Era um indicador de quão mais controlado e estável eu estava. Além disso, eu não tinha feito nada, não havia agredido ninguém.

Os policiais também pareciam bem relaxados. Enquanto seguíamos até o posto policial, eles caminhavam lado a lado bem alegres na nossa frente. Ocasionalmente, um recuava para andar conosco. Em certo momento, o mais jovem dos dois me perguntou se eu entendia o que estava acontecendo e se conhecia os meus direitos.

— Sim, claro — respondi.

Eu sabia não ter sido acusado de nada, que só estava ajudando aqueles policiais com seus inquéritos. Não havia necessidade de chamar um advogado ou coisa do tipo, não neste estágio pelo menos.

Sem dúvida, minha mente estava agitada, tentando descobrir quem poderia ter feito tal “denúncia”. Eu já tinha alguns palpites.

A explicação mais óbvia é que era alguém apenas tentando estragar meu dia. Infelizmente, isso era muito comum. Eu tinha visto acontecer com outros vendedores e artistas de rua ao longo dos anos. Alguém rancoroso ou apenas com uma tendência malvada fazia uma acusação e a polícia era obrigada a verificar. Às vezes isso acontecia simplesmente para tirar a pessoa do seu ponto fixo de venda para o fulano reivindicá-lo para si. Havia algumas pessoas por aí que, eu sabia, não gostavam do fato de eu ter transformado meu ponto no metrô em um sucesso e adorariam assumi-lo. Era desagradável, porém uma realidade, infelizmente.

A outra possibilidade, mais sinistra, é que podia ser alguém tentando minar o meu livro. Afinal, quase todo mundo da comunidade *The Big Issue* sabia dele. Mais jornais continuavam a falar sobre a história, e diversos vendedores fizeram comentários, positivos e negativos.

Um dos coordenadores da revista havia dito que alguém andava espalhando que eu deveria ser proibido de vender a revista. Eu já sabia disso, porque um vendedor no centro de Londres tinha deixado claras suas objeções. Ele também havia me chamado de “hippie de araque”, o que era bastante delicado, pensei. Estupidamente, eu tinha imaginado estar fazendo algo positivo para a revista. Em vez disso, às vezes parecia que eu tinha me tornado o inimigo público nº 1 de todos os vendedores.

Ao chegarmos ao posto policial, os dois oficiais de polícia dirigiram-se a Bob pelo nome. Eles pareciam realmente encantados com ele, tanto que ele foi a prioridade quando chegamos lá.

— Bem, vamos esperar Bob se ajeitar antes de levar o senhor até a sala de custódia — disse o policial mais velho.

Logo se juntou a nós uma policial loira e uniformizada, de 20 e tantos anos. Ela imediatamente se concentrou em Bob, que ainda estava enrolado nos meus ombros, tentando assimilar o cenário desconhecido.

— Certo, este é o Bob? — perguntou, erguendo a mão e fazendo-lhe um carinho. Ele pareceu gostar dela imediatamente e logo estava esfregando a cara em sua mão, ronronando.

— Acha que ele se importaria se eu o pegasse?

— Claro, se ele for em sua direção, vá em frente — falei, sentindo que ele já estava bem à vontade com ela.

Como suspeitava, ele deixou que ela o pegasse.

— Por que não vem comigo e vemos se lhe arrumamos alguma coisa boa para comer ou beber? — perguntou.

Observei enquanto seguiram por trás do balcão da recepção principal até uma área de escritório com mesas, máquinas de fax e fotocopiadoras. Bob ficou fascinado com todas as luzes vermelhas e máquinas zunindo e estava feliz lá dentro. Então o deixei lá e me retirei com os oficiais.

— Não se preocupe, ele está seguro com Gillian — disse o oficial mais jovem enquanto passávamos por uma série de portas até a sala de custódia. Senti que ele estava dizendo a verdade.

Ao entrarmos na sala de interrogatório, subitamente senti um frio na barriga. Explicaram-me que eu estava sendo interrogado sobre um dos chamados “crimes de roubo com emprego de arma de fogo”. Tratava-se de crimes cometidos por usuários de drogas ou traficantes, como furto em lojas, assalto e agressão para a compra de drogas. Então, como resultado, eu sabia que provavelmente precisariam me testar para o uso de drogas, bem como tirar minhas impressões digitais.

Como os tempos mudaram! Mais ou menos um ano atrás e eu teria ficado seriamente preocupado. Entretanto, agora não tinha apreensão nenhuma enquanto realizavam o chamado teste Cozart e esfregavam minha boca com cotonete para encontrar sinais de heroína ou cocaína. Eu sabia que estava limpo. Contei isso aos oficiais, mas eles disseram que não tinham opção, que fariam o teste.

— Infelizmente, é o regulamento agora — declarou um deles. Acabado o teste, eles me sentaram e me fizeram algumas perguntas.

Perguntaram se eu estivera num certo local, em Islington, na véspera. O endereço não me pareceu nada familiar. Daí mencionaram o nome de uma mulher.

Anos antes, no auge do meu vício, quando eu fora preso algumas vezes por furto em lojas, aprendi simplesmente a responder “não vou comentar” a qualquer pergunta como essa. Porém eu sabia que isso era realmente irritante para a polícia, por isso tentei cooperar.

— Eu gostaria de ajudá-los, mas sinceramente não sei do que vocês estão falando.

Eles não ficaram de nenhuma forma bravos ou foram insistentes no interrogatório. Não havia a rotina “bom policial, mau policial”. Eles apenas consentiram com a cabeça, anotaram algumas observações e foi só. Após cerca de 10 minutos ou menos, terminamos.

— Está bem, Sr. Bowen, precisamos que você permaneça aqui por um tempinho enquanto investigamos mais — disse o oficial mais jovem. Daí me conduziram até uma pequena cela. Já estava bem claro e ensolarado lá fora. Eu estava impaciente para me juntar a Bob e voltar ao trabalho. Mas o relógio continuou andando e, antes que eu percebesse, as sombras se alongavam.

Era muito frustrante, e eu também estava preocupado com Bob. Depois de um tempo, um policial de plantão me ofereceu uma xícara de chá, então perguntei sobre meu gato.

— Está tudo bem, ele está com Gillian, ainda lá embaixo. Acho que ela saiu para buscar alguns petiscos pra ele, então ele está todo feliz lá.

Finalmente, os dois oficiais que primeiramente me abordaram foram me ver.

— Infelizmente, acho que desperdiçamos o seu e o nosso tempo — disseram. — A pessoa que fez essa acusação no telefone não está disposta a vir dar um depoimento formal. Portanto, não há provas corroborantes contra você, assim não haverá nenhuma acusação.

Fiquei obviamente aliviado. Fiquei com raiva também, mas decidi segurar a onda. Não fazia sentido fazer uma queixa formal ou ameaçar entrar com uma ação legal, especialmente quando todos foram tão gentis. Era melhor simplesmente dar o fora dali e voltar ao trabalho.

Minha principal preocupação, mais uma vez, era Bob. O que será que fizeram com ele durante todo esse tempo?

Eu tinha que descer até a recepção para assinar a liberação. Bob estava lá com Gillian, parecendo tão contente como quando o deixei. Mas, no momento em que me viu, o rabo começou a balançar e as orelhas se animaram. Ele pulou nos meus braços.

— Meu Deus, alguém ficou feliz em ver você — disse Gillian.

— Ele foi um bom menino? — perguntei.

— Ele foi um astro. Não foi, Bob?

Vi que ela o havia instalado num canto de seu escritório. Disse-me que tinha saído e lhe comprado um pouco de leite, um sachê de ração úmida de carne e um pacote enorme de seus petiscos favoritos. “Não me admira que estivesse tão feliz”, pensei.

Conversamos por um momento enquanto mandavam trazer minha bolsa e meu avental de onde tinham sido colocados durante meu interrogatório lá em cima. Gillian disse-me que, em circunstâncias normais, ele teria sido colocado com os cães de rua que estivessem detidos.

— Se você tivesse que passar a noite, teríamos que pensar em colocá-lo lá — confessou. — Felizmente, não será necessário.

Logo fui oficialmente liberado. Os dois oficiais pediram desculpas novamente.

— Só alguém sendo vingativo, suponho — disse a eles, apertando suas mãos enquanto me retirava.

Quando saí do posto policial, já estava quase no pôr do sol. Durante todo o dia estive paranoico que alguém tivesse roubado meu ponto, de modo que voltei para a Angel só para verificar. Para meu alívio, não havia ninguém lá.

— Está tudo bem, James? — perguntou uma das floristas.

— Sim, só uma brincadeira sem graça. Denunciaram-me por agressão.

— Sério? O que há de errado com as pessoas? — disse ela, balançando a cabeça em sinal de desgosto.

Era uma boa pergunta, para a qual eu não tinha nenhuma resposta, infelizmente.



Cerca de uma semana a 10 dias depois, Bob e eu vendíamos nossas revistas durante a hora do rush quando uma mulher loira e atraente veio até nós. Bob pareceu reconhecê-la e arqueou a cabeça em sua direção quando ela se ajoelhou a seu lado.

— Não se lembra de mim, né? — perguntou-me enquanto dava atenção a ele.

Tantos rostos passavam rapidamente por nós todas as noites que era difícil registrar todo mundo. Ela claramente viu que eu estava me esforçando.

— Posto policial da Tolpuddle Street? Cuidei de Bob na outra semana — disse ela, sorrindo.

— Ah, sim, claro, desculpe — falei, genuinamente envergonhado.
— Você é a Gillian, né?

— Vocês dois estão ótimos — comentou.

Oficiais da polícia comunitária sempre pararam para falar conosco ao longo dos anos, mas ela não parecia estar “em serviço”. Não estava de uniforme, para começar.

— A caminho de casa, final do meu turno — disse, quando perguntei para onde estava indo.

— Não tivemos mesmo muita chance de conversar naquele dia no posto policial, por razões óbvias. Mas me diga, como vocês se conheceram?

Ela sorriu e riu alto algumas vezes enquanto eu recontei nossos primeiros dias juntos.

— Almas gêmeas, pelo visto — comentou.

Ela percebeu que eu estava ocupado e que a hora do rush estava prestes a começar, então logo seguiu seu rumo.

— Talvez eu dê uma paradinha para vê-los novamente, se você não se importar.

— Claro — falei.

Ela foi fiel à sua palavra e logo estava nos vendo regularmente, muitas vezes trazendo presentes a Bob. Até parecia que ele tinha uma quedinha por ela.

Gillian também era generosa comigo. Numa ocasião, trouxe-me um café, um sanduíche e um cookie de uma das elegantes lanchonetes locais.

Conversávamos por um tempo, ambos evitando mencionar o que tinha acontecido no posto policial poucas semanas antes. Uma parte de mim estava curiosa por saber quem tinha feito essa acusação contra mim, contudo eu sabia que ela não poderia entrar em mais detalhes. Seria muito arriscado.

Expliquei-lhe sobre o livro e como isso parecia ter gerado mais animosidade do que qualquer outra coisa.

— Ah, não se preocupe com isso. As pessoas sempre estão com inveja do sucesso dos outros. Parece ser ótimo o livro. Seus amigos e familiares devem estar muito orgulhosos de você.

— Sim, eles estão — falei, dando-lhe um sorriso tímido e acendendo um cigarro.

Evidentemente, a verdade era que eu não tinha muitos amigos. Com exceção de Belle, não havia ninguém com quem eu pudesse me abrir — nos bons ou nos maus momentos. Eu tinha Bob e era só.

Era, em parte, a vida que eu construíra para mim. Eu era um produto do ambiente em que vivi durante a última década.

Quando estava nas drogas, retirei-me do mundo. Meus relacionamentos mais importantes naquela época eram com

traficantes. Mesmo agora, quando eu estava limpo, achava difícil estabelecer amizades. Havia várias razões. Dinheiro, para começar. Para fazer amigos, você tinha de sair e socializar, o que custava dinheiro, por isso fazia muito raramente. Mas, num nível mais profundo, eu também achava difícil confiar nas pessoas. Durante o pior período da minha dependência de drogas fiquei em albergues onde sabia que qualquer um poderia me roubar a qualquer momento. Mesmo ao dormir. Então me tornei muito cauteloso com as pessoas. Era triste, porém eu ainda me sentia assim em bastante. Os acontecimentos das duas últimas semanas enfatizaram isso. Alguém tinha feito uma acusação de agressão fictícia contra mim. Por tudo o que eu sabia, poderia ter sido alguém que eu via todos os dias da semana. Poderia ter sido alguém que eu considerava como “amigo”.

Assim, enquanto olhava para Bob interagindo com Gillian, uma parte de mim desejava que minha vida pudesse ser tão simples e sincera quanto a dele. Ele a conhecera em circunstâncias estranhas, mas imediatamente sentiu que poderia confiar nela. Ele pressentia que ela era uma pessoa decente e então a abraçara como amiga. Eu sabia que não ia ser fácil, e eu precisava fazer isso mais. Eu precisava ter esse mesmo ato de fé. Para fazer isso, no entanto, eu tinha de mudar minha vida. Eu tinha de sair das ruas.



Capítulo 14

Orgulho e preconceito

Era o primeiro sábado de julho, e as ruas do centro de Londres estavam atulhadas para as celebrações anuais do Orgulho Gay. O West End era um mar de cores — principalmente rosa —, e o clima quente tinha atraído ainda mais público que de costume. De acordo com o noticiário, um milhão de pessoas haviam se aventurado nas ruas para assistir ao grande desfile de carros alegóricos, repletos de drag queens, dançarinos e fantasias espetaculares, para serpentear desde Oxford Circus, descendo a Regent Street até Trafalgar Square.

Eu tinha decidido matar dois coelhos com uma cajadada só e passara o dia assistindo aos carros alegóricos e trajes fabulosos enquanto também vendia algumas revistas num ponto na Oxford Street, perto da estação de metrô Oxford Circus.

Era um dia lucrativo para todos os vendedores ambulantes da *The Big Issue*, por isso, como “visitante” de Islington, tive o cuidado de cumprir as regras. Alguns pontos de venda, como o meu na estação de metrô Angel, eram designados somente a um vendedor autorizado, mas outros, como esse em que eu estava, eram livres para qualquer um, desde que não houvesse ninguém mais trabalhando no local. Eu também tive o cuidado de não “flanar”, o termo que é usado para dizer “ficar de bobeira”, passear pelas ruas, em vez de trabalhar. Desobedeci a essa regra no passado e não queria fazê-lo novamente.

Durante mais ou menos a década em que estive nas ruas, o Orgulho Gay tinha passado de uma marcha pequena e bastante política a uma das maiores festas de rua da cidade. Apenas o

Carnaval de Notting Hill era maior. Este ano, as multidões estavam amontoadas em filas de quatro ou cinco em alguns lugares, mas todo mundo estava incrivelmente de bom humor, incluindo Bob.

Ele se acostumara a estar no meio das grandes multidões. Houve um momento em que teve uma ligeira fobia de pessoas em trajes muito assustadores. Anos antes, havia fugido depois de ver um cara com um terno esquisito e excessivamente grande diante do Ripley's Believe It Or Not, em Piccadilly Circus. Seus anos de andanças pelas ruas de Londres e Covent Garden, em particular, pareciam ter atenuado seus temores, no entanto. Ele já tinha visto de tudo, desde as estranhas estátuas humanas pintadas de prata até engolidores de fogo franceses e dragões gigantes durante o Ano-Novo Chinês. Na parada do Orgulho Gay não faltavam roupas escandalosas e pessoas soprando cornetas e apitos, mas Bob levou tudo isso numa boa. Ficou sentado no meu ombro o tempo todo, absorvendo a atmosfera de festa e adorando a atenção que estava recebendo das multidões. Algumas pessoas o conheciam pelo nome e pediram para tirar foto com nós dois. Uma ou duas até disseram estar ansiosas para ler sobre nós no livro.

— Precisamos escrevê-lo primeiro — meio que brinquei.

Quando o desfile principal chegava ao fim, no final da tarde, Bob e eu seguimos para Soho Square, onde havia um palco e alguns outros eventos, e viramos na Old Compton Street, lar de muitos dos bares gays mais populares de Londres. A rua estava absolutamente repleta de pessoas, muitas delas participantes do desfile, relaxando com alguns drinques. Ao longo de mais ou menos metade da rua, decidi fumar um cigarro. Não tinha um isqueiro comigo, por isso parei junto a uma mesa diante de um dos pubs e pedi um emprestado. Para minha surpresa, um rapaz vestindo com uma cueca rosa, um par de asas de anjo e uma auréola, exibiu um. Eu não queria pensar onde o isqueiro estava guardado.

— Aqui está, amigo. Belo gato, a propósito — ele disse enquanto acendia o cigarro para mim.

Eu ainda conversava com o cara quando senti um tapinha no ombro. Voltei-me e dei de cara com uma agente comunitária chamada Holly. A julgar pela forma como estava vestida, de bermuda e camiseta, imaginei que estivesse de folga, equivocadamente, ao que se constatou.

— James. Você está flanando — ela disse.

— Não, não estou, Holly. Parei apenas para pedir um isqueiro emprestado. Pergunte a este rapaz se quiser.

— Você estava flanando, James. Eu vi você — ela estava inflexível. — Vou ter que denunciá-lo.

Fiquei pasmo.

— O quê? Ah, qual é, Holly. Você vai me denunciar por tentar acender um cigarro? — protestei, agarrando a bolsa para mostrar que me restaram apenas algumas revistas não vendidas. — Acabei por hoje. Nem estou com revistas para fora.

— Sim, claro — ela disse, num tom muito sarcástico antes de desaparecer rapidamente na multidão.

Eu não sabia ao certo se levava a ameaça a sério ou não. Cada agente comunitário era diferente. Alguns persistiam em suas ameaças, outros as faziam puramente como forma de protesto. Eu decidi que ela não ia estragar meu dia e continuei curtindo a atmosfera de festa.

Tirei o domingo de folga e voltei a trabalhar na segunda-feira, normalmente. Até então eu tinha me esquecido completamente de Holly. Foi na quarta-feira que o problema começou.

Chegando em Islington pouco antes do meio-dia, fui ver Rita, a coordenadora em Islington Green, para comprar novos estoques de revistas.

— Sinto muito, James, não posso lhe vender nenhuma. Você está na lista “Para Conversar” — disse ela.

— O quê?!

— Parece que alguém viu você flanando no West End. Você sabe o que fazer. Precisa ir até a Sede, em Vauxhall.

“Maldita Holly”, disse a mim mesmo.

Era de enfurecer por todos os tipos de razões. Acima de tudo, claro, era um completo absurdo dizer que eu estava flanando. Eu tive esse problema antes, sobretudo porque muitas pessoas nos abordavam quando andávamos por Londres.

Eu sabia que não era para vender revistas se estivesse em movimento. Só podia fazê-lo em um ponto fixo. Sempre tentei explicar isso às pessoas e, embora algumas ficassem confusas e até mesmo ofendidas, geralmente seguiam seu caminho sem me dar nada. Infelizmente, bastava que outro vendedor ou um agente comunitário me visse fazendo algum tipo de troca com um indivíduo e ele somaria dois mais dois para dar cinco.

Era um verdadeiro aborrecimento ter de viajar até Vauxhall, mas eu sabia que precisava manter meu ponto na Angel. O livro era apenas uma fase passageira; eu sabia que não podia virar as costas para o que ainda era o meu ganha-pão.

Nos escritórios da *The Big Issue*, tomei um chá de cadeira de meia hora antes que pudesse falar com um supervisor. Quando finalmente fui chamado, esse cara disse que haviam me mencionado na reunião semanal dos agentes comunitários, em que são discutidas as disputas de ponto, vendedores malcomportados e outras questões.

— Receio que terá que cumprir um mês de suspensão porque um agente comunitário viu você flanando de mesa em mesa — ele disse.

Tentei me defender, mas foi perda de tempo. Para a *The Big Issue* você era culpado a menos que apelasse formalmente. Eu tinha passado por esse processo antes, quando tinha ponto em Covent Garden. Mais uma vez, eu fora injustamente acusado de estar flanando, e era minha palavra contra a deles. Minha palavra aparentemente não valia muito e eu perdi.

Eu sabia que realmente não valia a pena o esforço de apelar desta vez, por isso, decidi padecer e aceitar a suspensão. Assinei a papelada pertinente, entreguei meu avental e meu cartão de identificação e fui para casa, chateado mas resignado pelo fato de que era assim que caminhava a humanidade.

— Como é aquele ditado? Nenhuma boa ação fica impune — disse a Bob quando sentamos no metrô voltando para casa.

Imaginava que, com o livro ainda a ser escrito, eu passaria o mês trabalhando em cima disso, fazendo umas apresentaçõezinhas de rua, e voltaria à estação de metrô Angel no período de um mês. Se ao menos tivesse sido assim tão simples.



No final do mês, voltei ao escritório da *The Big Issue*. Eu não tinha certeza de que teria meu avental e minha identificação de volta, por isso, levei meu violão comigo, caso precisasse continuar com as apresentações de rua. Eu não precisava ter me preocupado. Disseram-me que eu havia cumprido a “sentença” e peguei minhas coisas de volta. Também comprei um estoque de revistas para levar para meu ponto na Angel.

— De volta ao trabalho, Bob — falei enquanto pegávamos um ônibus e atravessávamos o Tâmis.

Chegando à Angel, saí da estação e vi que meu ponto estava vazio. Ainda estava registrado para mim, por isso, tecnicamente ninguém devia ter ficado lá, mas eu não ficaria surpreso se alguém tivesse arriscado. Então, montei tudo normalmente e voltei ao trabalho.

Fiquei lá por cerca de meia hora, quando outro vendedor chegou. Era um cara que eu tinha visto por aí algumas vezes. Era relativamente novo para a *The Big Issue* e tinha um cão velho, enfezado e bem sujo.

— O que você está fazendo? Esse é o meu ponto! — ele disse.

— Não, não é — falei, confuso. — É o meu ponto há mais de um ano.

— Pode ter sido seu ponto um ano atrás, mas agora é meu. Estou registrado na sede.

— O quê? Eu realmente não sei do que você está falando, companheiro. Bob e eu somos parte da mobília daqui. Até escreveram sobre nós nos jornais — expliquei, tentando permanecer razoável.

Ele apenas deu de ombros e inflou as bochechas.

— Lamento muitíssimo — murmurou. — Vá falar com a Rita. Ela vai informar você.

— Eu vou, companheiro, não se preocupe — e atravessei a High Street, rumo ao ponto da coordenadoria de Islington Green.

Ficou óbvio de cara que algo estava errado, pois o rosto de Rita franziu quando ela me viu.

— Ah, oi, James — disse ela, recusando-se a fazer contato visual.

— Olha, não foi decisão minha. Eu disse a ele que o ponto era seu e que você estava suspenso por um mês. Ele sumiu por duas semanas, mas daí foi até Vauxhall e alguém de lá passou por cima de mim. Disseram que ele poderia ficar em tempo integral. Não havia nada que eu pudesse fazer.

Eu estava atordoado. Por um momento fiquei sem palavras. Pode parecer arrogante, mas eu tinha transformado aquele ponto numa mina de dinheiro para a *The Big Issue* e para mim mesmo, obviamente.

Até eu ter chegado, ninguém queria trabalhar lá. O pensamento convencional sempre foi o de que as pessoas estavam com pressa demais para desacelerar naquele ponto. Elas não tinham tempo para se ocupar com um vendedor ambulante. Mas, em grande parte graças a Bob, é claro, eu me estabeleci lá. Mesmo os agentes

comunitários disseram que o número de pessoas que vinham nos ver era incrível, como também as vendas da revista.

— Não creio que fizeram isso comigo — eu disse a Rita, lutando para descobrir por que isso tinha acontecido. — É porque estou com esse negócio do livro e eles acham que não preciso mais vender? — falei. — Porque, se for, eles entenderam tudo errado. Isso é apenas fogo de palha. Preciso continuar trabalhando a longo prazo.

Mas Rita não reagia. Ficava só balançando a cabeça e dizendo “eu não sei” ou “sinto muito”.

No final das contas, simplesmente saí voando, com Bob nos ombros. Olhando para trás, não me orgulho do que fiz em seguida, porém eu me sentia tão traído e maltratado que decidi fazer justiça com as próprias mãos.

Retornei à estação de metrô e confrontei novamente o cara.

— Olha, companheiro, tome 20 libras pelo ponto. Que tal? — falei.

Ele ponderou por um momento, daí pegou a nota, apanhou suas revistas e partiu com seu cão a reboque. Mal se passaram 10 minutos e ele voltou, desta vez acompanhado de Holly.

— James, esse não é mais o seu ponto — ela disse.

— Sim, é que acabo de pagar ao sujeito 20 libras pra tê-lo de volta.

— Não funciona desse jeito e você sabe disso, James.

Minha cabeça agora girava. Eu não conseguia entender por que estavam fazendo isso comigo. Será que eu tinha me comportado tão mal? Será que eu era tão impopular entre a fraternidade *The Big Issue*? Devo ter sido. Todos pareciam querer o meu mal.

— Então pode me devolver as 20 libras? — disse ao sujeito.

— Não. Eu não ganhei nada ainda.

Dava para ver que ele não tinha vendido nenhuma revista, por isso não podia ter gastado as 20 libras. Perdi o controle e comecei a

me apresentar a cerca de cinco metros do meu ponto habitual.

— James, o que você está fazendo? — perguntou Holly. Simplesmente a ignorei e continuei tocando o trabalho.

Ela se retirou brevemente, mas reapareceu com um policial e outro agente comunitário, John, a reboque.

— Receio que terei que pedir para ir embora, senhor. Caso contrário, não terei outra opção senão adverti-lo — disse o policial.

— James, você também vai ter que entregar o seu avental e sua identificação — disse Holly. — Você vai receber outra suspensão por isso.

Eu só os tinha pegado de volta há algumas horas. Mas os entreguei. Dessa vez, a *The Big Issue* foi ainda mais dura em sua punição. Escreveram para mim dizendo que estavam me dando uma suspensão de seis meses. Decidi que já bastava. Decidi que não seria mais associado a eles.

Não me senti ótimo com isso. Vender a revista tinha feito maravilhas por mim. Porém senti um profundo sentimento de injustiça.

Eu não era santo. Para ser honesto, não acho que alguém que venda a *The Big Issue* realmente seja. Todos temos os nossos defeitos. Não estaríamos trabalhando nas ruas se não precisássemos, não é? Também me dei conta de que reagi de maneira exagerada e perdi a paciência ao descobrir que meu ponto havia sido passado para outro vendedor. Senti-me traído, especialmente porque Bob e eu havíamos nos tornado embaixadores não oficiais da revista. Depois de termos ido à primeira Caminhada Noturna, tínhamos efetivamente sido a cara do evento e tivemos destaque num monte de publicidade para anunciar uma segunda caminhada. A essa altura, eu também saíra no jornal *Islington Tribune* duas vezes e no *Camden*. O *The Independent* tinha até publicado uma matéria. Todos eles mencionaram que eu vendia a *The Big Issue*, era o tipo de cobertura positiva que eles queriam. Encarnávamos o espírito da caridade: eles tinham nos

ajudado a ajudar a nós mesmos. Ou, pelo menos, assim eu pensava.

Comecei a me perguntar como os outros vendedores viram isso; talvez pensassem que eu estava ficando muito arrogante. Eu, na verdade desenterrei meu contrato original com a revista para ver se talvez tivesse violado alguma regra ao concordar em escrever o livro. Mas realmente não havia nada. Os vendedores da *The Big Issue* obviamente nunca conseguiram uma proposta para escrever sua história de vida para uma editora.

Era muito confuso. Eu realmente não sabia o que pensar. Mais uma vez, comecei a me perguntar se a fama que Bob e eu estávamos ganhando era uma faca de dois gumes. Mas eu sabia o que tinha de fazer.

Eu não fui a Vauxhall para assinar minha suspensão de seis meses. No que era relativo a mim, eu havia vendido o meu último exemplar da revista. E estava cansado de todas as políticas e as facadas nas costas. Estava trazendo à tona o pior das pessoas — e, mais preocupante, estava trazendo à tona o pior de mim. De agora em diante, eu precisava me concentrar em Bob, no livro e em todas as coisas que extraíam o melhor de mim.



Capítulo 15

Aquele que me salva

O drama na Angel me deixou deprimido e perdido por um tempo. Lá no fundo eu sabia que tinha feito a coisa certa, mas ainda tinha meus momentos em que me afligia ter dado um mau passo. Preocupava-me que eu tivesse feito da *The Big Issue* uma inimiga e que isso pudesse voltar para me morder de alguma forma.

Levei mais ou menos uma semana para me libertar disso. Dei-me uma dura. Disse a mim mesmo que não podia ficar remoendo eternamente. Precisava seguir em frente e, em particular, precisava focar nas coisas positivas, especialmente no livro. O livro fora entregue aos editores, que pareceram satisfeitos. Uma parte de mim se perguntava se eles iriam lê-lo e se acovardar. Minha história não era o mais romântico e glamouroso dos contos. A vida nas ruas que eu descrevera era amarga e, às vezes, profundamente desagradável. Durante uma ou duas semanas depois de Garry e eu entregarmos o manuscrito, meio que esperei uma ligação dizendo “sinto muito, cometemos um terrível engano”, entretanto isso não aconteceu. Ao contrário: disseram-me que o publicariam na primavera seguinte, no mês de março.

Agora eu tinha um alvo a almejar, mas, no meio-tempo, precisava continuar ganhando dinheiro, por isso voltei a me apresentar nas ruas — e na Covent Garden. Fui tocado por uma mistura de sentimentos. Pelo lado negativo, depois de alguns anos vendendo a *The Big Issue*, parecia um passinho para trás. Apresentar-se nas ruas é, sob alguns aspectos, apenas um degrau acima da mendicância, e eu achava que esses dias difíceis tinham ficado para trás.

O outro problema era que minha voz tinha piorado. Gritar “Big Issue, Big Issue” para oferecer a revista aos transeuntes centenas e centenas de vezes ao dia exigia mais da laringe do que cantar uma canção melódica vez por outra. Assim, quando peguei o violão e comecei a cantar novamente, senti não estar me saindo tão bem como de costume. Eu também levava algum tempo para me acostumar a tocar violão por longos períodos; para começar, nem calo nos dedos eu tinha. Mas havia alguns aspectos positivos também. Tentei me concentrar neles.

De forma mais significativa, era uma passo para a independência. A *The Big Issue* tinha sido, sem dúvida, uma força boa na minha vida. Seu mantra norteador sempre foi o de que ela oferecia uma mão amiga em vez de esmolas. Isso certamente foi verdade no meu caso, pois me ajudou a trazer um pouco de estabilidade à minha vida. Sem esse trabalho de ambulante, provavelmente nunca teria recebido uma proposta para escrever um livro.

Sim, achei difícil obedecer às regras de uma organização como a revista. Um pouco por má sorte, um pouco cabia aos conflitos de personalidade, mas, um pouco — eu precisava dar a cara a tapa — cabia a mim mesmo. Eu não era muito bom em lidar com autoridade. Nunca fui.

Por isso, ser dono do meu nariz novamente dava uma sensação agradável. Sentia como se minha liberdade retornasse.

Evidentemente, a outra coisa realmente positiva era que Bob e eu éramos uma dupla mais conhecida agora. Graças às várias matérias em jornais e na internet, éramos modestas celebridades locais.

Desde o primeiro dia me apresentando nas ruas, ficou claro para mim que passamos a atrair um público maior que antes. Por vezes pequenos círculos de turistas e outras pessoas nos rodeavam, tirando fotos com suas câmeras e ajoelhando-se para acariciar Bob. Fiquei chocado com a quantidade de gringos falando línguas que eu nem sequer reconhecia. Todos sorriam, apontavam e diziam: “Aaaah, Bob”. Meu gato parecia curtir. Uma das canções mais

pedidas que eu tocava era “Wonderwall”, do Oasis, que era fácil de tocar. Eu simplesmente colocava o cravelhame no segundo traste do meu violão e começava a arranhar.

Já a havia tocado centena de vezes, mas, depois de um tempo, toda vez que eu dedilhava esses acordes familiares a letra da música afetava-me de forma muito mais intensa, em particular aquele verso do refrão: “Maybe you’re gonna be the one that saves me”.^[9] Ao olhar para Bob, pensava que esse refrão podia ser dedicado a ele. Mas não havia o “maybe”, o “talvez”. Bob realmente tinha me salvado.



Outro ponto positivo de estar em Covent Garden, evidentemente, era que a vida nunca, jamais era maçante por lá. Logo lembrei que o lugar tinha um ritmo e uma vida muito próprios. A hora mais movimentada do dia era no começo da noite, por volta das sete, quando hordas de pessoas saídas do trabalho seguiam para casa e hordas ainda maiores iam visitar os bares, restaurantes, teatros e casas de ópera.

Observando o mundo passar a partir da nossa posição na Neal Street, nunca era difícil descobrir quem estava indo para onde. Dava, por exemplo, para reconhecer a garotada que saía para a balada a um quilômetro e meio dali. As meninas vestiam minissaias e saltos altíssimos, jaquetas de couro e tinham gel no cabelo. Os amantes de ópera eram geralmente os mais bem-vestidos, em geral com os homens de *black tie* e as mulheres de vestido de gala com uma generosa porção de joias para arrematar. Dava para ouvir alguns deles tagarelando rua abaixo, na direção do Piazza e do Royal Opera House. A área era cheia de personagens inusitados. Quando nos habituamos novamente à rotina, parecíamos atrair, mais uma vez, mais do que nossa justa cota deles.

Numa tarde, algumas semanas verão adentro, reparei num rosto desconhecido na calçada, a alguns metros de nós.

Não era incomum que outras pessoas se instalassem no local, tentando ganhar algumas libras. Eu não tinha problema nenhum com isso, desde que não interferissem em nosso ganha-pão. Os únicos rivais que realmente me perturbavam eram os “pedintes de caridade”, arrecadadores freelancers que de tempos em tempos se enxameavam no local, amolando as pessoas.

Eu não estava sendo hipócrita. Todos tínhamos de ganhar a vida, e eu mesmo fora um pouco agressivo ao vender a *The Big Issue*. Mas os pedintes de caridade levavam as coisas longe demais, e seu comportamento poderia ser tão rude e invasivo que beirava o assédio.

Esse cara definitivamente não era um deles, no entanto. Ele tinha a pele escura e estava vestido de forma bem elegante, um terno. E carregava uma cesta de aspecto estranho, a qual colocou no chão. Imaginei que fosse algum tipo de artista de rua, não fazia ideia do que esperar.

Fiquei intrigado e sentei-me, observando-o por alguns instantes, esperando que ele pudesse aliviar o meu tédio de mais um dia. E não fiquei desapontado. Ele logo mergulhou a mão na cesta e exibiu uma serpente amarelada que então começou a enrolar em volta do pescoço. Eu não era especialista em cobras, mas a teria descrito como uma jiboia albina. Bem grossa, tinha cerca de três metros de comprimento. Ele então começou a brincar com ela, pedindo doações aos passantes.

— Olha, Bob, temos um encantador de serpentes — falei, sorrindo, enquanto observava a criatura de aparência impressionante enrolando-se naquele sujeito.

Bob examinava a situação com cuidado, e era óbvio que não entendia bem o que estava acontecendo. Estávamos a uns bons nove metros de distância, de modo que ele não conseguia ver muito bem, então se acomodou em sua posição favorita à sombra e começou a tirar sua soneca da tarde.

O cara ficou lá por cerca de 40 minutos mais ou menos, quando então veio me cumprimentar. Ele ainda tinha a cobra envolta no pescoço, como se fosse uma peça de joalheria bem grande.

— E aí, pessoal, tudo bem? — disse ele, com um forte sotaque que imaginei ser de português ou possivelmente de brasileiro.

Bob estava cochilando ao sol da tarde, mas se animou e deu uma boa olhada no curioso visitante. Eu poderia dizer que sua mente estava trabalhando arduamente, tentando decifrar o que era aquela criatura — e se era uma presença bem-vinda em seu mundo. Não demorou muito para que chegasse à sua conclusão.

Quando Bob inclinou a cabeça para a frente para dar uma olhada melhor, a serpente decidiu esticar a língua comprida e bifurcada e emitir um sibilo muito assustador. Era como se ela fosse algo saído de *O livro da selva*.

Bob ficou assustado, deu um miado bem alto e pulou em cima de mim, implorando-me que o colocasse em meus ombros. Eu tinha certeza de que, se não o tivesse atrelado a mim pelo cadarço, ele teria disparado e fugido, como fizera uma vez na estação Angel, quando um cão bravo foi para cima dele.

— Desculpa, cara, não queria assustar o seu gato — disse o rapaz, percebendo o que tinha feito e tirando a cobra ligeiramente dos ombros. — Vou sair daqui e continuar meu show mais lá para baixo.

Bob passou o resto da tarde inquieto. Ele estava tão paranoico de encontrar outra cobra que ficou atacando as alças da minha mochila. Ele fica sentado sobre essa mochila há anos e nunca tinha tido problema com ela. Mas, de repente, tudo o que lembrasse a jiboia amarela Bob passou a tratar com extrema desconfiança. Ele ficava agarrando as alças com os dentes e as sacudindo no ar, como se para testar se estavam vivas ou não.

Demorou alguns dias para Bob esquecer a cobra. Ele ficava um pouco nervoso toda vez que alguém se aproximava, passou a examinar os ombros das pessoas, como se estivesse procurando

algo à espreita. Deve ter sido confuso para ele. Durante todos esses anos Bob tem sido a única criatura que anda pelas ruas envolta no pescoço de um homem. Acho que o desconcertou completamente ver outra criatura no mesmo local, sobretudo uma de aspecto tão estranho e assustador.

Claro que tudo fazia parte da situação, por estarmos de volta ao mundo amalucado de Covent Garden.



Nem todo mundo nas ruas era tão compreensivo. Continuava um lugar competitivo e por vezes agressivo, cheio de pessoas cuidando do próprio nariz.

Bob e eu estávamos nos distraíndo alegremente numa tarde na Neal Street, quando um jovem chegou com um amplificador e um microfone. Ele vestia roupas de skatista, usava boné de beisebol e tênis Nike. Vi-o montar tudo e aguardei um instrumento aparecer, mas não havia. Tudo o que ele tinha era um microfone.

Ignorei-o e voltei a tocar a minha música. Entretanto não consegui tirá-lo da cabeça por muito tempo. Em poucos minutos, ouvi troar um som ensurdecido e repetitivo. O jovem estava com o microfone contra os lábios, fazendo sons de batida. Sou fã da maioria dos tipos de música, mas esse realmente não era minha praia. Na minha opinião, não era nem de longe musical, só barulho.

Bob compartilhava da minha opinião, era óbvio. Talvez porque tivesse passado muito tempo ouvindo-me tocar violão acústico, ele parecia gostar desse tipo de música. E também havia se acostumado ao rock um pouco mais pesado, deixando clara sua opinião sobre aquela “música” imediatamente. Olhei para ele e o vi lançar os olhos rua abaixo com o que só posso descrever como o mais absoluto desprezo.

Havia vezes em que Bob me conduzia, e essa foi uma delas. Levantou-se, inclinou a cabeça para mim e de cara eu soube, sem equívoco, que devíamos mudar de lugar. Juntei minhas tralhas e

desci a rua cerca de 60 metros, onde comecei a tocar novamente. Ainda dava para ouvir o ruído do jovem, mas pelo menos eu podia ouvir meus pensamentos.

Ledo engano. O barulho que o garoto estava fazendo era tão alto que outros devem ter reclamado, já que dentro de mais ou menos meia hora a polícia chegou. De longe vi quando dois oficiais saíram do carro e o abordaram. Vi o garoto agitar os braços em protesto, mas não adiantou nada: poucos minutos depois ele desconectou o microfone e começou a arrumar suas coisas.

Era quase possível ouvir os suspiros de alívio saídos de dentro dos escritórios, cafés e restaurantes.

— Graças a Deus acabou, né, Bob? — falei.

Minha alegria durou pouco. Os policiais viram Bob e eu sentados na calçada e vieram falar com a gente.

— Você não tem autorização para tocar aqui, companheiro — disse um deles.

Eu poderia ter discordado e dito que tínhamos, sim, o direito de estar ali, o que até certo ponto era verdade. Mas decidi não forçar a barra. Era difícil estar novamente em Covent Garden sem irritar a polícia. “Escolha suas batalhas, James”, eu disse a mim mesmo com muita sabedoria, pelo que ocorreu depois.



Era pouco depois do meio-dia na Neal Street, e as multidões de turistas e pessoas que faziam compras começavam a avolumar. Bob e eu tínhamos saído um pouco mais cedo, em parte porque era o primeiro dia de tempo bom em uma semana, em parte porque precisávamos partir ao final da tarde para que eu pudesse voltar para casa e ainda ir a uma consulta médica.

Eu havia desenvolvido um problema bem sério no peito e passei mais ou menos uma semana sem dormir, tossindo e respirando com

dificuldade. Eu tinha de fazer alguma coisa em relação a isso, pois estava ficando bem exausto pela falta de sono.

Eu mal tinha me instalado e começado a tocar quando vi uma senhora de suéter e calça azuis pespontados caminhando decididamente em minha direção. Dava para ver que não era uma turista. Ao se aproximar, vi que o suéter dela trazia dragonas e insígnias e tinha um logotipo familiar. Ela era da Sociedade Protetora dos Animais

Em circunstâncias normais, eu era um grande fã e defensor da instituição. Eles em geral fazem um ótimo trabalho na prevenção da crueldade e na promoção do bem-estar animal e já me ajudaram muito no passado. Quando encontrei Bob ferido no corredor do meu edifício, eu o levei até uma clínica móvel nas proximidades. Mais do que medicá-lo, o veterinário transmitiu vários bons e sensatos conselhos sobre como tratar e cuidar dele.

Isso agora parecia uma lembrança bem distante, e tive a nítida impressão de que a presença daquela mulher não era uma boa coisa.

— Olá, James, como vai? — ela me cumprimentou, exibindo um cartão de identificação de fiscal.

Fiquei um pouco desconcertado por ela saber o meu nome.

— Vou bem, obrigado. O que houve?

— Pediram-me que viesse vê-lo porque tivemos reclamações de que você está maltratando o seu gato. É Bob o nome dele, não é?

— O quê? Maltratando o Bob? Como assim?

Fiquei chocado. Minha cabeça girava. Quem tinha reclamado? E o que disseram que eu estava fazendo com Bob? Senti-me nauseado por um momento, mas sabia que tinha de ficar firme e forte caso não fosse brincadeira.

— Tenho certeza de que são acusações infundadas. Na verdade fiquei observando você por um tempo antes de vir, e dá para ver que

você trata bem o Bob — disse, coçando o queixo. — Mas preciso ter uma conversa com você e depois examiná-lo para garantir que não há nada errado.

— Fique à vontade — falei, sabendo que na verdade não havia escolha.

Ela largou a mochila no chão, tirou um bloco de notas e alguns instrumentos e ajoelhou-se para começar a examinar Bob.

Ele nem sempre gostava de pessoas o apalpando e cutucando. Tinha reagido contra alguns veterinários ao longo dos anos, e uma vez rosnou e arranhou uma enfermeira que o segurara um pouco rudemente. Por isso fiquei um pouco preocupado que ele reagisse contra essa mais recente estranha, especialmente se ele captasse o meu nervosismo. “Era tudo de que eu precisava”, pensei comigo mesmo.

Não era a primeira vez que pessoas haviam me acusado de maltratá-lo, naturalmente. Eu ouvira todos os tipos de acusação contra mim. As queixas geralmente podiam ser divididas em três categorias.

A primeira era que eu estava explorando e “usando” Bob em benefício próprio. Minha resposta a esse argumento era sempre a mesma. Como alguém disse uma vez, um gato será seu amigo, mas nunca seu escravo. Um gato nunca, jamais vai fazer algo que não queira. E ele nunca vai ficar com alguém com quem não queira ficar, não importa o que essa pessoa faça. Bob tinha uma personalidade muito forte, com vontade própria. Ele não ficaria andando para cima e para baixo se não confiasse e gostasse de mim. E a escolha era dele .

Havia dias ainda em que ele não estava a fim de tomar as ruas. Eram raros, para ser honesto. Ele genuinamente gostava de sair de casa, conhecer pessoas e ser paparicado. Mas, quando se escondia ou se recusava a me seguir porta afora, eu sempre respeitava sua decisão. Sempre tinha aqueles que não acreditavam nisso, claro, no entanto era a verdade.

A segunda acusação frequente era que eu o maltratava por mantê-lo preso a um cadarço. Se eu tivesse ganhado uma libra toda vez que alguém disse “ah, você não devia mantê-lo preso assim, ele é um gato, não um cachorro”, eu teria sido um homem riquíssimo. Havia explicado tantas vezes o porquê daquilo que ficava entediado de me ouvir dizer as mesmas palavras. Nas duas ocasiões em que ele fugira, em Piccadilly Circus e em Islington, Bob ficara realmente aliviado quando o encontrei, e não desgrudava mais de mim. Eu jurara nunca deixar isso acontecer novamente. Todavia, mais uma vez, eu podia ficar contando a história até não poder mais que parecia não adiantar. Para algumas pessoas, era caso encerrado: eu era uma espécie de monstro que abusava dos animais.

A terceira e mais perturbadora acusação era a de que eu drogava Bob. Eu só tinha ouvido isso duas vezes, felizmente, mas me feriu a alma em ambas as vezes. Tendo em conta o que passei nos últimos dez anos, toda a minha batalha para me livrar do vício em heroína, achava esse o insulto mais ofensivo de todos. Achava-o muito, muito ofensivo.

Enquanto observava a fiscal examinar Bob, tive certeza de que alguém tinha levantado uma, duas ou mesmo todas as três acusações. Contudo eu sabia que ela não ia me dizer, não até ter concluído o exame e escrito algum tipo de relatório, pelo menos.

Ela sacou um dispositivo de leitura de microchip para conferir se ele tinha um implantado, o que ele tinha, claro. O dispositivo mostrou meu nome e endereço como dono legal de Bob.

— É um bom começo — disse ela, sorrindo. — Você ficaria surpreso com a quantidade de donos de gatos que não colocam chip em seus bichos, mesmo hoje em dia.

Ela então verificou o pelo dele em busca de pulgas, deu uma olhada nos dentes e checkou sua respiração, presumi que para ver se havia algo de errado com o fígado ou talvez com os rins. Ela também examinou seus olhos para ver se estavam emaciados. Isso

me fez pensar se alguém havia me acusado de drogá-lo. Meu sangue ferveu só de pensar nisso.

Não me dei ao trabalho de me apresentar enquanto tudo acontecia. Em vez disso, garanti à pequena aglomeração de pessoas que estava parada ali de que estava tudo bem. Pelo menos eu esperava que estivesse.

Enquanto andava nervosamente de um lado para o outro, eu tentava afastar todos esses pensamentos da cabeça. Eu tinha de ser confiante, disse a mim mesmo. Não tinha feito nada de errado.

Alguns minutos depois, ela terminou a inspeção e começou a me fazer perguntas.

— Algum problema de saúde que você saiba, James? — perguntou, com a caneta pronta sobre o bloco de anotações.

— Não — respondi. Informei que o levava regularmente até a clínica móvel semanal da Blue Cross, em Islington. Sempre me elogiaram pela forma como eu cuidava dele e sempre lhe davam um atestado de saúde. — Eles não descobriram nada, então acho que ele está bem saudável — acrescentei.

— É bom saber, James. Diga-me, como é que vocês dois acabaram ficando juntos?

Contei-lhe a história e ela fez que sim com a cabeça e sorriu o tempo todo.

— Parece que vocês estavam destinados a ficar juntos — comentou rindo.

Ela parecia muito feliz com tudo, até ergueu os olhos e me deu um sorriso.

— Ele é um bom companheiro, não é? Você tem um número de telefone para eu anotar? — perguntou.

Meu velho Nokia surrado ainda estava funcionando — mal —, então lhe passei o número.

— Bem, estou feliz por ora, mas talvez precise seguir com outra visita. Você está aqui todo dia?

— Sim, quase todo dia — respondi, já me sentindo desconfortável.

— Está bem, vou ligar ou passar em breve para ver vocês.

Ela então fez um último carinho em Bob e retirou-se multidão adentro.

Por um lado, fiquei satisfeito por ter ido embora sem maiores dramas. Todos os tipos de enredo vinham passando pela minha cabeça. E se ela tivesse encontrado algo de errado com a saúde de Bob, algo desconhecido para mim? E se ela quisesse levá-lo embora? Esse era o pior resultado possível, na minha opinião. Eu teria ficado doente de preocupação.

Mas meu alívio misturava-se com outras preocupações.

Eu sabia que a Sociedade Protetora dos Animais tinha poderes significativos quando se tratava de abordar os donos, eram capazes de confiscar um animal doméstico até iniciar o processo judicial contra maus tratos. Por que ela faria uma visita de acompanhamento? O que contaria aos seus superiores? Que tipo de relatório escreveria? E se eu fosse processado e, Deus me livre, se Bob fosse tirado de mim? Eu não podia evitar que todas essas coisas passassem pela minha cabeça, mas um pouco de controle eu tinha sobre a situação.

Dei-me uma boa dura. Nada daquilo iria acontecer. Não havia razão alguma. Eu tinha de colocar esses pensamentos de lado.

Enquanto me dirigia para casa naquela noite, porém, eu ainda tinha um nó de ansiedade no estômago. E havia um pressentimento horrível de que essa preocupação iria pairar sobre mim por um bom tempo.



Foi mais ou menos uma semana depois que a fiscal da Sociedade Protetora dos Animais reapareceu. Ela estava muito mais amigável e relaxada. Bob também reagiu bem quando mais uma vez ela se ajoelhou para examiná-lo.

Senti-me um pouco mais confiante desta vez, de modo que iniciei uma conversa com ela.

Novamente, ela fez algumas anotações e me dirigiu meia dúzia de perguntas sobre o que estávamos fazendo naquela semana e o que tínhamos planejado para os próximos dias.

Sentou-se para nos observar interagindo juntos e com os passantes. Esses fiscais são claramente treinados para interpretar comportamentos animais, e ela viu que ele estava completamente satisfeito de estar ali fazendo suas pequenas proezas para a plateia.

Então se retirou novamente e disse que entraria em contato muito em breve. Ao sair, fez mais um carinho amigável em Bob, apertou minha mão e sorriu.

Continuei por mais ou menos uma hora, mas sem entusiasmo. Eu estava prestes a arrumar as tralhas quando vi a síndica de um dos prédios próximos na Neal Street. Havíamos nos confrontado antes por causa das minhas apresentações de rua, às quais ela se opunha por algum motivo. Ela estava com cara de poucos amigos e era óbvio que estivera observando da janela a fiscal apertando minha mão e se retirando.

— As pessoas estão tentando dormir lá em cima — ela disse.

— É meio-dia — retruquei, sinceramente perplexo.

— Não interessa — ela continuou, como se eu fosse uma criança de 3 anos de idade. — Você não devia estar tocando aqui. Não é capaz de ler a placa? — E apontou para uma plaqueta do outro lado da rua, na parte lateral do edifício.

— Mas eu não estou tocando lá, estou tocando do outro lado da rua — declarei. — E eu estou no direito de tocar se eu quiser. Os agentes comunitários e até a polícia me disseram isso.

Novamente, ela não estava interessada em debater sobre a questão. Ela só queria falar alto e enfurecer-se comigo.

— Estou farta de você e desse gato maldito. Vou chamar a polícia e tirá-los daqui — e bateu em retirada. Ela parecia ainda mais furiosa do que quando chegara.

O argumento dela era realmente ridículo. Como eu poderia perturbar as pessoas de seu sono ao meio-dia? Eu não tinha um amplificador, portanto não estava fazendo um som assim tão alto. Além do mais, era uma rua movimentada, com muito tráfego em todas as horas do dia e da noite. Se alguma coisa ia acordar seus moradores, era o constante ruído de vans e caminhões de entrega e sirenes de polícia. Era uma loucura!

Apesar de tudo isso, porém, eu sabia que ela tinha a lei do lado dela em certa medida. Havia restrições a apresentações de rua no local, e eu tinha de ter muito cuidado. Por isso fiquei à espreita da polícia pelo resto da tarde.

Como era de se esperar, cerca de uma hora depois do confronto com a síndica, vi uma viatura encostando na rua, a uns 90 metros do nosso ponto.

— Sujou, Bob — comentei, tirando a alça do violão e arrumando as coisas.

Quando os dois policiais chegaram, eu estava pronto para ir embora.

— Você tem que sair — disseram.

— Sim, eu sei. Estou indo — falei.

O incidente tinha realmente me irritado. Fiquei convencido de que aquela senhora era quem tinha me denunciado para a Sociedade Protetora dos Animais. Visto que a tática parecia ter falhado, ela mudara o curso. Ela iria às últimas consequências para nos expulsar, pelo jeito.

De volta ao apartamento naquela noite, a fiscal me ligou no celular e disse que eu não tinha absolutamente nada com que me preocupar.

— Ele é uma criatura especial, e você está fazendo um excelente trabalho. Meu conselho a você é ignorar aqueles que disserem qualquer coisa diferente disso. — Foi o conselho mais sábio que eu recebera há muito tempo. E, extraordinariamente, eu o aceitei.



Capítulo 16

Doutor Bob

Eu estava achando cada vez mais difícil me rebocar da cama de manhã. Durante as últimas semanas, de fato adquirira pavor da visão do sol de fim de inverno, com a luz escapando através da janela do quarto.

Não era que eu não quisesse levantar. Eu não estava dormindo bem e era frequentemente acordado pelo primeiro raio de luz, de qualquer forma. Minhas razões para querer me esconder, imóvel, debaixo do edredom, eram bem diferentes. Eu sabia que, no momento em que me levantasse, começaria a tossir novamente.

Eu sofria de problemas no peito há algum tempo, mas, de repente, começou a ficar bem grave. Pensei que fosse porque eu estava sempre nas ruas, trabalhando ao ar livre. Porém, mal tinha me levantado pela manhã, meus pulmões e o peito estavam repletos de muco e eu tossia com muita violência quase constantemente. Às vezes era tão severo que eu me dobrava de dor e começava a ter ânsia até vomitar. Não era nada agradável para mim — ou para qualquer outra pessoa, para ser honesto. Os sons que eu fazia eram horrendos. Envergonhava-me ficar em lugares públicos.

Eu estava ficando muito preocupado com isso, pois fumava desde os 13 anos, ainda na Austrália, e tinha inalado muita fumaça ao longo dos anos. Além disso, uma ex-namorada de muito tempo morrera de tuberculose depois de fumar um monte de drogas há alguns anos. A lembrança de vê-la tossindo incontrolavelmente em seus meses finais permanecera comigo. Ouvi em algum lugar que a tuberculose era realmente contagiosa. Será que eu a tinha contraído

dela? Meus pulmões estavam sofrendo um colapso? Por mais que eu tentasse, não conseguia evitar todos os tipos de pensamentos absurdos girando e zunindo em minha cabeça.

Eu tentara me livrar da tosse com medicamentos baratos do supermercado, mas não tinha dado em nada. Até consultei um médico, e nesse estágio poderia muito bem ter sido um resfriado sazonal e ele me dispensou, com a sugestão de que eu tomasse paracetamol, descansasse e maneirasse no cigarro. Não adiantou muita coisa.

Bob tinha novamente sentido que eu estava doente e começou a me dar atenção. Enrolava-se em mim como se estivesse tirando algum tipo de medida. Eu tinha aprendido com as lições do passado e não o rejeitei desta vez.

— Lá vem o Doutor Bob — brinquei um dia.

Não havia nenhuma dúvida na minha cabeça de que ele realizava algum tipo de diagnóstico. Quando eu estava deitado no sofá ou na cama, ele costumava se esticar sobre o meu peito, ronronando suavemente.

Eu tinha lido que gatos têm o poder de curar os ossos com seu ronronar. Aparentemente, tem algo na frequência com que vibram que de alguma forma fortalece os ossos. Ficava curioso por saber se ele estava tentando de alguma maneira curar o meu peito congestionado. De modo mais preocupante, perguntava-me se ele poderia saber de algo que eu não soubesse.

De certa forma, era a coisa mais assustadora de todas. Eu sabia que os gatos são intuitivos quando se trata de farejar doenças em seres humanos. Há evidências de que eles podem prever ataques epiléticos, convulsões e outras doenças. Um gato sobre o qual li, de Yorkshire, lançava “olhares estranhos” a seu dono pouco antes de ele ter uma convulsão. Notoriamente, havia um gato chamado Oscar, que vivia num lar de idosos nos Estados Unidos, que se sentava com os moradores que estavam em suas horas finais. Ninguém sabia ao certo se ele estava captando algo visual ou se

era capaz de entrar em sintonia com os cheiros produzidos pelas mudanças bioquímicas no corpo de uma pessoa prestes a falecer. Sobre o que não restava dúvida, no entanto, era a capacidade de Oscar para antever a morte, tanto que as pessoas temiam vê-lo se insinuando nelas. Era como se o gato fosse uma espécie de Anjo da Morte. Eu esperava que Bob não fosse igual.



Depois de um tempo fiz outra consulta, dessa vez com um médico jovem muito bem recomendado por um amigo. Ele pareceu-me um pouco mais solidário. Contei-lhe sobre a tosse e o vômito.

— É melhor eu auscultar seus pulmões — disse ele, depois de me examinar com um estetoscópio. Então também fez a medição do sopro, testando a força da minha respiração e do meu peito. Eu tive asma na infância, por isso sabia que meu peito não era o mais forte.

Ele não disse muita coisa, apenas ficou fazendo anotações, um tanto demais para o meu gosto.

— Bem, Sr. Bowen, gostaria que fizesse uma radiografia do tórax — disse finalmente.

— Ah, está bem — falei, já preocupado.

Ele então imprimiu um formulário e me entregou.

— Leve isso até o Homerton Hospital e eles saberão o que fazer.

Eu sabia que ele estava sendo cuidadoso com a linguagem, mas havia algo em seu rosto que me assustou um pouco. Eu não gostei nada.

Levei o formulário para casa e coloquei-o em cima do aparador, na antessala. Então, calmamente, me esqueci de tudo. Uma pequena parte de mim não conseguia encarar a perturbação. Não fazia muito tempo que eu tinha sido hospitalizado com trombose venosa profunda. E se eu tivesse de ser internado novamente? E se fosse algo ainda pior? Eu realmente não gostava de hospitais.

Além de tudo, eu estivera no Homerton Hospital antes e sabia que era um pesadelo. Eu imaginava um daqueles longos dias esperando numa fila e só adquirindo frustração. Eu disse a mim mesmo que não poderia me dar ao luxo de perder um dia lá sem ganhar dinheiro.

Naturalmente, eram todas desculpas esfarrapadas. A verdade era que eu estava apavorado que a radiografia apontasse alguma coisa. Era pura teimosia de avestruz, podia dizer. Eu achava que, se enfiasse a cabeça na areia e esquecesse tudo, a tosse, o vômito e todas as outras coisas desagradáveis simplesmente desapareceriam de verdade. Claro que isso não aconteceu. Só piorou.

Cheguei ao limite um dia em que fui visitar os editores. Eu havia finalmente começado a acreditar que o livro estava enfim acontecendo. Eles tinham feito um modelo de capa que mostrava Bob sentado numa posição zen em cima da minha mochila. Na contracapa havia uma foto minha e dentro uma breve nota sobre “o autor”. Eu ainda tinha de me beliscar para acreditar. Infelizmente, tive um ataque de tosse no meio da reunião. Comecei a ficar com ânsia e senti como se estivesse prestes a vomitar. Então dei uma desculpa sobre precisar usar o banheiro e saí. Tenho certeza de que suspeitaram que eu estava tramando alguma, e eu não os culparia por isso, afinal, eu era um viciado em recuperação.

Eu sabia que devia ter pegado muito mal, não poderia repetir isso em março. A publicação do meu livro estava se aproximando e me disseram que eu talvez fizesse algumas entrevistas para a mídia, até mesmo uma aparição na TV. Falou-se também numa sessão de autógrafos aberta ao público. Tudo isso parecia muito improvável, mas, para estar bem preparado, decidi que tinha de ir fundo nisso e correr atrás da radiografia. Porém, eu havia perdido o formulário, por isso voltei ao consultório para ver o mesmo médico.

— Parece que você não fez a radiografia — disse ele, percorrendo os registros em seu computador.

— Não, hum..., eu não fui fazer. Não tive tempo. Perderia um dia todo se fosse lá — falei, um pouco envergonhado. — Estou escrevendo um livro.

— Tudo bem — ele assentiu, olhando para mim sem acreditar na história. Estava digitando informações no computador e depois imprimiu outro formulário.

— Este é para uma consulta de emergência. É um serviço de atendimento imediato. Você não terá que esperar muito tempo.

— Está bem — disse eu, um pouco relutante.

Eu sabia que, desta vez, não tinha como me livrar.

Segui até o Homerton e fui conduzido a uma sala grande por duas enfermeiras, uma das quais me pediu para tirar a camisa e ficar numa engenhoca. Ela então colocou uma placona de metal sobre o meu peito antes de se retirar para trás de uma tela.

Mais uma vez, poderia ter sido paranoia da minha parte, mas fiquei desconcertado por ela fazer muitas anotações.

— Está tudo bem? — perguntei, buscando uma pista.

— Tudo sim, mas enviaremos um relatório completo ao seu médico. Deverá chegar lá em alguns dias.

Seu tom tranquilizador era reconfortante, no entanto continuei uma pilha de nervos pelas próximas 72 horas.

Fui ver o médico com uma verdadeira sensação de mau agouro.

Eu tenho tendência a pensar no pior, por isso, estava preparado para ouvir algo terrível. Fiquei um pouco surpreso quando o médico olhou para as anotações anexadas à sua cópia das imagens de raios-X e disse:

— Seus pulmões estão cem por cento limpos, Sr. Bowen.

— Jura? — falei.

— Sim. Não há um único ponto escuro, o que francamente é extraordinário, tendo em conta que você disse fumar desde os 13

anos. Aliás, eu iria mais longe e até diria que você parece ter pulmões supersaudáveis — acrescentou.

— Então, por que estou quase botando os bofes pra fora de tanto tossir? — perguntei, confuso.

— Suspeito que você tenha contraído algum tipo de infecção. Nada apareceu nos exames que fizemos. Mas acho que seus pulmões estão simplesmente tentando expelir todo o lixo que está se acumulando lá. Então vamos tentar tratar a infecção — e receitou-me alguns antibióticos pesados.

— Só isso? Antibióticos? — falei aliviado, e um pouco chocado por descobrir que era tão simples assim.

— Bem, vamos ver se funcionam, senão teremos que investigar um pouco mais as coisas.

Eu estava cético. “Não podia ser assim tão simples”, disse a mim mesmo. Mas era. Dentro de poucos dias senti que meu peito estava bem melhor e a tosse estava diminuindo.

Minha agente literária, Mary, tinha ficado preocupada com minha saúde. Ela estava apreensiva se a publicidade e os autógrafos que logo viriam poderiam ser demais para mim. E tinha as melhores intenções no coração, eu sabia disso.

— Você parece muito melhor — ela comentou quando nos encontramos para um bate-papo sobre a publicação do livro, que era só dali a poucas semanas.

Mas quando recebi outra opinião é que realmente soube estar recuperado.

Eu estava deitado na cama lendo uma revista em quadrinhos. De nada, Bob apareceu e pulou. Ele veio deslizando até mim do mesmo jeito que fizera nas semanas anteriores, colocando-se sobre o meu peito e ronronando, sossegadamente. Depois de um breve momento, encostou o ouvido no meu peito, atuando de estetoscópio felino. E permaneceu lá, ouvindo atentamente. E então, de repente

se foi, pulando da cama em direção ao seu aquecedor favorito. Não pude deixar de sorrir e agradecer.

— Obrigado, Doutor Bob.



Capítulo 17

Instintos básicos

Dizem que março entra como um leão e sai como um cordeiro.^[10] O mês mal havia começado, mas o tempo já estava fazendo jus à sua reputação. Havia dias em que o vento soprava pelas vielas do Soho e do West End fazendo um barulho rude e áspero, quase como o rugido de um leão. Em alguns dias eu lutava para sentir a ponta dos meus dedos congelados enquanto tocava o violão. Felizmente, a pelagem de Bob o protegia um pouco mais.

Mesmo agora, com a primavera iminente, ele ainda usava seu luxuoso casaco de inverno natural. Sua barriga ainda trazia, também, um pouco do peso extra que ele adquirira durante o Natal. O frio não parecia incomodá-lo de modo algum.

Bob e eu sentíamos saudade da estação Angel, mas, sendo honesto, estávamos curtindo mais a vida em Covent Garden. Tornamo-nos uma dupla de atores e parecíamos, de algum modo, mais à vontade entre malabaristas e cuspidores de fogo, estátuas humanas e outros artistas de rua que perambulavam pelo Piazza e pelas ruas circundantes. Era um lugar competitivo, é claro, por isso, quando voltamos a nos estabelecer à vida diária no centro de Londres, aperfeiçoamos nossa performance.

Às vezes eu tocava meu violão enquanto ficava sentado de pernas cruzadas na calçada com ele. Bob sempre adorava isso e se dispunha sobre o corpo do meu violão, exatamente como fizera durante os nossos primeiros dias juntos, anos antes. Dávamos as mãos e ele ficava de pé sobre as patas traseiras para pegar petiscos. Também tínhamos um novo número para o espetáculo.

Nascera um dia lá no apartamento, enquanto ele brincava com Belle. Como de costume, ele tacava para todo lado seu velho e batido rato estrangulado. Belle queria tirá-lo dele para poder lavá-lo.

— Só Deus sabe que germes isso está juntando, Bob — ouvi-a dizendo a ele. — Seu rato precisa de uma boa esfregada.

Ele foi relutante em entregar seu precioso brinquedo. Sempre era. Ela então lhe ofereceu um petisco. Escolher entre os dois foi um verdadeiro dilema, e ele hesitou por um segundo antes de escolher a gulodice. Soltou o rato dos dentes o tempo suficiente para receber o aperitivo — e Belle espanar o brinquedo diante do nariz dele.

— Muito bem, Bob — parabenizou-o. — Bate aqui! — E colocou a mão no ar, como um jogador de futebol americano ou um jogador de basquete convidando seus companheiros de time a comemorar uma pontuação.

Fiquei sentado lá e vi Bob erguer a pata para agradecê-la. — Isso foi legal — falei rindo. — Aposto que não consegue fazê-lo repetir isso.

— Pode apostar que consigo — sentenciou Belle, antes de tirar dele o mesmíssimo gesto.

Desde então, Bob viria a associá-lo com o recebimento de um petisco. Na Neal Street, ele atraía todos os tipos de admiradores, até alguns bastante famosos.



Era por volta das quatro da tarde de um sábado, e algumas garotinhas tinham parado para admirar Bob. Elas tinham cerca de 9 ou 10 anos de idade e estavam acompanhadas por um grupinho de adultos, incluindo dois caras grandes e corpulentos de óculos escuros que pareciam estátuas de leões de chácara. A julgar pela forma ansiosa como observavam a cena enquanto as meninas acariciavam Bob, deviam ser seguranças.

— Papai, olha isso — disse, animada, uma das meninas.

— Ah, sim. É um gato maneiro.

Congelei no lugar. Reconheci imediatamente a voz.

— Não pode ser — falei. Mas era.

Virei-me e, de pé atrás de mim, estava a figura inconfundível de Sir Paul McCartney.

Eu não teria esperado que uma das maiores figuras da música popular de todos os tempos se envolvesse com um humilde artista de rua. Ele estava, afinal de contas, num nível um pouco diferente do meu quando se tratava de arranhar umas notas. Mas ele parecia fascinante.

Eu estava com a primeira edição do meu livro ao meu lado, no chão, e isso chamou a atenção dele. Eu também estava com uns folhetos anunciando a primeira sessão de autógrafos que os editores haviam organizado. Era só dali a três dias.

O evento ia marcar o início — e provavelmente o fim — da minha carreira como autor publicado. Já me sentia apreensivo com isso e vinha entregando de modo frenético os folhetos a qualquer um que demonstrasse interesse, na esperança de, pelo menos, evitar o constrangimento de sentar numa livraria vazia na semana seguinte. Eu tinha certeza de que, se vasculhasse as lixeiras de Covent Garden, encontraria lá a maior parte daqueles folhetos.

Dentro da minha cabeça, uma voz dizia “vai, vá em frente, dê um a ele”.

— Hum... escrevi um livro sobre mim e Bob. — E apontei para o companheiro alaranjado aos meus pés. — Haverá uma sessão de autógrafos na próxima semana, se quiser aparecer... — falei, entregando-lhe o folheto.

Para minha surpresa, ele o pegou.

— Vou dar uma olhada — disse.

A essa altura, uma multidão considerável tinha começado a se formar em torno de nós, e os seguranças dele foram ficando um

pouco inquietos. As pessoas disparavam flashes e, pelo menos uma vez, não era Bob de quem tiravam fotos.

— É melhor ir andando, crianças — disse a senhora que o acompanhava. Acabei sacando quem era ela, a nova esposa de Sir Paul, Nancy Shevell, com quem ele se casara no último outono. Ela parecia uma pessoa muito bacana.

— Cuide-se, rapaz, e força em frente — disse Sir Paul enquanto enganchava o braço no dela e saía às pressas com sua comitiva.

Fiquei um pouco zonzinho depois. Fascinado pela fama teria sido, acho eu, uma descrição mais precisa. Permaneci na Neal Street por mais uma hora aproximadamente, e segui para casa me sentindo nas nuvens.

Não havia a mínima chance de Sir Paul McCartney comparecer à sessão de autógrafos. Por que ele iria? “Ninguém daria as caras”, eu disse a mim mesmo. Porém, tudo isso realmente não importava no momento. Se eu vendesse cinco exemplares, o livro já tinha me permitido alcançar o impossível: eu tinha conversado com um integrante dos Beatles!



Bob atraía tanta atenção que pequenas multidões frequentemente se juntavam em torno de nós. No final da tarde de segunda-feira, depois de ter conhecido o casal McCartney, mais ou menos uma dúzia de estudantes falando espanhol se agruparam na calçada, todos tirando fotos com suas câmeras e celulares. Era sempre bom conhecer pessoas, pois fazia parte da atração. Mas podia ser uma distração, e, dada a natureza da vida nas ruas, distrair-se nunca era uma ótima ideia.

Quando o grupo se dissolveu e caminhou na direção de Covent Garden, sentei-me na calçada para dar alguns petiscos a Bob.

Com a luz já começando a esmorecer, o frio estava chegando novamente. O dia seguinte seria o da sessão de autógrafos em

Islington. Eu queria dormir razoavelmente cedo, embora soubesse que não pregaria os olhos.

E também não queria deixar Bob ali fora por muito tempo.

Quando o acariciei, notei imediatamente que sua linguagem corporal estava muito defensiva. Suas costas estavam arqueadas e seu corpo, rígido. Ele também não estava muito interessado na comida, o que sempre era sinal de algo errado. Em vez disso, seus olhos estavam fixos em algo a uma distância próxima. Algo — ou alguém — visivelmente o incomodava.

Olhei para o outro lado da rua e vi uma figura de aparência grosseira sentada lá, encarando-nos. Viver a vida nas ruas faz desenvolver um radar instantâneo com as pessoas. Dava para identificar uma maçã podre de cara. E aquele cara parecia completamente podre. Era um pouco mais velho que eu, com seus 30 e tantos anos, provavelmente. Usava calça jeans surrada, jaqueta de brim e estava sentado na calçada, com as pernas cruzadas, enrolando um cigarro e bebendo uma lata de cerveja barata. Era óbvio seu olhar fixo — e suas intenções. Ele estava maquinando como surrupiar meu dinheiro.

Nos últimos poucos minutos, a maioria dos estudantes espanhóis e vários outros largaram moedas dentro do estojo do meu violão. Um negro bem gente boa tinha me dado cinco libras. Nós tínhamos acumulado provavelmente 20 libras num intervalo de meia hora. Eu sabia que não era prudente deixar muito dinheiro à vista e havia recolhido a maior parte, enfiando-a discretamente na mochila. O cara obviamente registrara isso.

Eu não ia confrontá-lo, porém. Se mantivesse distância, não havia necessidade. Eu mesmo já estivera na situação dele, sabia quão desesperadas as pessoas podiam ficar. E sentia que ele era encrenca, mas, a menos que provasse isso, eu lhe daria o benefício da dúvida: “Deixe que atire a primeira pedra ou coisa que o valha”, pensei.

Só para garantir, porém, olhei para ele do outro lado da rua e acenei com a cabeça, como a dizer: “Eu avistei você, e eu sei no que está pensando. Então, nem sequer pense nisso”.

Moradores de rua falam a mesma língua. Podemos transmitir uma centena de palavras com um simples olhar ou expressão, por isso, ele me compreendeu imediatamente; apenas resmungou, levantou-se e saiu sorrateiro. Ele percebeu que eu descobri e não gostou. E logo estava indo na direção da Shaftesbury Avenue, provavelmente para se aproveitar de outra pessoa.

No instante em que o sujeito desapareceu virando a esquina, a linguagem corporal de Bob tornou-se mais leve e ele ficou interessado nos aperitivos.

— Não se preocupe, amigão — deslizei um biscoitinho em sua boca —, ele pegou o caminho da roça. Não vamos voltar a vê-lo.

A rua estava particularmente movimentada naquele dia e nós logo acumulamos mais do que o suficiente para fazer as compras de alguns dias em nosso mercado local. Quando comecei a arrumar as coisas, Bob não precisou de um segundo convite para saltar em cima dos meus ombros. Estava esfriando mais a cada minuto.

Eu sabia que ele precisaria fazer suas necessidades antes de pegarmos o ônibus para casa, por isso, nos dirigimos ao seu lugar habitual, diante do elegante edifício empresarial da Endell Street.

Para chegar a esse local, tínhamos de andar por uma das ruas mais estreitas e menos bem iluminadas da área. Enquanto caminhávamos, o mundo repentinamente silenciava. Londres podia ser assim às vezes, em um minuto superlotada, no minuto seguinte, deserta. Fazia parte das muitas contradições da cidade.

Eu estava na metade da rua quando senti Bob se mover no meu ombro. A princípio, achei que estivesse morrendo de vontade de ir ao banheiro.

— Aguenta mais um segundo, amigão. Estamos quase lá.

Mas logo percebi que ele estava se reposicionando, que tinha se virado para olhar para trás.

— O que foi, Bob? — perguntei, virando-me.

Olhei rua abaixo. Havia um cara fechando seu café e só, não achei nada demais. Para mim, a barra estava limpa. Mas Bob não parecia tão convencido. Algo definitivamente o incomodava.

Eu mal tinha dado uma dúzia de passos quando, de repente, ele fez o barulho mais alto que já o ouvira fazer. Era como um grito primitivo, um *wheeeeeow* penetrante seguido por um *hsssssssss* sibilado bem ruidoso. Ao mesmo tempo, senti um puxão na mochila e então um grito poderoso, desta vez de um ser humano.

Girei abruptamente para ver o cara que estivera nos encarando mais cedo na Neal Street. Ele estava curvado e segurando a mão, dava para ver o dorso dela e havia enormes arranhões. Muito sangue jorrava das feridas.

Era óbvio o que tinha acontecido. Ele fizera uma investida contra minha mochila e Bob saltou sobre as minhas costas e o atacou com suas garras. Cravou-as bem fundo nas mãos do sujeito, rasgando a pele. Ele ainda estava querendo briga, de pé no meu ombro, rosnando e sibilando.

Mas o cara não tinha terminado. Ele investiu contra mim com os punhos, mas consegui me esquivar. Era difícil fazer muita coisa com Bob equilibrado no meu ombro, porém acertei um chute bem dirigido na perna do sujeito. Eu estava usando minhas botas Dr. Martens, pesadonas, por isso o chute teve o efeito desejado e ele caiu de joelhos.

Mas ele logo se levantou. Por um momento, ficamos ali gritando um com o outro.

— Gato maldito, olha o que ele fez com a porra da minha mão! — disse na penumbra, acenando o braço sangrando para mim.

— Bem feito! Você ia me assaltar — falei.

— Eu vou matá-lo se vê-lo novamente — asseverou, apontando para Bob. Houve outro breve impasse enquanto o cara percorria a rua com os olhos. Ele achou um pequeno pedaço de madeira, com o qual acenou para mim algumas vezes. Bob estava guinchando e sibilando para ele com mais energia do que nunca. O cara deu um passo em nossa direção com o pedaço de madeira, depois pensou duas vezes e apenas o tacou de lado.

Depois de atacar com outra torrente de palavrões, virou-se e retirou-se cambaleante rumo à escuridão, ainda segurando a mão.

No ônibus de volta para casa, Bob sentou-se no meu colo. Ele estava ronronando de forma constante e tinha enfiado a cabeça debaixo do meu braço, como sempre fazia quando ele — ou eu — se sentia vulnerável. Supunha que nós dois estivéssemos nos sentindo desse jeito após aquele confronto.

Eis a alegria e a frustração de ter um gato. “Os gatos são um tipo misterioso de camarada — há mais coisas passando na mente deles do que podemos imaginar”, escreveu Sir Walter Scott. Bob era mais misterioso do que a maioria. Sob vários aspectos, era parte de sua magia o que fazia dele um companheiro extraordinário. Tínhamos passado por tanta coisa juntos... e mesmo assim ele ainda tinha a capacidade de me assustar e surpreender. E aconteceu de novo naquela noite.

Tivéramos nossa cota de confrontos ao longo dos anos, mas nunca havíamos sido atacados assim. E eu nunca o vira reagir e me defender desse jeito também. Eu não tinha prestado atenção na ameaça que aquele cara representava, mas Bob tinha.

Como ele sentiu que o sujeito não era confiável desde o minuto em que pôs os olhos nele? Eu poderia ter interpretado os sinais a partir de uma perspectiva humana, mas e Bob? E como ele tinha percebido a presença do sujeito quando estávamos indo embora da Neal Street? Eu não vira nenhum sinal dele em parte alguma. Será que Bob tinha percebido de relance ele se esconder num beco? Ou será que tinha sentido o cheiro dele?

Eu não sabia. Só tinha de aceitar que Bob possuía habilidades e instintos além da minha compreensão — e provavelmente sempre possuiria.

Essa era a parte frustrante. Ele era uma companhia estimulante às vezes, e também um enigma. Eu nunca realmente saberia o que se passava em seu cérebro felino. Sim, éramos melhores amigos. Tínhamos uma ligação quase telepática. Instintivamente, às vezes sabíamos o que o outro estava pensando. Mas esse entendimento não se estendia à capacidade de compartilhar pensamentos mais profundos. Não podíamos de fato dizer um ao outro o que sentíamos. Por mais bobo que parecesse, muitas vezes isso me entristecia. E eu estava assim agora.

Segurando-o perto de mim enquanto o ônibus cruzava sacolejante pelo tráfego de Londres, tive uma vontade quase incontrolável de saber por quais emoções ele tinha passado lá no beco. Será que ele tinha ficado com medo? Ou apenas se valido de seus instintos básicos? Será que havia apenas sentido a necessidade de se defender — e a mim —, por isso agiu? Ou foi uma coisa de momento? Será que ele já tinha esquecido o episódio? Ou será que estava tendo o mesmo tipo de pensamentos que eu? “Estou de saco cheio desta vida. Estou farto de ter que olhar por cima do ombro o tempo todo. Eu quero viver num mundo mais seguro, mais gentil, mais feliz”.

Suspeitava que eu soubesse a resposta. Claro que preferia não estar brigando com vermes nas ruas. Claro que preferia estar sentado em algum lugar quente em vez congelar numa calçada. Que criatura não preferiria?

Enquanto minha mente continuava em marcha lenta, enfiei a mão no bolso e retirei um folheto amassado. Era um dos últimos que eu tinha, havia distribuído o restante. Ele trazia uma foto minha com Bob sobre os ombros e lia-se:

Venha conhecer James Bowen e o gato Bob!
Participe da noite de autógrafos de seu novo livro,

Um gato de rua chamado Bob

**Livraria Waterstones, Islington Green, Londres
13 de março de 2012, terça-feira, às 18h**

Bob olhou e inclinou um pouquinho a cabeça: parecia, mais uma vez, reconhecer a imagem de nós dois.

Fitei o pedaço de papel por alguns minutos, perdido em meus pensamentos.

Eu vinha lutando com as mesmas velhas questões já por tanto tempo... Verdade seja dita, eu estava completamente farto delas. Mas essa noite as tais questões vieram à tona novamente. Quantas vezes mais teríamos de nos arriscar? Algum dia esse círculo vicioso, essa tirania das ruas, iria acabar?

Alisei impecavelmente o folheto e, dobrando-o, guardei-o no bolso.

— Espero que esta seja a resposta, Bob. Realmente espero.



Capítulo 18

À espera de Bob

Não eram nem nove horas da manhã, mas meu estômago já revolia como um misturador de cimento.

Eu tinha feito torradas, mas não consegui nem tocá-las, por medo de ficar enjoado. Se me sentia assim, pensei, como raios me sentiria dali a nove horas?

Os editores tinham organizado a sessão de autógrafos pensando que seria uma boa oportunidade para gerar um pouco de publicidade em Londres e talvez atrair algumas pessoas para comprar um exemplar ou dois ao mesmo tempo. Assim como distribuir folhetos em Covent Garden, eu tinha até mesmo voltado à estação Angel algumas vezes. Ainda tínhamos alguns amigos lá, felizmente.

A livraria Waterstones, em Islington, era o local óbvio. A loja fazia parte da minha história sob mais de um aspecto. A equipe de lá não só nos ajudou quando não tínhamos para onde ir aproximadamente um ano atrás, como ainda aparecia em uma das cenas mais dramáticas do livro. Num dia de semana à noite, eu entrei correndo pela porta da frente, desesperado e em pânico, porque Bob fugira correndo após ser assustado por um cão bravo na estação de metrô Angel.

Nos dias que antecederam o evento, eu havia começado a dar entrevistas para mais jornais e também para o rádio e a televisão. Para me ajudar a acostumar com isso, enviaram-me a um treinador de mídia especializado, no centro de Londres. Foi um pouco intimidante. Eu tive de sentar numa sala à prova de som e ser gravado e depois analisado por um especialista. No entanto eles

foram gentis comigo e me ensinaram alguns truques do comércio. Durante uma das primeiras gravações, por exemplo, eu havia cometido o clássico erro de brincar com uma caneta enquanto falava. Ao reproduzirem a gravação para mim, tudo o que dava para ouvir era o som que eu fazia batendo a caneta contra a mesa, como um baterista de rock maníaco. Era incrivelmente perturbador e irritante.

Eles me prepararam para o tipo de perguntas que eu poderia esperar. Fui prevenido, com toda a razão, de que a maioria das pessoas iria querer saber como eu tinha acabado nas ruas, como Bob tinha me ajudado a mudar de vida e o que o futuro reservava para nós dois. Prepararam-me também para responder a perguntas sobre as drogas e minha recuperação, o que eu ficaria feliz em responder. Sentia que não tinha nada a esconder.

As matérias que os jornais e os blogueiros escreveram foram indubitavelmente boas. Um jornalista do *London Evening Standard* havia dito algumas coisas adoráveis sobre Bob, como “ele tem arrebatado Londres como nenhum felino desde os dias de Dick Whittington”. Mas ele também me chateou um pouco ao escrever sobre os furos no meu jeans e meus “dentes e unhas escurecidos”. E também me descreveu como tendo a “postura suplicante de alguém acostumado a ser ignorado”. Me avisaram com antecedência que eu podia esperar por algo assim; isso fazia parte, e o mais importante era que eu sabia ser “inadequado”, como o mesmo jornalista me chamou. Não foi nada agradável.



A sessão de autógrafos tinha sido agendada dois dias antes da data de publicação oficial, 15 de março, dia em que por acaso também era o meu 33º aniversário.

Esperava que isso não trouxesse má sorte. Aniversários não tinham sido exatamente um motivo de comemoração em minha vida, certamente não desde a adolescência.

Eu tinha passado meu aniversário de 13 anos numa ala infantil do Hospital Princesa Margaret para Crianças, na Austrália ocidental. Fora um momento infeliz da minha vida e apenas havia acelerado minha espiral descendente. Não pouco tempo depois, comecei a cheirar cola e experimentar maconha. Era o início da minha longa descida à dependência das drogas.

Avançando 10 anos, até o meu aniversário de 23 anos, eu estava nas ruas de Londres. Pode ser que eu o tenha passado num albergue, mas podia facilmente ter dormido ao relento em um beco próximo a Charing Cross. Àquela altura, minha vida estava no fundo do poço e eu não tinha absolutamente nenhuma recordação disso. Os dias, semanas, meses e anos tinham se misturado. As chances são que, se eu estivesse ciente de que era meu aniversário, teria passado o dia tentando implorar, pedir emprestado — ou mais provável — roubado o dinheiro de que eu precisava para me entreter com uma trouxinha extra de heroína. Talvez eu tivesse me aventurado da mesma forma imprudente que centena de vezes antes e arriscado uma overdose dando um “tirinho extra”. Eu podia facilmente ter acabado como aquele cara que eu tinha visto no patamar do meu prédio.

Mais 10 anos na estrada e minha vida tinha tomado, finalmente, uma curva positiva. Aquele período já parecia outra vida e outro mundo. Quando olhava para trás, achava difícil acreditar que passei vivo aquela época. Mas, para o bem ou para o mal, isso seria sempre uma parte de mim, uma parte do livro, certamente. Eu tinha decidido não pegar leve com a minha história. Estava praticamente tudo lá no livro, sem tirar nem pôr, o que era mais um dos motivos por que eu me sentia uma pilha de nervos.



Horas antes da sessão de autógrafos, era esperado que eu fosse filmado por um fotógrafo e cinegrafista da agência internacional de notícias Reuters. Ele queria tirar uma série de fotos de Bob e eu tocando nossa vida normal e cotidiana, viajando de metrô e depois

nos apresentando na Neal Street. Fiquei bastante contente com a distração. Quando terminei com o fotógrafo, já anoitecia.

Um frio levemente úmido começava a descer quando voltamos a Islington e fizemos a conhecida caminhada desde a estação de metrô Angel. Não havia sinal do cara que havia “adquirido” o meu ponto diante da estação. Goose, o florista, me disse que o cara e seu cão andavam causando todos os tipos de problema e os coordenadores já tinham tirado o ponto dele. Agora não havia ninguém da *The Big Issue* vendendo revistas diante da Angel.

— Mas que desperdício! — falei. Eu fiz desse ponto uma boa fonte de renda pra alguém. Mas isso já não mais me dizia respeito. Eu tinha outras coisas com que me preocupar.

Bob e eu atravessamos o pequeno Islington Memorial Park em direção à livraria Waterstones. Fomos cedo, por isso deixei Bob fazer suas necessidades fisiológicas e sentei no banco para fumar tranquilamente. Parte de mim parecia um homem condenado, desfrutando de um momento final e fugaz de prazer antes de ir enfrentar o pelotão de fuzilamento. Mas outra parte de mim sentia expectativa. Sentia-me como se estivesse à beira de um recomeço em minha vida; que, por falta de uma frase melhor, um novo capítulo em minha vida estava começando.

Sentia-me mais enjoado do que nunca. Eu tinha tantos pensamentos conflitantes disputando espaço na minha cabeça... E se ninguém aparecesse? E se muitas pessoas aparecessem e achassem o livro uma porcaria? Como Bob reagiria se houvesse uma multidão? Como as pessoas me encarariam? Eu não era um autor típico, não era uma personalidade pública refinada, ainda era um cara que operava à margem da sociedade. Ou, pelo menos, é como me sentia. Eu sabia que as pessoas amariam Bob, mas estava apavorado de que me odiassem.

Inspirei o último vestígio do cigarro, fazendo-o durar o máximo possível. O nervosismo tinha se solidificado dentro de mim de tal

forma que parecia que alguém havia me dado um soco bem forte no estômago.

Felizmente, Bob tinha serenidade extra por nós dois. Ele passou alguns minutos fuçando num lugarzinho favorito, depois voltou despreocupadamente até mim e me lançou apenas um olhar, como se a dizer: “Está tudo bem, amigão, tudo nos conformes”.

Incrível como ele foi capaz de me acalmar.

Chegando à livraria cerca de meia hora antes do início esperado para a sessão de autógrafos, havia quatro ou cinco pessoas postadas em fila. “Ah, bom, alguém apareceu pelo menos”, eu disse a mim mesmo, aliviado. Todas elas sorriram para nós e nos deram um aceno acanhado. Eu não conseguia enfiar na cabeça a ideia de que as pessoas estavam abrindo mão de uma hora da noite delas para vir nos conhecer. Havia mais algumas pessoas lá dentro também, estavam em fila para pagar e todas seguravam exemplares do meu livro.

Alan, o gerente, convidou-me a subir à sala dos funcionários, onde eu poderia esperar pelo início da sessão de autógrafos.

— Você pode beber uma taça de vinho e Bob, um pires de leite. Você pode relaxar por um minuto antes de as coisas começarem — disse ele, sentindo meu nervosismo.

Não tinha certeza se me mantinha sóbrio ou tomava uma bebida para adquirir confiança. Decidi pelo primeiro. Eu tomaria uma taça de vinho depois.

Belle, Mary, Garry e muitos dos editores estavam lá para me desejar boa sorte. Havia também uma pilha de livros para eu autografar que seriam vendidos na loja. Alguém tinha proposto a brilhantíssima ideia de um carimbo no formato de pata para que Bob também pudesse “autografar” cada livro. Comecei a trabalhar, rabiscando nos primeiros exemplares. Belle acrescentava o floreio final com os carimbos de pata. Havia pelo menos duas dúzias de livros na pilha. Será que realmente venderia tudo aquilo?

Os funcionários da livraria pareciam otimistas. Em certo momento, um deles chegou radiante.

— Está virando todo o quarteirão — disse sorrindo.

— O quê? — perguntei estupidamente.

— A fila. Está dando a volta na esquina. Há provavelmente uma centena de pessoas lá e mais se juntando o tempo todo.

Fiquei sem palavras. Não achava que fosse possível me sentir ainda mais ansioso, mas de alguma forma me senti. Havia uma janela aberta ao meu lado. Por um momento, pensei em sair por ela, descendo pelas vigas para uma fuga rápida.

Quando o relógio marcava quase seis horas da tarde, Bob subiu no meu ombro e descemos de volta à loja principal. No patamar, ao pé do primeiro lance de escadas, ajoelhei-me e dei uma olhada sorrateira no térreo. Meu coração saltou na garganta. Estava lotado.

Uma mesa com livros empilhados tinha sido preparada para mim e Bob. A fila de pessoas à espera se estendia ao longo das estantes até a entrada e saía para a noite escura de março. Eles estavam certos: devia ter uma centena de pessoas e muito mais lá dentro. Do outro lado da livraria, uma fila separada de pessoas estava alinhada, comprando exemplares. Havia até um grupo de fotógrafos e um cinegrafista de televisão lá.

Era surreal, uma experiência extraordinária. Até esse momento, tínhamos ficado escondidos, mas, quando começamos a descer o lance final de escadas, as câmeras começaram a disparar flashes e os fotógrafos começaram a gritar.

— Bob, Bob, aqui, Bob!

Houve até uma onda de aplausos e alguns “vivas”.

Meus anos na rua com Bob haviam me ensinado a esperar o inesperado. Tínhamos aprendido a nos adaptar, a suportar as porradas da vida, às vezes literalmente. Dessa vez, porém, parecia que estávamos entrando num território totalmente desconhecido.

Uma coisa era clara, no entanto. Havíamos chegado longe demais para repassar essa chance. Se a aproveitássemos, o nosso tempo nas ruas talvez, só talvez, caminhasse para um fim. Pode ser que esse novo capítulo simplesmente se abrisse para nós.

— Vamos lá, Bob — sussurrei, acariciando-lhe atrás do pescoço antes de respirar fundo pela última vez. — Não tem como voltar atrás agora.



Epílogo

Sempre

Aquela noite de março de 2012 foi, provavelmente, a mais importante da minha vida. Depois, não tive mais dúvida: foi realmente um novo começo para mim e Bob. A sessão de autógrafos em Islington foi um sucesso, além das minhas expectativas. Paul McCartney não compareceu, mas cerca de 200 outras pessoas, sim. A multidão, clamando por nos conhecer, pegou todos de surpresa, até mesmo o pessoal da livraria, pois o estoque de cerca de 200 exemplares se foi em meia hora.

— Superou demais meu prognóstico de que venderíamos somente meia dúzia — brinquei com Alan, o gerente da loja, quando enfim consegui dividir uma taça de vinho com ele após três horas de autógrafos e entrevistas.

Ninguém imaginava que atrairíamos uma multidão tão grande. Os folhetos e a publicidade obviamente tiveram um papel decisivo para isso. Havíamos ativado uma conta no Twitter que atraía aproximadamente uma centena de seguidores, mas isso não explicava por si só os abraços carinhosos que recebemos.

Foi o primeiro sinal de que algo incrível estava prestes a acontecer.

Quando *Um Gato de rua chamado Bob* foi para as prateleiras, dois dias depois do lançamento oficial, pareceu tocar num ponto sensível das pessoas, pois se tornou o que o *The Times* descreveu como “um best-seller biográfico instantâneo”. Meu livro entrou na lista dos mais vendidos já na primeira semana após a publicação — e permaneceu por quase todo aquele ano como o número 1. Todos os domingos eu abria o jornal e olhava o ranking mais recente,

balançando lentamente a cabeça. Por que meu livro era tão popular? O que havia capturado a atenção do público? Depois de um tempo, desisti de tentar decifrar. Ainda mais milagrosamente, não demorou muito para o livro encontrar também o público estrangeiro, e estava previsto para ser traduzido para 24 idiomas. Na Itália, iria se chamar *A spasso con Bob* [Uma caminhada com Bob]; em Portugal, *Minha história com Bob*. Parecia ter um apelo universal. Independentemente da língua, as pessoas pareciam amar o enredo e, acima de tudo, é claro, todo mundo simplesmente adorava Bob.

Como resultado, Bob e eu nos tornamos, para todos os fins práticos, pequenas celebridades, aparecendo em programas de televisão e rádio para falar sobre o livro e sua popularidade. Eu não estava preparado para isso mesmo após treinar bastante para aparecer na mídia. Nossa primeira grande aparição, no programa *BBC's Breakfast*, foi típica. Cheguei aos estúdios, na região oeste de Londres, ao raiar do dia, e estava uma pilha de nervos, paranoico por Bob ficar assustado com as luzes ou o ambiente estranho. Mas ele, do contrário, simpatizara com isso tudo, sentando-se no sofá serenamente e assistindo a si mesmo nos monitores à sua frente. Ele naturalmente fora a estrela do show, até conseguiu fazer uma série de “toca aqui” para os apresentadores, que pareciam igualmente tão enfeitados por ele como todos os demais. Foi a mesma coisa quando fiz outras aparições televisivas.

Para onde quer que fôssemos, eram as mesmas perguntas. Em particular, as pessoas começavam a querer saber como o sucesso do livro estava mudando a nossa vida.

A mudança mais significativa e evidente era que não mais precisávamos nos colocar em perigo nas ruas. Demorou para que as recompensas financeiras do sucesso pouco a pouco chegassem, por isso, durante alguns meses, ainda continuamos a nos apresentar na Neal Street. Gradualmente, porém, fomos capazes de racionar nossas aparições. Era um enorme alívio acordar toda manhã sabendo que não teríamos de enfrentar o frio e a chuva e

que eu não teria de experimentar aquela sensação de incerteza e desespero que sentia todo dia ao sair a caminho da Angel ou de Covent Garden.

Uma partezinha da gente sempre permaneceria lá, é claro. Você pode tirar o artista da rua... mas Bob sempre adorou a atenção que recebia dos admiradores. Então, continuamos a fazer aparições ocasionais. A única diferença é que passamos a nos apresentar para ajudar outras pessoas em vez de nós mesmos.

No início de 2013, por exemplo, formamos uma parceria com a sociedade animal beneficente Blue Cross. Começamos a arrecadar dinheiro para eles, tanto on-line como por meio de aparições públicas, apresentando-nos ocasionalmente nas ruas. Só na primeira semana havíamos arrecadado quase cinco mil libras. Foi fantástico poder oferecer algo em troca.

Essa sociedade beneficente foi muito amável comigo durante meus primeiros tempos com Bob e continuou a nos ajudar abrindo as portas de seus consultórios em Islington Green.

Lembrei-me de que quase sempre sentia que Bob era minha recompensa por algum ato de bondade que eu concedera a alguém lá nos primórdios da minha vida. Sentia como se fosse um carma. Ao adotar a Blue Cross, eu passava a retribuir a generosidade deles do passado, realizando outro ato cármico. Pretendo fazer a mesma coisa para instituições de caridade aos sem-teto em algum momento do futuro.

Naturalmente, as pessoas também me perguntavam se o livro tinha me enriquecido. A resposta a isso era sim e não. Comparado com a situação em que eu me encontrava antes, sim, eu estava numa vida confortável. Mas não me tornei um milionário do dia para a noite. O importante era que, num futuro próximo, pelo menos, eu sabia que não me reduziria à condição de quem vasculha as prateleiras dos supermercados em busca de latas de feijão a 10 pennies, com prazo de validade quase estourado. Durante anos tive de depender da minha perspicácia e de algumas esmolas do

Estado. Agora, pela primeira vez em muitos anos, eu tinha uma conta bancária e até mesmo um contador para me ajudar a gerenciar os negócios, como os impostos. Eu não tinha ganhado dinheiro suficiente para ser qualificado a pagar imposto durante a década anterior, então começar a contribuir passou a ser algo importante para mim.

Para um sem-teto, ou para quem vende a *The Big Issue*, não há uma verdadeira contribuição com a sociedade — ele sabe que a sociedade se ressentia por isso. Muitas pessoas têm um grande prazer em lhe dizer isso na cara: “Arranje um emprego, seu vagabundo”. Essa frase se transformou num refrão comum na minha vida por uma década.

O resultado disso é que você se torna gradualmente mais marginalizado pela sociedade. As pessoas não entendem que a falta de autoestima e a desesperança geral de um sem-teto, que faz shows nas ruas ou trabalha como vendedor ambulante da revista *The Big Issue*, são devidas, em parte, a isso. Ou seja, você quer ser parte da sociedade, mas essa mesma sociedade está, efetivamente, banindo você. É um verdadeiro círculo vicioso.

Contribuir fazendo a minha parte era o sinal mais tangível de que eu passei a ser “um membro” da sociedade. E a sensação era boa.

Houve muitos outros aspectos positivos com o sucesso do livro.

Ele melhorou meu relacionamento com meus pais, por exemplo. Entre a multidão na Waterstones naquela noite de autógrafos em março estava meu pai, que eu tinha convencido a ir em parte pela curiosidade e em parte para me dar apoio moral. O olhar perplexo mas feliz no rosto dele ao testemunhar as filas viverá na minha memória por muito, muito tempo. Depois de todas as decepções, senti como se tivesse lhe dado algo de que se orgulhar. Finalmente.

Ele ficou comovido quando lhe mostrei o agradecimento que escrevi para ele e minha mãe. Disse que até chorou quando leu o livro em casa. Ele me ligou para dizer “muito bem” e a mesma coisa em outras ocasiões. Ainda me mandou cortar o cabelo e a barba, é

claro, mas pelo menos parou de me encher para “arranjar um emprego decente”.

Não falamos em grandes detalhes sobre o que sentíamos em relação ao passado, não era o estilo dele. Ele não é o tipo de pessoa que fica com muita intimidade. Eu suspeitava saber o que ele estava pensando, mas também sabia que ele não conseguia expressar. Não conseguia formular as palavras, mas tudo bem. Saber que estava feliz era o suficiente para mim.

Eu também viajei à Austrália para passar um tempo com minha mãe. Ela tinha lido o livro e chorado. Disse-me que se sentiu culpada por muitas das coisas que tinham acontecido, mas foi honesta o suficiente para dizer que, quando adolescente, eu era um pesadelo que teria desafiado até mesmo a mãe mais santa do mundo. Aceitei isso.

Fomos francos e honestos um com o outro e percebemos que seríamos amigos dali em diante.

Outro aspecto gratificante do sucesso do livro foi o impacto que teve sobre a atitude dos vendedores ambulantes da *The Big Issue* e sobre os sem-teto em geral. Muitas escolas e instituições de caridade escreveram, dizendo-me como minha história com Bob os havia ajudado a entender melhor o drama dos sem-teto.

Bob e eu estávamos no Facebook e no Twitter e todo dia recebíamos uma mensagem de alguém explicando como havia mudado de postura em relação aos vendedores ambulantes. Muitos diziam que passaram a respeitá-los e até engatar uma conversa com eles. Eu sabia que tivera minhas dificuldades com a revista *The Big Issue*, mas sentia um enorme orgulho de ter passado por ela, pois é uma instituição decente, que merece o apoio de todos, especialmente nesses tempos econômicos sombrios.

Em um nível mais profundo, nossa história também parecia se conectar com as pessoas que enfrentavam momentos difíceis iguais aos nossos.

Centenas delas me escreviam ou me contatavam por meio das mídias sociais.

Alguns liam nossa história de sobrevivência e se inspiravam. Outros reconheciam o poder de cura da companhia de um animal. Mais uma vez, eu me sentia imensamente orgulhoso toda vez que recebia uma mensagem desse tipo. Nunca imaginei que tocaria a vida de uma pessoa, muito menos de milhares delas.

Algumas pessoas exageravam um pouco e concediam algum tipo de divindade a Bob e eu. Pode ser que Bob tenha sido um santo, mas eu não, disso tenho certeza. Você não pode passar uma década lutando por sua existência diária nas ruas londrinas sem ser moldado por esse ambiente hostil. Você não pode viver uma parte da vida na dependência de heroína sem ser prejudicado por essa experiência nefasta. Eu era um produto do meu passado.

Assim, sabia que levaria muito tempo para aplainar as arestas mais ásperas da minha personalidade. E eu estava bem consciente de que nunca me livraria do passado. As pessoas sempre surgiriam para me fazer lembrar dos meus anos perdidos. Sob o ponto de vista médico, eu também ainda carregava as cicatrizes do meu passado abusivo. A punição que infligi ao meu corpo continuaria a cobrar seu preço. Em suma, o tal “santo” James de Tottenham não existia. Nunca existiu e nunca existiria. A pessoa que definitivamente existia, porém, era alguém que recebera sua segunda chance na vida, alguém determinado a aproveitá-la. E, se eu alguma vez perdesse isso de vista, teria constantes lembretes dos motivos de a segunda chance ser tão importante.

Recentemente recebi uma carta de uma senhora de uma pequena comunidade rural em Gales, cuja amiga íntima acabara de perder uma longa luta contra o câncer. Ela havia dado meu livro a sua amiga durante seus últimos dias de vida. A amiga ficou tão tocada que dera, por sua vez, um exemplar ao pastor local. Durante o discurso dele no funeral na pequena capela da vila, ele exibiu a capa na frente da congregação e mencionou quanto o livro tinha significado para aquela senhora, elogiando a “maravilhosa jornada

de esperança” minha e Bob. Meu gato e eu éramos, disse o pastor, um exemplo “do poder da fé, da esperança e do amor”. Ler isso me provocou torrentes de lágrimas. Foi uma incrível lição de humildade que ficou na minha cabeça por dias.

Durante muitos anos, essas três preciosas qualidades — fé, esperança e amor — estiveram ausentes da minha vida. Mas daí uma reviravolta do destino me presenteou com todas as três. Estavam encarnadas no gato travesso, brincalhão, sagaz e por vezes rabugento, mas sempre dedicado, que me ajudou a mudar a minha vida.

Bob tinha me ajudado a restaurar a fé em mim mesmo e no mundo ao meu redor. Ele me mostrara esperança quando eu realmente não a enxergava muito. Acima de tudo, ele me dera o amor incondicional de que cada um de nós precisa.

Durante uma de minhas aparições televisivas na BBC, um apresentador me fez uma pergunta que me desconcertou a princípio.

— O que você fará quando Bob não estiver mais por perto?

Fiquei um pouco emotivo diante do simples pensamento de perdê-lo, mas, uma vez recomposto, respondi o mais honestamente possível. Eu disse que sabia que os animais não viviam tanto quanto nós, seres humanos, mas que valorizava cada dia que eu partilhava com ele. E, quando chegasse o momento de ele partir, ele viveria nos livros que inspirou.

Talvez tenham sido as palavras mais verdadeiras que já proferi.

O mundo antes de conhecer Bob parecia um lugar cruel, insensível e, sim, sem esperança. O mundo que passei a enxergar através dos olhos do meu gato é muito diferente. Houve um tempo em que eu não conseguia distinguir um dia do próximo. Agora, valorizo cada um. Sou mais feliz, mais saudável e mais realizado do que nunca. Por enquanto, pelo menos, tenho escapado da dura vida nas ruas... Posso ver um caminho desimpedido à minha frente.

Não faço ideia do lugar para onde nossa aventura nos conduzirá em seguida. Mas sei que, enquanto estiver por perto, Bob estará no cerne de todas as coisas boas que acontecem. Ele é meu companheiro, meu melhor amigo, meu professor e minha alma gêmea. E continuará sendo tudo isso. Sempre.



Agradecimentos

Escrever este livro foi um processo colaborativo, e eu preciso agradecer à equipe incrivelmente talentosa e prestativa que me ajudou a cruzar a linha de chegada. Garry Jenkins foi a mão norteadora, extraíndo habilmente as histórias e depois dando forma ao manuscrito. Na Hodder, tenho de agradecer a Rowena Webb e Maddy Price, juntamente com Ciara Foley, que editaram o texto. Destaco ainda os brilhantes agentes publicitários Emma Knight, Kerry Hood e Emilie Ferguson. Um grande *obrigado* a Dan Williams, pelos desenhos esplêndidos da versão original. Na Aitken Alexander, sou totalmente grato à minha fantástica agente, Mary Pachnos, bem como à equipe de Sally Riley, Nishta Hurry, Liv Stones e Matilda Forbes-Watson. Obrigado também a Joaquim Fernandes, na Aitken Alexander, e a Raymond Walters, na R Walters & Co, pela inestimável orientação e ajuda.

Gostaria de agradecer aos meus melhores amigos, Kitty e Ron, por ficarem ao meu lado durante este ano, que foi meio louco. Algumas situações não foram fáceis, mas eles permaneceram firmes e fiéis. Devo a ambos mais do que posso dizer. Sou grato também aos meus pais, pelo amor e pelo apoio, não somente no ano passado, mas durante os tempos mais sombrios e difíceis, quando, reconheço, eu estava longe de ser um bom filho. Não posso perder a oportunidade de agradecer às muitas pessoas que me escreveram, diretamente ou por meio das redes sociais, enviando votos de boa sorte e compartilhando suas experiências. Tentei responder todas as mensagens que pude, mas espero ser perdoado por não conseguir dar retorno a cada um de vocês. As reações têm sido impressionantes.

Acima de tudo eu gostaria de agradecer, obviamente, ao carinho que continua sendo o meu companheiro constante.

Ainda não sei se fui eu quem encontrou Bob ou se foi ele quem me encontrou.

O que sei é que sem ele eu estaria completamente perdido.

James Bowen, Londres, maio de 2013.



[1] Imelda Marcos, esposa de Ferdinando Marcos, ditador das Filipinas de 1965 a 1986, ficou conhecida por desperdiçar fortunas dos cofres públicos comprando sapatos que jamais viria a usar. (N. T.)

[2] Personagem do romance *Um conto de Natal*, de Charles Dickens, caracterizado pela ganância e avareza. (N. T.)

[3] Hercule Poirot é o detetive dos romances policiais da autora britânica Agatha Christie. Columbo é o tenente da premiada série policial de tevê norte-americana dos anos 1970, também chamada *Columbo*. (N. T.)

[4] *Oliver Twist* é um romance de Charles Dickens sobre um garoto órfão. (N. R.)

[5] ONG do Reino Unido especializada em assistência a animais. (N. T.)

[6] Em tradução livre, “Sid dos seis jantares”. Sid é o nome do gato personagem. (N. T.)

[7] Inspirado na Revolução Francesa, *Um conto de duas cidades* é um romance de Charles Dickens que aborda as injustiças sociais na Inglaterra da época. (N. T.)

[8] Departamento de Saúde e Segurança Social. (N. T.)

[9] Talvez você seja aquela que me salva. (N. T.)

[10] Expressão inglesa para dizer que o mês de março se inicia com baixas temperaturas, portanto mais “selvagem” (como o leão), e termina com temperaturas mais amenas e agradáveis (lembrando um dócil cordeirinho). (N. T.)